

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**PUC-SP**

**VINÍCIUS COSTA FONTES**

**UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UM  
CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO SOBRE A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**São Paulo**

**2013**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

**PUC-SP**

**VINÍCIUS COSTA FONTES**

UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE TÉCNICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE UM  
CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO SOBRE A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo., como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Profa. Doutora Wanda Maria Junqueira de Aguiar.**

**São Paulo**

**2013**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha família, que me apoiou a todo o momento e suportou com muito humor e amor os vários instantes de todo o processo de produção deste trabalho. Em especial dedico ao meu sobrinho Mateus, que ainda não sabe ler, mas nasceu enquanto essa dissertação estava na gestação e deixou o mundo ainda mais encantador.

Dedico este trabalho aos professores do curso por me ensinarem tantas coisas e me tornarem uma pessoa e um pesquisador melhor. Agradeço especialmente à professora Ana Bock e ao professor Júlio Ribeiro Soares por toda atenção e carinho com este trabalho e com meu período no Mestrado.

Dedico em especial à Professora Wanda Aguiar, pelas orientações e oportunidades que me concedeu. Espero um dia orgulhar meus alunos como sinto orgulho de alguns mestres que tive, como ela. Na constante ressignificação do que é ser um bom professor, encontrei na Professora Wanda e em sua relação amorosa com o saber e o ensinar uma de minhas mais fortes e positivas matrizes. Professora, minha gratidão e admiração são incomensuráveis.

Dedico à Priscila e à Emiliana, por terem sido as maiores e melhores companhias durante estes anos. Vocês foram a melhor parte de tudo.

Dedico este trabalho ao leitor, porque um texto só respira quando alguém o lê. Peço humildemente paciência com quaisquer erros que encontrar. Tenho apenas o desejo que este trabalho seja tanto agradável como útil para quem o lê.

Dedico este trabalho ao Transcendente, pela oportunidade de existir e me permitir conhecer todas essas pessoas e tantas outras que não tem o nome aqui mas transbordam em meu coração.

Dedico à CAPES, ao CNPq e a PUC-SP pela oportunidade das bolsas de estudo. O financiamento foi fundamental para a participação de diversas atividades acadêmicas e para a qualidade da produção desta dissertação.

Dedico este trabalho aos Técnicos de Educação Física e demais funcionários do Centro Educacional Unificado em que foi realizada a pesquisa, que cederam seu tempo e atenção para a realização deste trabalho. Estes profissionais foram muito prestativos, atenciosos e colaboraram em todos os momentos da pesquisa. Sem eles, não esta dissertação não existiria.

“Ele não sabia o que estava procurando. Só sabia que ainda não tinha encontrado, embora houvesse momentos, nas terras altas, nos penhascos e nas cachoeiras, nos quais aquilo de que ele precisava parecia estar por perto – atrás de um bloco de granito ou no bosque de pinheiros mais próximo.”  
Neil Gaiman, *Coisas Frágeis*, 2008, p.160.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as significações constituídas pelos Técnicos de Educação Física de um Centro Educacional Unificado (CEU), sobre o esporte competitivo escolar. A competição desportiva escolar é considerada, tanto pelos entrevistados quanto pela literatura, um recurso potencialmente didático, sendo necessário compreender a utilização e o direcionamento das políticas públicas e dos técnicos deste recurso, considerando os mediadores socioculturais da escola, do esporte, da comunidade e do próprio profissional. A presente pesquisa tem a proposta de analisar os sentidos e significados constituídos pelos técnicos sobre o esporte competitivo escolar, visto que são eles que coordenam e inserem as atividades e treinamento para as competições esportivas na instituição escolar. Por meio do estudo das significações destes profissionais, acreditamos ser possível conhecer aspectos da atividade esportiva competitiva escolar que possibilitem uma melhor compreensão do profissional da educação, da competição, do esporte e sua proposta educacional escolar. A instituição escolar pública em que está sendo realizada a pesquisa possui propostas pedagógicas para a competição esportiva além de dispositivos e instalações adequadas para sua execução. Num primeiro momento, foi enviado a todos os Técnicos de Educação Física do Centro Educacional Unificado um questionário elaborado com perguntas abertas, dividido em três partes: a primeira sobre a formação e atividade profissional dos entrevistados, a segunda sobre a competição esportiva escolar e a terceira com um espaço de preenchimento livre do técnico sobre o tema competição, esporte, educação e escola. Após o recolhimento dos dados foram efetuadas entrevistas com três desses técnicos para o enriquecimento e a aprofundamento das questões levantadas na literatura e nos questionários. O trabalho, baseado na Psicologia Sócio-Histórica, utilizou o procedimento dos Núcleos de Significação conforme descrito por Aguiar e Ozella (2006) para a análise dos dados obtidos. Concluiu-se que o esporte competitivo escolar possui diversos benefícios possíveis ao processo de desenvolvimento do aluno, desde que direcionado por adultos responsáveis que zelem prioritariamente pelo bem estar discente e de acordo com um

planejamento pedagógico da atividade esportiva. O esporte competitivo escolar também apresenta riscos caso não possua uma liderança preocupada com o pleno desenvolvimento dos alunos, sendo necessário considerar que o esporte competitivo escolar é mediado por uma série de elementos que compõe a totalidade sobre o tema, como a percepção da direção escolar sobre as possibilidades educativas do esporte; o projeto pedagógico adotado pelo técnico/professor responsável pela atividade; a história do esporte na instituição escolar e sua inserção no Brasil; as formações iniciais e continuadas dos profissionais e a influência dos meios de comunicação nas significações do esporte para a população, tornando essencial a percepção crítica do esporte esportivo escolar e trabalhos de formação continuada para os profissionais responsáveis por estas atividades.

**Palavras-chave:** Educação, esporte, escola, significações, treinadores, CEU

## **ABSTRACT**

This study has the objective of analyzing the significations constituted by the Physical Education Coaches of a Centro Educacional Unificado (CEU), about the scholar competitive sports. The competitive scholar sports is considered, as much to the interviewed as to the literature, a potential didactical resource, making it necessary to comprehend use of this resource by the public politics and the coaches, considering the cultural mediators of the school, the sport, the community and the professional itself. The present research has the proposition of analyzing the senses and meanings constituted by the coaches about the competitive sports in school, considering that they are the ones that coordinate and insert the activities and training for the competitive sports in the school institution. Through the study of the meanings of the Coaches about competitive sports in school, we believe it is possible to know aspects of the competitive sports activities in school which enables a better comprehension of the professional in the educational field, the competition, the sport and its educational proposal in school. The scholar institution that this research was realized has pedagogical purposes for the competitive sports and educational programs and physical installations required for its execution. In the first moment, it was send to all the Coaches of the Centro Educacional Unificado a survey questionnaire made eight open questions, divided in three parts: the first one about their formation and professional activities, the second one about competitive sports in school and the third one with a blank space for free writing of the coach about the theme (competition, sports, education and school). After gathering the data, interviews were made with three coaches for the enrichment and deepening of the data brought up in the surveys. This research, based on the Social-Historical Psychology, used the procedure of the Meaning Core as described by Aguiar and Ozella (2006) for the analysis of the data obtained. It was concluded that the competitive sport in school must be directed according to the pedagogical planning for the sports activity. The competitive sport in school also presents risks in case it doesn't have a leadership concerned with the plain development of the students, being necessary to consider that the scholar competitive sports is mediated by a

many elements that composes the totality of the theme, like the perception of the school administrators about the educational possibilities of the sport; the pedagogical planning adopted by the coach/trainer responsible for the activity; the story of the sport in the scholar institution and its insertion in the Brazilian history; the professional formations enabled and the influence of the media in the meaning of the sports for the population, making it essential the critical perception of the competitive sports in school and the possibility of continuous formation for the professionals responsible for these activities.

Keywords: education, sport, competition, coaches, school, CEU

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
A origem do problema .....	12
A relevância do tema e do problema por meio da revisão de literatura .....	15
Estrutura do trabalho .....	20
1. REFERENCIAL TEÓRICO .....	21
1.1 A perspectiva Sócio-Histórica do humano .....	21
1.2 Categorias constituintes da perspectiva Sócio-Histórica .....	26
1.2.1 Categorias Historicidade, Atividade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e Subjetividade .....	27
2. ESPORTE, EDUCAÇÃO, ESPORTE E COMPETIÇÃO .....	38
2.1 Uma breve história do Esporte .....	38
2.2 Definição, valores e contra valores do Esporte .....	42
2.3 Esporte e Educação .....	44
2.4 Esporte e Competição .....	46
2.5 Esportes e a Educação Integral .....	50
2.6 As políticas públicas do esporte no Brasil .....	51
3. ASPECTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS .....	57
3.1 Sujeitos .....	58
3.2 Sobre a Instituição escolar em que ocorrerá a pesquisa .....	59
3.3 Instrumentos .....	61
3.4 Procedimentos para a obtenção de informações .....	62
3.5 Referencial e procedimento de análise .....	63

3.5.1 Análise dos questionários .....	63
3.5.2 Análise das entrevistas .....	65
4. O PROCESSO DE ANÁLISE .....	67
4.1 O levantamento dos pré-indicadores .....	67
4.2 Da aglutinação dos pré-indicadores em indicadores .....	84
4.3 Dos indicadores à constituição dos núcleos de significação .....	116
5. NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO .....	117
5.1 Núcleo 1 – Benefícios e Valores Educativos do Esporte Competitivo Escolar .....	117
5.2 Núcleo 2 – Esporte Competitivo na instituição escolar: objetivos, possibilidades e limitações .....	130
5.3 Núcleo 3 – O Técnico em atividade: da formação à ação .....	146
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	155
REFERÊNCIAS .....	164
ANEXOS .....	172

## **INTRODUÇÃO**

### **A Origem do Problema**

Este é um trabalho que visa analisar as significações constituídas pelos técnicos de educação física de um Centro Educacional Unificado (CEU), da cidade de São Paulo, sobre o esporte competitivo escolar. A pesquisa foi realizada em um CEU na cidade de São Paulo, sob a gestão da Prefeitura da mesma.

O interesse pelo tema surgiu por três grandes áreas de meu interesse: a psicologia, a educação escolar e o esporte. Das escolas onde estudei, algumas tinham a competição fortemente estimulada em diversos mecanismos além do esportivo. Da quarta série ao fim do ensino fundamental, a escola onde estudei, em Pernambuco, tinha forte cunho militar e eram premiados os alunos de cada série com as maiores notas, em cerimônias solenes e entregas de medalhas de ouro, prata e bronze para os primeiros colocados. A competição era muitas vezes tamanha que o desempate ocorria na segunda casa decimal da média global de todas as notas do aluno, sempre próximo da nota 10, da excelência.

Um ano antes de concluir o ensino fundamental neste colégio, mudei-me para São Paulo com a minha família. Estudei todo o ensino médio numa escola tradicional paulista, e novamente a competição e o ensino se misturavam, justificados pela demanda competitiva do mercado de trabalho. A escola separava os alunos por classe de acordo com suas notas, sendo as primeiras classes compostas pelos melhores alunos, com as maiores notas, em ordem decrescente até as últimas.

A competição não se materializava somente nas divisões das classes e nos boletins, que apresentavam diversos números, estatísticas e colocações sobre a posição do aluno em relação à própria sala e a todo o colégio. Ouvíamos diariamente sobre o devorador mercado de trabalho e a necessidade da excelência para irmos para boas universidades e conseguirmos carreiras bem sucedidas. Neste ambiente competitivo, a partir do segundo ano do colegial não havia mais espaços na grade

curricular para as aulas de educação física, a fim de ter-se mais tempo para as disciplinas tradicionais, componentes dos exames de vestibular. Esta dinâmica foi, para mim, um exemplo de educação que visa responder diretamente o mercado de trabalho e enfatiza a concorrência e a superação do outro como forma de sobrevivência econômica e social do indivíduo.

Do ensino fundamental ao superior vivenciei a competição desportiva de diferentes maneiras e com as mais diferentes abordagens. Participei e ganhei campeonatos de xadrez, natação, judô e atletismo e conheci diferentes modalidades esportivas. Ainda na instituição escolar tive professores que apenas cediam uma bola para a turma e ordenavam que jogássemos futebol sem qualquer palavra ou direcionamento, muitas vezes com o próprio professor se ausentando da aula. Percebi que crianças como eu podiam adorar o jogo, a atividade física e, eventualmente, o treino e a competição, assim como podiam fugir das quadras pelo caráter excludente e vexatório que o esporte e os praticantes sem um treinador responsável podem ocasionar.

Tive docentes que partiam da particularidade de cada aluno nos treinos esportivos, enfatizando a importância do respeito para com o próximo e da união no grupo; vi colégios unindo diversas séries e classes em atividades esportivas e movimentos integrativos da instituição com a comunidade e vivenciei também confusões, brigas e acidentes de grandes proporções em campeonatos esportivos no ensino fundamental e médio.

O esporte, o jogo e a competição são termos que, apesar de suas diferenças, tocam elementos comuns. Utilizamo-nos do dicionário de Houaiss e Villar (2010) a fim de apresentar o significado central destes termos para que possamos ampliá-los e conjugá-los posteriormente. *Jogo* é o “nome comum a certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreativa, diversão ou entretenimento” (p.459); *esporte* é tanto uma “atividade física regular que envolve treinamento metódico e respeito a certas regras”, quanto “jogos que tem um conjunto de regras específicas.”

(p.324); *competir* é, “entrar em concorrência simultânea” (p.181), sendo a *competição* “prova esportiva em que concorrem pessoas ou equipes” (p.181) e *concorrer* “opor-se a outrem com o mesmo objetivo e buscando vencê-lo” (p.184).

Concordamos com Machado (2006) que o esporte é uma forma excepcional para o desenvolvimento de diversas qualidades sociomotoras, mas é necessário que em sua implantação existam propostas educacionais. O jogo, segundo o autor, tem como constituintes a espontaneidade, a criatividade, e a expressividade de características culturais próprias. Desta forma, o jogo é o melhor caminho para a iniciativa esportiva, enfatizando outros valores além da vitória, como o prazer de simplesmente jogar. O esporte difere do jogo ao colocar certas características na atividade, como as regras, a busca por alto rendimento e os juízes que, se por um lado podem descaracterizar a atividade recreativa, por outro pode mobilizar o desejo e a emotividade, podendo assumir características lúdicas em sua prática.

Debater a competição por si só como uma ideia ou abstração não é suficiente, pois isto a desprezaria da realidade e de seus constituintes histórico-culturais. Consideramos, como Machado (2006), que a competição desportiva escolar pode ser um recurso didático utilizado para atingir um determinado objetivo, sendo necessário compreender a utilização e o direcionamento que o professor faz deste recurso. Para compreender este professor e suas atividades, faz-se necessário o conhecimento dos mediadores socioculturais da escola, do esporte, da comunidade e do próprio professor. A presente pesquisa tem a proposta de analisar as significações constituídas pelos técnicos sobre o esporte competitivo escolar, visto que são eles quem coordenam e inserem a competição esportiva neste ambiente educativo. É possível, por meio do estudo de suas significações, conhecer aspectos da formação do professor e de sua atividade que possibilitam uma melhor compreensão do profissional da educação.

Consideramos fundamental que o docente tome como ponto de partida para a atividade esportiva a própria criança e que saiba que sua função social, assim como a do processo escolar, é a intervenção pedagógica no desenvolvimento do aluno. É a atividade intencionalmente educativa da escola que legitima o docente como mediador fundamental e privilegiado na relação da criança com a apropriação e reconstrução da cultura, exigindo um educador que zele pelos alunos e dirija a equipe nos pressupostos éticos do respeito e honestidade para com o próximo.

### **A Relevância do tema e do problema através da revisão de literatura**

Com a intenção de dialogar com pesquisas da área da educação e do fenômeno esportivo competitivo na escola, apresentamos neste tópico algumas pesquisas recentes relevantes ao tema:

Uma interessante pesquisa relativa à competição (RÚBIO 2006), foi feita sobre o fenômeno da derrota no esporte contemporâneo. A autora considera que os desdobramentos da derrota não são suficientemente estudados e que isto contribui para uma atitude de negação em relação a essa situação por parte de atletas e profissionais que atuam no universo esportivo. Com o objetivo de apresentar uma discussão sobre o imaginário da derrota no esporte contemporâneo e como esse evento se dá entre atletas brasileiros ganhadores de medalhas olímpicas, a pesquisadora percebe que prevalece, no início do século XXI, a vitória a qualquer custo, a fim de encobrir a maior sombra do esporte do alto rendimento, a derrota. Os dados corroboram com nossa pesquisa pois o fenômeno da derrota foi apontado pelos técnicos participantes do estudo, nos questionários e entrevistas, como um dos maiores problemas na execução de uma atividade esportiva competitiva escolar.

O supertreinamento, um desequilíbrio envolvendo estresse e recuperação, típica da área do esporte competitivo, segundo Alves, Costa e Samulski (2006) é um fenômeno a ser evitado. Suas características envolvem a queda no desempenho, fadiga crônica, infecções respiratórias e alterações do humor com forte impacto na qualidade de vida dos atletas

no esporte. O trabalho conclui ser fundamental na atividade esportiva o olhar atento dos treinadores para uma efetiva prevenção em relação ao supertreinamento e bem estar dos atletas.

A pesquisa de Santos e Nista-Piccolo (2011) investigou a significação que o professor de Educação Física, que atua no Ensino Médio, tem sobre a aplicação do esporte em suas aulas na escola. Neste trabalho os autores buscaram identificar qual a concepção atribuída ao esporte e à competição, bem como verificar qual o sentido da prática esportiva nesse contexto. O esporte aparece sempre relacionado à saúde, educação, cultura, competição, prática pedagógica e inclusão. Especificamente no tema esporte e competição, percebeu-se o que os autores denominaram uma visão reducionista do esporte nas aulas de Educação Física, em que se configuram a seleção dos alunos habilidosos; a realização de torneios; os gestos técnicos e os fundamentos como principais meios de tratar o esporte, sempre apontando a aptidão como forma de seleção. Os professores relatam que esse é o melhor método de fazer com que os alunos se interessem pelo esporte no Ensino Médio e tiveram dificuldades em apontar uma visão dessa relação fora do âmbito competitivo sob outras formas de manifestação no ambiente escolar.

Abordando o atual tema da inclusão, dois trabalhos se destacam: Azevedo e Gomes Filho (2011) questionam como as práticas competitivas poderiam favorecer a inclusão social. A pesquisa conclui que não há oposição entre competitividade e inclusão e o esporte é apresentado como uma ocupação social que se torna uma opção na busca da excelência. Já na vertente da psiquiatria, a pesquisa de Labronici et al (2000) consistiu em avaliar o esporte como método de reabilitação e analisar os aspectos físicos, psicológicos e sociais dos portadores de limitação física, especialmente com enfermidades crônicas e que já não se encontram em programa de reabilitação. Como instrumentos foram usadas escalas como Rivermead e o perfil psicológico POMS aplicados antes da prática do esporte e dois anos depois. Este estudo conclui que o esporte pode trazer para o portador de limitação física uma melhor integração social e que as

mudanças vivenciadas pelos grupos da pesquisa expressaram um sentimento e vontade de melhorar o mundo, provando para si mesmo e para a sociedade que são capazes de ter soluções para suas maiores dificuldades ou barreiras.

Noutro estudo também abordando a possibilidade esportiva como facilitadora da inclusão social, Vianna e Lovisolo (2011) se propõem a investigar a percepção de professores de educação física, que atuam em projetos de inserção social através do esporte em comunidades populares do município do Rio de Janeiro, sobre estas atividades. Os entrevistados atuavam em programas de intervenção sócio educacional através do esporte situados no interior de duas favelas do município do Rio de Janeiro e os resultados da pesquisa revelam que: a) os professores não conseguem perceber em seus alunos potencial para crescerem no esporte; b) não acreditam no esporte como meio de formação pessoal e profissional; c) não acreditam que as condições materiais e de infraestrutura sejam suficientes para a formação dos alunos; d) não percebem em si competência para contribuir na formação dos alunos; e) não estão comprometidos com o processo de formação dos alunos. Os autores relatam que as experiências anteriores dos professores participantes da pesquisa influenciavam suas vidas pessoais, profissionais e nas experiências mal sucedidas com esportes nos Projetos de Inclusão Social, interessados na diminuição das desigualdades, fazendo com que os projetos percam sua eficácia devido à evasão ou ao curto tempo de permanência dos profissionais e usuários nos Projetos de Inclusão Social.

Numa importante pesquisa encontrada envolvendo as políticas de esporte escolar e construção social do currículo de educação física, Millen Neto, Ferreira e Soares (2011) descrevem e analisam como os jogos estudantis influenciam a construção social do currículo de uma escola municipal do Rio de Janeiro. Os resultados permitiram considerar que o discurso do rendimento esportivo contribui para a legitimação da educação física na escola investigada e também para o reconhecimento da excelência da própria escola. Desta forma as ações pedagógicas

concentram-se nos resultados e não na formação de todos os alunos, sendo suprimida em função das vitórias esportivas.

Como vimos no contexto da pesquisa, a obtenção de bons resultados nos jogos não significa a distribuição de maiores oportunidades de práticas, experiências e de novas aprendizagens esportivas para todos os alunos. Os não escolhidos para as equipes não receberam nenhum tipo de apoio pedagógico para realizarem seus desejos de melhorarem suas competências esportivas. Destacamos que, apesar de entendermos que o currículo não pode tornar todas as atividades escolares compulsórias, a missão da escola é dar oportunidades de desenvolvimento para aqueles que desejam desenvolver suas aptidões, independente do estágio de partida. (MILLEN NETO, FERREIRA, SOARES, 2011, p.422)

As políticas públicas e educacionais também são abordadas por Mendes e Azevedo (2010) na comparação histórica da educação física escolar e o quadro de crescimento das políticas públicas de esporte e lazer, e de projetos sociais esportivos no Brasil. Os resultados evidenciaram que, no atual ordenamento sociopolítico-econômico, a utilização do esporte e do lazer ocorre ora como mercadoria, ora como “pseudodireito” social, considerando seu uso enquanto aparelho ideológico estatal.

Nunomura, Carrara e Tsukamoto (2010) abordam o controverso tema da especialização precoce na modalidade Ginástica Artística em sua pesquisa. O estudo investigou, entre os técnicos da modalidade, a idade que eles consideram a ideal para o início da prática e a especialização e os respectivos argumentos. Os técnicos citaram que a especialização precoce ocorre devido à própria natureza da modalidade, à idade de participação em eventos oficiais e ao tempo de preparação necessário para que os ginastas apresentem condições para competir. Os autores também ouviram discursos e consideraram o cenário atual do mercado de trabalho em que os professores e técnicos são cobrados e necessitam manter suas posições de trabalho competindo e obtendo resultados que satisfaçam as instituições, os pais e os patrocinadores. No entanto, é

afirmado, e nós concordamos, que os técnicos e demais envolvidos no esporte devem proteger e cuidar dos atletas, para prolongar sua participação e, principalmente, para proporcionar-lhes experiências positivas no esporte.

Problematizando a constituição da desigualdade social no Brasil e como tal aspecto afeta diretamente os jovens, Nogueira (2011) debate sobre o lugar do esporte em políticas públicas para a juventude brasileira. Ele conclui que os aspectos contraditórios e complexos que caracterizam o esporte tendem para intervenções que ora reforçam, ora enfraquecem conceitos como participação, cidadania, justiça social e democracia, e somente o esporte não é capaz de resolver o problema da desigualdade social, sendo, no entanto, uma importante ferramenta na transformação da qualidade de vida e transformação dos sujeitos.

Em relação ao abandono do esporte competitivo, Bara Filho e Garcia (2008) pesquisaram os motivos do abandono no esporte em jovens com idades compreendidas entre 10 e 20 anos, comparando modalidades esportivas, gênero e faixas etárias. A amostra foi composta por 332 jovens (179 meninos e 153 meninas) que haviam abandonado seus respectivos esportes, como futebol, basquete, natação, ginástica artística e handebol. Os principais motivos gerais do abandono foram: estudos; falta de tempo para amigos/ namoro/ lazer, a existência; outros interesses; monotonia dos treinos; desmotivação; esgotamento; excessivo tempo de dedicação; lesões/ problemas de saúde e falta de companheirismo nas modalidades coletivas. Ainda que se tenha levantado e observado uma multiplicidade de motivos do abandono do esporte, faz-se necessário conhecê-los para se desenvolver estratégias para evitar que este fenômeno ocorra sistematicamente no esporte.

Em nosso estudo, consideramos fundamental entender o papel do esporte e seu caráter competitivo no âmbito educacional pelo viés das significações dos técnicos de uma instituição escolar pública, que possui políticas e propostas pedagógicas sobre a competição esportiva além de

dispositivos e instalações adequadas para sua execução. Acreditamos que ao final da pesquisa apresentamos um material que pode auxiliar os professores a dimensionarem melhor sua atuação profissional, e forneça dados importantes sobre a execução, possibilidades e compreensão do esporte competitivo escolar.

### **Estrutura do Trabalho**

O trabalho segue a seguinte estrutura: A primeira parte consiste nesta introdução. No primeiro capítulo explicitaremos o referencial teórico que sustenta a presente pesquisa, onde estarão também presentes as categorias constituintes da psicologia sócio-histórica fundamentais à pesquisa. No segundo capítulo trabalharemos com os temas da educação, o esporte e a competição na instituição escolar. O terceiro capítulo contém os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. No quarto capítulo serão apresentados os processos de análise das falas dos técnicos nas entrevistas e as formulações dos pré-indicadores, indicadores até a formação dos Núcleos de Significação. No quinto capítulo serão apresentados e descritos os três Núcleos de Significação construídos, seguidos pelas considerações finais no capítulo seguinte. As entrevistas, questionários e termos de consentimento encontram-se em anexo ao final do trabalho.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A Perspectiva Sócio-Histórica do Humano

Neste capítulo são apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica que fundamentam esta pesquisa. A partir desta vertente teórica, fundamentada nas ideias de Vigotski e colaboradores, para compreender o homem é exigido que o estudemos em seu processo histórico, desvelando suas transformações, sempre considerando a dialética entre o sujeito, em sua base biológica e histórica, e o mundo, com as outras pessoas e a cultura.

A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência. (VIGOSTKI, 1998, p.80)

Vigotski foi um autor fundamental para a pesquisa. Em sua breve vida (1896-1934) liderou um grupo de pesquisadores soviéticos, os quais Aleksei Leontiev (1904-1979) e Alekssander Luria (1902-1977) foram seus principais colaboradores. A nova abordagem para a psicologia engendrada por Vigotski e seus colaboradores buscou compreender o homem como unidade da relação contraditória entre o biológico e o social. Estas ideias têm como fundamento teórico os pressupostos do materialismo histórico e do materialismo dialético que explicam que a realidade deve ser entendida a partir das condições materiais de existência em seu desenvolvimento histórico.

O materialismo dialético, como nos apresenta Abbagnano (2000), trata de um dialetismo naturalista em princípios propostos por Marx e desenvolvido por Engels e seus seguidores. Nesta concepção filosófica compreende-se que, na natureza, as variações qualitativas podem ser obtidas pela percepção de seus movimentos; que existe a continuidade da mudança incessante da natureza e que, cada síntese é, por sua vez, a tese de uma nova antítese que dará lugar a uma nova síntese. Já o materialismo histórico refere-se à interpretação histórica proposta por Marx segundo a qual a personalidade

humana é constituída intrinsecamente por relações de trabalho e de produção que o homem participa para prover suas necessidades. A consciência do homem, suas crenças religiosas, morais, políticas entre outras é resultado dessas relações.

Marx elaborou essa teoria em oposição ao ponto de vista de Hegel, para quem é a consciência que determina o ser social do homem; para Marx, pelo contrário, é o ser social do homem que determina sua consciência. (ABBAGNANO, 2000, p.652)

Ao apresentar suas ideias sobre o desenvolvimento humano, Vigotski considera a ideia de planos genéticos de desenvolvimento que, concomitantemente constituem todos os seres humanos. São eles a filogênese, a ontogênese, a sociogênese e a microgênese. O primeiro plano, a filogênese, considera a constituição da espécie, em sua base biológica, com as características da espécie. A ontogênese, marcada pela filogênese, considera as fases específicas de desenvolvimento de características específicas. A sociogênese abarca os constituintes sociais e culturais como fundamentais ao funcionamento das funções psicológicas superiores, visto que a cultura funciona como um alargador das potencialidades humanas, organizando e caracterizando diferentes formas de desenvolvimento. Por fim, a microgênese, considera o indivíduo como constituído a partir dos elementos socio-históricos e que geram as singularidades de cada ser humano.

Todas las funciones superiores no son producto de la biología, ni de la historia de la filogénesis pura, sino que el propio mecanismo que subyace en las funciones psíquicas superiores es una copia de lo social. Todas las funciones psíquicas superiores son relaciones interiorizadas de orden social, son el fundamento de la estructura social de la personalidad. Su composición, estructura genética y modo de acción, en una palabra, toda su naturaleza es social; incluso al convenirse en procesos psíquicos sigue siendo cuasi-social. El hombre, incluso a solas consigo mismo, conserva funciones de comunicación. (VYGOTSKI, 1996, p.151)

É na microgênese que encontramos o não determinismo do pensamento sócio-histórico, o quase-social, pois o homem, constituído pelos quatro planos

genéticos do desenvolvimento, se caracteriza como ser histórico social e ativo, sendo transformado e transformando a realidade numa relação dialética e não sendo apenas um reflexo passivo, determinado pela realidade. Os campos genéticos possuem estreita relação entre si. Os indivíduos humanos se desenvolvem em etapas de maturação marcadas, lidas e interpretadas num contexto cultural que permite o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e concedem ao sujeito elementos para o seu desenvolvimento único, peculiar e ativo em suas significações e atividades. O sujeito, ainda que seja constituído pelos diversos elementos sociais, biológicos, históricos, culturais e econômicos, não é um reflexo passivo destes aspectos, mas um ser ativo, capaz de transformar as condições materiais. O ser é inevitavelmente constituído pela condicionalidade das estruturas sociais e é também o agente transformador e criador dos movimentos históricos. Ao adotarmos o materialismo histórico e dialético como método e teoria, concebemos o homem como ativo, social, cultural e histórico.

Assim, falamos de um homem que se constitui numa relação dialética com o social e a história, um homem que, ao mesmo tempo, é único, singular e histórico, um homem que se constitui através de uma relação de exclusão e inclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que se distingue da realidade social, não se dilui nela, uma vez que são diferentes. (AGUIAR, 2001, p.129)

De acordo com a perspectiva sócio-histórica, é na relação dialética que o sujeito mantém com o mundo que ele continuamente se apropria da cultura, desenvolvendo suas características físicas, psíquicas e morfológicas. Concordamos com Carvalho e Ibiapina (2009) ao remeterem, ancoradas na Psicologia Sócio-Histórica, que a sociedade é um complexo de processos que institucionaliza, normatiza e legitima a vida das pessoas, sendo nesta relação e no confronto dialético dos fatos que o homem constrói a realidade subjetiva e objetiva.

As condições biológicas ou hereditárias do homem são a sustentação de um desenvolvimento sócio-histórico, que lhe imprimirá possibilidades, habilidades, aptidões, valores e tendências

historicamente conquistadas pela humanidade e que se encontram condensados nas formas culturais desenvolvidas pelos homens em sociedade. (BOCK, 1999, p.28)

Vigotski (1999) criticava a psicologia de sua época, por apresentar concepções dicotômicas sobre o fenômeno psicológico. De um lado havia o estudo de uma psicologia como uma ciência natural, que explicava os processos a partir da quantificação e subdivisão de fenômenos observáveis; e de outro lado havia a psicologia idealista, descrevendo as propriedades dos processos psicológicos de forma abstrata.

Somos dialéticos e não pensamos, de modo algum, que o caminho de desenvolvimento das ciências ande em linha reta. E se nele há ziguezagues, retrocessos ou mudanças de direção, compreendemos seu significado *histórico* e os consideramos (assim como o capitalismo é uma etapa inevitável em direção ao socialismo) como elos *necessários* de nossa corrente, etapas inevitáveis de nosso trajeto (VIGOTSKI, 1999, p.404)

Em Vigotski percebemos uma tentativa de superação desta dicotomia ao considerar a mediação como elemento fundamental na apreensão do desenvolvimento do indivíduo e da cultura. Por meio da ideia de mediação podemos apreender a realidade como síntese dos contrários, como dialética e, assim, como não dicotômica. Consideramos o processo educativo uma mediação elementar e constituinte do sujeito para o seu desenvolvimento. Neste processo, o indivíduo não é nem se torna um reflexo do processo educacional escolar, mas é constituído por este numa relação dialética entre sujeito e educação. É a partir das atividades e do movimento dialético do indivíduo com o social que se caracterizam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A qualidade da ação do homem no mundo está diretamente ligada ao bom desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são processos psíquicos de alta complexidade, como a capacidade de interpretar e criar símbolos, o pensamento, a imaginação, o planejamento, a atenção voluntária, a memória lógica e a formação de conceitos. Estas funções são desenvolvidas pelo indivíduo a partir da cultura em que se insere, sendo esta constituinte do desenvolvimento do indivíduo e

suas atividades: as funções elementares vão se transformando em funções superiores de caráter sócio-histórico.

Vigotski (1998) apresenta a ideia de desenvolvimento humano e educação como processos interligados. A educação é um elemento mediador fundamental no processo de constituição do humano, permitindo aos sujeitos internalizarem e interagirem com a cultura e o mundo. Durante o desenvolvimento da criança é de fundamental importância o processo intencional e planejado de ensino, permitindo uma apropriação cultural, afetiva, cognitiva e relacional fundamental para o seu desenvolvimento. A educação é uma mediação privilegiada para que o sujeito se aproprie, internalize e transforme os conhecimentos da cultura já acumulados. O desenvolvimento e a aprendizagem são processos diferentes, mas interligados, pois a aprendizagem impulsiona processos de desenvolvimento que, por sua vez, permitirão novas formas de aprendizagem e desenvolvimento.

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (VIGOTSKI, 1998, p.118)

Nestes pressupostos, encontramos que toda função psicológica ocorre, inicialmente, de uma forma externa, constituindo o social. O sujeito nasce imerso num contexto cultural, sendo o conhecimento adquirido por meio da educação, da cultura e das relações sociais que produzem formas especificamente humanas de atividade. É na relação dialética entre o indivíduo e o mundo que ocorre a transformação do social em individual.

A internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir: são incorporados nesse sistema de comportamentos e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica. O uso de signos externos é também reconstruído radicalmente. As mudanças

nas operações com signos durante o desenvolvimento são semelhantes àquelas que ocorrem na linguagem. Aspectos tanto da fala externa ou comunicativa como da fala egocêntrica “interiorizam-se”, tornando-se a base da fala interior. (VIGOTSKI, 1998, p.75-76)

Todas as atividades humanas, inclusive a de apropriação, são sempre permeadas por emoções e pensamentos vivenciados pelo indivíduo. Desta forma, todo pensamento, toda ação e toda significação conterà como elemento essencial em seu processo de desenvolvimento o componente afetivo-volitivo e as mediações que são constitutivas do indivíduo. Seguindo o aporte proposto pelo materialismo histórico dialético, estudar algo é estudá-lo historicamente, em seu processo de mudança.

## **1.2 Categorias Constituintes da Perspectiva Sócio Histórica**

Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (2000) o termo categoria refere-se a uma noção que serve como orientação para a investigação, sendo considerada simultaneamente determinações da realidade e noções que servem para indagar e compreender a realidade. As categorias da Psicologia Sócio-Histórica são abstrações que visam compreender os processos e movimentos de uma parte do mundo material a fim de contemplar sua complexidade à luz da teoria.

As categorias se apresentam então como aspectos do fenômeno, constituídos a partir do estudo do processo, do movimento, da gênese deste último. As categorias de análise devem dar conta de explicitar, descrever e explicar o fenômeno estudado em sua totalidade” (AGUIAR, 2001, p.95)

As categorias são, portanto, recursos para a apreensão da realidade, e, no caso desta pesquisa, para a apreensão, análise e interpretação das significações dos técnicos de um Centro Educacional unificado - CEU sobre a competição esportiva escolar. No tópico seguinte serão explicitadas as categorias centrais da Psicologia Sócio-Histórica, essenciais para a análise

deste trabalho. As categorias são: historicidade, mediação, atividade, pensamento e linguagem, subjetividade, sentidos e significados.

### **1.2.1 Categorias Historicidade, Atividade, Mediação, Pensamento e Linguagem, Sentidos e Significados e Subjetividade.**

Fundamentados nos pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica, trabalhamos com a categoria historicidade, que preza pela leitura histórica e crítica dos fenômenos e da realidade em seus processos de transformação. Temos o intuito, desta forma, de entender as produções subjetivas e a relação do sujeito com essa realidade material, sendo necessário buscar a gênese dos fenômenos na realidade, descrevendo processos e estudando os sujeitos na particularidade da sua inserção social e histórica.

Cada indivíduo percebe e se relaciona com o mundo à sua maneira, única e caracterizada pela sua história e a de sua cultura. Todo acontecimento nas vidas dos indivíduos lhes é constituinte, fazendo com que todos percebam e reajam ao mundo de forma única, que assim se constitui por meio das mediações do indivíduo. Considera-se, portanto, fundamental a compreensão da categoria historicidade, que abarca o movimento histórico-cultural em que estão imersos e são constituídos os indivíduos, considerando a relação entre objetividade e subjetividade como um processo de transformação constante. Angel Pino (2000) contribui para a compreensão desta categoria ao considerar que a história é entendida como o próprio materialismo dialético, pois desde que existe o homem, a história deste e a história da natureza são inseparáveis. Gonçalves (2001) remete ao fato que a noção materialista dialética da história implica na percepção da história como um movimento, produto da ação dos homens para a construção de sua própria existência.

Situar o homem em sua historicidade é entender o processo constitutivo e histórico da transformação dele e da natureza em seu processo. O social e o indivíduo se transformam no tempo e a Psicologia Sócio-Histórica busca compreender o processo de constituição do indivíduo e sua relação dialética

com seus fatores constituintes, sendo a categoria historicidade fundamental para uma pesquisa baseada nestes pressupostos.

A ideia de um sujeito histórico remete a um indivíduo que tem seu processo cultural e único de desenvolvimento. Este, ao ser analisado, contempla um momento específico do sujeito na sua produção de significações. Por meio da categoria historicidade torna-se necessário buscar a gênese dos fenômenos da realidade material, considerando os movimentos históricos e culturais a fim de desnaturalizar concepções generalizadas e ahistóricas e atemporais da realidade.

“A ideia de natureza humana tem um caráter ideológico, pois camufla a determinação social do homem. O homem é pensado de forma descolada de sua realidade social, realidade essa que o constitui e lhe dá sentido.” (BOCK, 1999, p.24). Concordamos com a autora e também consideramos que a ideia naturalizada do desenvolvimento da sociedade é perigosa devido à perda de seu caráter histórico. Trabalhar pela desnaturalização é reconhecer várias manifestações da naturalização dos fenômenos, onde são desconsiderados os processos de constituição destes, individualizando explicações sem considerar as mediações sociais e históricas. Deve-se desnaturalizar a concepção de homem e de mundo, reconhecendo as mediações sócio-históricas presentes nas constituições do sujeito, apontando as contradições e articulações, reconhecendo a gênese dos fenômenos e sua totalidade e a possibilidade de transformação das condições da realidade.

Pesquisar, na perspectiva sócio-histórica, exige que não tomemos os fenômenos empíricos como completamente reveladores, pois para que conheçamos o fenômeno a ser estudado é exigida a intenção de desvendar as relações e mediações constituintes que não se apresentam de imediato ao pesquisador. A Psicologia Sócio-Histórica considera que é por meio das mediações que se pode apreender a essência do humano. Sobre a categoria mediação Severino (2002) define:

Seu significado básico é ser instância que relaciona objetos, processos ou situações entre si; a partir daí, o conceito designará um

elemento que viabiliza a realização de outro e que, embora distinto dele, garante a sua efetivação, dando-lhe concretude (SEVERINO, 2001, p. 44)

A Psicologia Sócio-Histórica busca desvelar as mediações constitutivas do sujeito. A partir da categoria mediação é possível compreender a relação entre instâncias além da aparência de uma relação direta. É fundamental a compreensão das mediações sociais, culturais, econômicas, familiares, entre outras, para a apreensão dos sentidos do sujeito.

Mediação é uma categoria que considera que o mediado e o imediato compõe uma unidade de contrários. É necessário considerar o conhecimento imediato, da aparência, do objeto e também se deve buscar aquilo que está para além do aparente: as mediações e constituições. O movimento do conhecimento deve partir do empírico, mas fazer outro movimento com o pensamento que avance disto, sendo as categorias elementos fundamentais para uma devida análise sócio-histórica do fenômeno.

É a categoria mediação, portanto, que nos possibilita compreender que as características tipicamente humanas, à medida que são mediadas pelas particularidades das objetivações históricas são, ao mesmo tempo, singulares e universais. Isso significa que o homem singular jamais pode se constituir a partir do isolamento social. (SOARES, 2011, pp.36-37)

Na análise dos processos do objeto de estudo, considera-se, portanto, que estes são constituídos a partir de inúmeras mediações, pertencentes a uma totalidade que sempre está em movimento. Essa totalidade, uma categoria sócio-histórica, portanto elemento da materialidade, ao mesmo tempo que possibilidade de explicação, visa desvendar a dialeticidade das relações do indivíduo com o meio social em que vive, relação esta em que todas as partes contêm elementos do todo e o todo contém elementos de todas as partes, sem que sejam coincidentes.

Nesta compreensão de relações mediadas, o professor, assim como a escola, são mediadores fundamentais na relação do aluno com o conhecimento

historicamente acumulado pela humanidade e com as atividades sócio-relacionais que permeiam o âmbito escolar, caracterizando a intencionalidade educacional de direcionar o indivíduo ao seu pleno desenvolvimento.

O sujeito nasce dotado de um aparato biológico carregado de necessidades vitais que, no início da vida, são satisfeitas pela intervenção de outros seres. Seu desenvolvimento histórico é permeado de ações e percepções sobre os vínculos entre as necessidades e os objetos que atendem, numa dinâmica mutável entre a função estimuladora da atividade e seu resultado. O homem é inserido na cultura desde sua gênese numa interação processual e constante com o seu meio, sendo mediado pelas condições sociais e históricas. É na e pela atividade que o indivíduo transforma e age na natureza ao mesmo tempo em que transforma a si mesmo. A relação dialética que o sujeito estabelece com o mundo envolve um movimento de apropriação do social que ocorre por meio da atividade do indivíduo com o meio, sendo na atividade que o sujeito se constitui. (AGUIAR, 2001)

A internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto quantitativo da psicologia animal para a psicologia humana. (VIGOTSKI, 1998, p. 76).

As ações são componentes da atividade, que almejam alcançar o objetivo final motivador, mas diferenciam-se da atividade por esta constituir um fenômeno mais complexo, composto de várias ações que, por si, podem não coincidir. A ação é integrante da atividade, mas não se iguala a ela. Um sujeito faminto pode construir uma armadilha para capturar um animal, por exemplo, mas cavar um buraco ou montar um mecanismo não se iguala ao objetivo final de saciar sua fome: são ações que compõem a atividade e que resultarão, em seu final, na captura do animal e na alimentação de nosso sujeito exemplar. A ação é constituinte da atividade, mas a atividade não pode ser compreendida despreendida de suas ações. (MARTINS, 2004). Vigotski enfatiza o conceito de atividade em sua característica socialmente significativa, pois é na e pela atividade social, e sua inevitável significação, que o indivíduo se constitui.

A atividade humana é caracterizada pelos instrumentos culturalmente construídos que, processados e internalizados pelos indivíduos em sua relação dialética com o social, se transformam em apropriações destes. Essa conversão do social para o individual é um movimento de produções simbólicas em que o indivíduo se apropria da cultura ao reproduzir e transformar a história humana, carregados pelos objetos via a cultura (DUARTE, 2004). A apropriação dos componentes culturais envolve o sujeito ativo que em seu próprio processo e desenvolvimento altera a si e aos objetos culturais dialeticamente.

O sujeito não apenas responde aos estímulos de seu ambiente, mas também o altera ativamente. A cultura, como um dos mediadores inevitáveis da relação do sujeito com o mundo, organiza os tipos de tarefas e atividades enfrentadas pela criança em seu crescimento e os instrumentos disponíveis. Um dos instrumentos básicos criados pela humanidade foi a linguagem, essencial na organização e desenvolvimento dos processos de pensamento. A linguagem e os demais instrumentos criados pela humanidade foram inventados e modificados ao longo da história social do homem, ampliando assim sua possibilidade de atividade e apropriação do mundo. Concordamos com Luria (2010) que, assim como a linguagem carrega os conceitos generalizados que são fundamentais ao conhecimento humano, a aritmética e a escrita, por exemplo, expandem as possibilidades de ação, registro e análise do conhecimento nos diferentes momentos históricos, mediando e modificando os próprios sujeitos e o social.

As respostas iniciais dos bebês são os reflexos proporcionados por sua herança biológica, mas é por meio da constante interação e mediação dos adultos que processos psicológicos mais complexos se estruturam. Tais processos psicológicos são partilhados nas interações dos sujeitos, fazendo com que ocorra a apropriação dos meios de operação de informações, que são historicamente e culturalmente determinados transformando-se em processos intrapsíquicos.

Vigotski (2001) considera que, inicialmente, os aspectos motores e verbais do comportamento estão misturados. A constante interação do bebê com membros mais maduros da espécie e dominantes de uma linguagem é fundamental para o desenvolvimento do pensamento verbal. Após algum tempo, como afirma Luria “A fala deixa de ser um meio para dirigir o comportamento dos outros e começa a desempenhar a função de autodireção” (2010, p.30). A fala egocêntrica, que já remete a um aspecto cultural, institucionalizado, se refere a um momento do desenvolvimento em que a fala, além de acompanhar a ação, começa a organizar o pensamento.

A linguagem por si surge pela diferenciação da função inicialmente social da linguagem para outros. A estrada real do desenvolvimento da criança não é a socialização gradual introduzida de fora, mas a individuação gradual que surge com base na sociabilidade interior da criança. (VIGOTSKI, 2001, p.429)

A comunicação não mediada pela linguagem ou por outro sistema de signos é difusa, como a dos animais, e apenas viabiliza uma forma mais rudimentar e primitiva em dimensões mais limitadas de comunicação, fenômeno que Vigotski denomina contágio. Como exemplo deste fenômeno, utiliza a seguinte situação “um ganso experiente, ao perceber o perigo e levantar com uma granada todo o bando, não só lhe comunica o que viu quanto o contagia com seu susto.” (VIGOTSKI, 2001, p. 11). No campo filogenético foi a necessidade da comunicação pela atividade do trabalho que desenvolveu a linguagem. A união dos processos de pensamento e linguagem permite um modo de funcionamento psicológico mais sofisticado e complexo, pois a generalização e abstração são características da linguagem e do pensamento verbal.

O pensamento não funciona na linearidade das palavras, mas basicamente por meio de signos, de forma mais abreviada e diferente da linguagem utilizada num diálogo. No desenvolvimento do humano, por volta dos dois anos de idade, pensamento e linguagem cruzam-se para iniciar uma nova forma de pensamento, organizado e verbalizado pela fala. Em virtude desta mudança na estrutura psicológica, abre-se o campo dos sentidos e

significados da palavra, associados ao pensamento verbal adquirido pelo sujeito, recurso categorial valioso na compreensão e análise dos aspectos subjetivos do sujeito.

A comunicação estabelecida com base na compreensão racional e na intenção de transmitir ideias e vivência, exige necessariamente um sistema de meios cujo protótipo foi, é e continuará sendo a linguagem humana, que surgiu da necessidade de comunicação no processo de trabalho. (VIGOTSKI, 2001, p.11)

Vigotski (2001) demonstra que a palavra nunca se refere a um objeto isolado, mas é sempre uma generalização, um ato verbal do pensamento que conjuga a realidade de modo diverso daquele refletido nas sensações e percepções imediatas. No significado está o nó do que é chamado pensamento verbalizado, pois ele é ao mesmo tempo linguagem e pensamento, uma unidade do pensamento verbalizado. A comunicação só irá ocorrer quando o sujeito conseguir nomear suas vivências e situar as sensações experimentadas em uma determinada classe de generalização linguística conhecida também pelo interlocutor. A nomeação e construção do discurso, no entanto, é um ato laborioso pertencente tanto ao campo da linguagem quanto ao do pensamento.

A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra (VIGOTSKI, 2001, p.412).

Referindo-se a uma célebre frase de Tolstoi, Vigotski (2001, p.13) relata que “o que quase sempre é incompreensível não é a própria palavra, mas o conceito que ela exprime”. Deste modo consideramos o significado da palavra não só como unidade do pensamento e da linguagem, mas também como unidade da generalização, comunicação e pensamento.

A linguagem, portanto, construída sócio-historicamente é um instrumento fundamental na constituição do sujeito e é por meio dos signos, instrumentos culturais, que o indivíduo estabelece o contato qualitativamente superior com o

mundo exterior, com os outros e consigo mesmo. O uso dos sistemas simbólicos permite ao indivíduo a construção de uma representação que servirá como intermediário entre o fato e a lembrança do objeto gerador.

Encontraremos no significado da palavra a unidade mais simples do pensamento e da linguagem, pois não podemos afirmar que seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. “A palavra desprovida de significado não é palavra, é som vazio. Privada do significado, ela já não pertence ao reino da linguagem.” (VIGOTSKI, 2001, p.10). O significado é um traço elementar indispensável da palavra. Fica claro, portanto, que no desvelamento e na análise do discurso do outro é necessário ir além do entendimento das palavras, é fundamental entender seu pensamento, o motivo que levou a emití-lo.

O significado da palavra é uma generalização que vincula a palavra ao significado, podendo ser alterada, reforçada ou ligada a objetos e fenômenos da mesma espécie pela aparência, função ou contiguidade. A palavra não deixa de ser uma associação, mas os significados das palavras se desenvolvem, pois a relação entre pensamento e palavra é um processo, um movimento “do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento” (VIGOTSKI, 2001, p.409).

Vigotski (2001), retomando pesquisas de Paulham, diferencia o sentido do significado da palavra, afirmando que o sentido da palavra é a totalidade dos fatos psicológicos evocados na consciência, uma formação dinâmica e valorativa do sujeito, intrinsecamente ligada à história do indivíduo. O significado é apenas uma das zonas do sentido e, tomada isoladamente tem conceitos temporalmente estáveis, “mas este não é mais que uma potência que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido” (VIGOTSKI, 2001, p. 465). O autor afirma ainda que “o enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras.” (VIGOTSKI, 2001,p.10)

A associação que vincula a palavra ao significado pode ser reforçada ou debilitada, pode ser enriquecida por uma série de vínculos com outros objetos da mesma espécie, pode, pela aparência ou a contiguidade, estender-se a um círculo mais amplo de objetos ou, ao contrário, pode restringir esse círculo. Noutros termos, pode sofrer uma série de mudanças quantitativas e externas, mas não pode mudar a sua natureza psicológica interior, uma vez que, para tanto, deveria deixar de ser o que é, ou seja, uma associação (VIGOTSKI, 2001, p. 399)

O sujeito, ao nascer, surge imerso num sistema de múltiplos significados já caracterizado sócio-históricamente. O sentido é a articulação realizada pelo sujeito deste sistema de signos com as vivências pessoais, significações e ideologias vigentes em determinado momento histórico e cultural.

Enquanto o significado corresponde às relações do significante com suas representações, conceitos e generalizações essenciais para a comunicação social, o sentido possui uma amplitude maior ao constituir uma articulação particular do sujeito, diretamente ligada aos eventos de sua relação histórica com o mundo. É a partir da palavra como unidade verbal do pensamento que se torna possível ao pesquisador apreender do sujeito os sentidos que constituem sua cognição, afetos e atividades (AGUIAR, ALVES-MAZZOTTI, DAVIS, 2010).

O significado da palavra só é um fenômeno do pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice e versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento. (VIGOTSKI, 2001, p.398)

Na relação entre sujeito e mundo social e cultural, a linguagem é a principal mediação para a internalização e construção do mundo simbólico. O homem nasce inserido num universo sociocultural e é por meio das experiências e registros que desenvolve seu mundo psicológico. Cabe ao pesquisador a intencionalidade e o esforço de ultrapassar a aparência e buscar compreender as configurações das significações determinantes do indivíduo para chegar mais próximo do sentido atribuído ao fenômeno pelo sujeito, pois “todo pensamento tem um movimento, um fluxo, um desdobramento, em suma,

o pensamento cumpre alguma função, executa algum trabalho, resolve alguma tarefa”. (VIGOTSKI, 2001, p. 409)

O existir é antes de tudo desdobrar-se pelo agir numa interação permanente e intensa com os dados da natureza material, com os outros sujeitos na sociedade e com as construções simbólicas, subjetivamente produzidas por sua consciência e guardadas pela memória e objetivamente guardadas pela cultura. (SEVERINO, 2001, p.44)

A Psicologia Sócio-Histórica considera que o sujeito tem em seu desenvolvimento uma série de elementos mediadores e constituintes que caracterizam sua consciência. A constituição da subjetividade é um processo único surgido na unidade dialética entre o homem e seu meio, constituído pelas atividades e mediado pelas histórias pessoal e social.

A atividade humana tem uma relação muito estreita com o processo de constituição de homem, com sua subjetividade. Por meio dela, o homem transforma o objeto com o qual se relaciona e, ao fazer isso, também se transforma. Por isso, ela é um processo interno e externo ao mesmo tempo. É isso, portanto, o que nos possibilita afirmar que a atividade e subjetividade, embora diferentes, não são processos estranhos um ao outro; são processos indissociáveis. (SOARES, 2011, p. 54)

Consideramos que é a categoria subjetividade que, ao conter as significações, contém também o processo que articula e produz sentidos que, como tal, movimentam as ações dos sujeitos, também ativos em seus momentos históricos. Adotamos a categoria subjetividade como apresentada por Gonzalez Rey (2003) quando afirma que

A subjetividade é um fenômeno individual, e apresenta-se como um sistema complexo, produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que, em ambos os momentos de sua produção, reconheçamos a gênese histórico-cultural, isto é, não associada somente às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual. (GONZALEZ REY, 2003, p.202)

Gonzalez Rey (2002) conceitua a subjetividade como um fenômeno que se desenvolve mediado por determinantes que constituem o sujeito e que, no seu interior, gera um espaço interativo complexo no qual o sujeito reconfigura sua ação social de forma individual. A subjetividade está, para o autor, organizada por processos que se interpenetram e se vinculam constantemente numa relação processual entre um sistema complexo e multideterminado que é o sujeito e outro sistema igualmente complexo que é a sociedade. A subjetividade, portanto, não é algo dado, a priori ao sujeito, mas implica numa intrínseca relação entre o interno e o externo, o intrapsíquico e o interativo.

En realidad la cultura es el proceso permanente en que se expresa la vida humana, la cual tiene momentos en que se actúa como externa en relación al hombre, en tanto este se inserta de forma permanente en ámbitos culturales de todo tipo que lo proceden, pero al entrar en dichos ámbitos, el sujeto no actúa como un subordinado determinado desde afuera, sino que pasa a ser parte de estos procesos culturales, apareciendo en esta dimensión como un sujeto constitutivo e constituyente de la cultura (Gonzalez Rey, 2002, pp. 22-23).

A categoria subjetividade e sua inexorabilidade com o social permite descobrirmos dinâmicas constitutivas em processos e fenômenos que ultrapassam o nível descritivo da investigação psicológica e torna possível apreendermos as mediações constitutivas das significações dos indivíduos pesquisados. A subjetividade marca os vários aspectos cognitivos, emocionais e históricos nas experiências do sujeito.

Consideramos, portanto, que as categorias orientam o olhar sobre a pesquisa e isso requer uma produção teórica. Esse olhar para a realidade a partir de um campo de investigação abarcado pelas categorias implica em movimentos do pensamento. A teoria, também histórica, explicita um olhar sobre a realidade e dá visibilidade àquilo que não é possível perceber na simples aparência do fenômeno. A percepção empírica é fundamental, mas não esgota o conhecimento, pois só se tem amplitude com a teoria em que as significações do sujeito na historicidade e nas mediações ajudam a desvelar o objeto de investigação.

## **2. ESPORTE, EDUCAÇÃO, ESCOLA E COMPETIÇÃO**

### **2.1 Uma breve história do esporte**

O esporte é um fenômeno cultural que ganha cada vez mais importância e influência na sociedade moderna. Diversos autores como Bueno (2008), Tubino (2010) e Machado (2006) ao estudarem o movimento do fenômeno esportivo nos últimos anos, consideram a expansão do esporte como fenômeno mundial. Dos eventos esportivos nacionais e internacionais, olimpíadas e copas do mundo, assistidos por bilhões de expectadores, o esporte tornou-se um espetáculo e mercadoria, transformando-se numa enorme vitrine de finalidades políticas, ideológicas e econômicas. No Brasil, por exemplo, o esporte ganhou grande importância na agenda pública com a visibilidade internacional dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016 e a Copa do Mundo de Futebol no país em 2014 além dos Jogos Pan-americanos em 2007, no Rio de Janeiro.

Tubino (2010) apresenta o esporte como um importante fenômeno sociocultural contemporâneo. Seu trabalho aborda a trajetória do esporte, de suas origens até a atualidade e é uma importante referência sobre a história do esporte. A partir da perspectiva Sócio-Histórica, por termos a historicidade como uma categoria central, concordamos com o autor ao afirmar que se faz necessário considerar os dados relacionados à origem do esporte para compreendê-lo em suas várias dimensões.

Utilizando a divisão histórica proposta por Tubino e Garrido (2006, apud TUBINO, 2010) dividimos o esporte em seu processo histórico em três momentos: Esporte Antigo, Esporte Moderno e Esporte Contemporâneo. O Esporte Antigo se localiza da antiguidade a meados do século XIX; o Esporte Moderno surge em 1820 com as ideias educacionais de Thomas Arnold que começa a institucionalizar as práticas desportivas em regras e entidades. O Esporte Contemporâneo surge no final da década de 1970 com a Carta Internacional de Educação Física e Esporte como marco desta transição, consolidando o esporte como um direito de todos.

Na antiguidade as práticas esportivas eram tão diferentes das atuais que são denominadas por Tubino (2010) como Práticas Pré-Esportivas, de caráter de preparação para a guerra ou utilitário para a sobrevivência. São os jogos gregos que o autor considera como as primeiras manifestações esportivas. Esses jogos eram festas populares e religiosas cujos participantes eram de cidades gregas. Como exemplo dos jogos havia os jogos fúnebres, os jogos Píticos, os jogos Ístmicos e as Panatenéias, variando em seus locais, modalidades, épocas e divindades celebradas. Os vencedores recebiam uma coroa de ramo de oliveiras, honras e recompensas. Na Idade Média e Renascença as práticas esportivas eram famosas (época que inclui o “Gioco Del Calcio”, um dos precursores do futebol) e também violentas, como os torneios medievais que consistiam em batalhas de equipes contrárias com a utilização de cavalos, espadas e lanças. O autor apresenta o fato que, nos séculos XVIII e XIX iniciam-se as apostas sobre as práticas esportivas o que foi uma poderosa motivação para as disputas.

Do ponto de vista histórico, os primeiros relatos sobre a prática [esportiva] vêm da Grécia Antiga, onde as manifestações competitivas eram consideradas como jogos sagrados de glorificação aos deuses e também como homenagem aos heróis-guerreiros mortos durante o combate. [...] observa-se que o ideal de educação dessa sociedade consistia também no ensino das letras e da música como forma de trazer equilíbrio e harmonia ao espírito e desta forma elevar o homem à perfeição, na busca de uma condição divina (OLIVEIRA e VERENGUER, p.88, 2007).

O Esporte Moderno, na divisão histórica pretendida por Tubino (2010), foi criado por Thomas Arnold que, a partir de 1820, começou a codificar os jogos existentes em regras e competições, influenciando fortemente o modelo educacional britânico da época. Pierre de Coubertin, inspirado pelo modelo educacional inglês, lutava por um novo sistema de educação que oferecesse aos jovens energia física e mental por meio dos esportes. Ele é o responsável pela reedição dos jogos olímpicos em 1896, que era, para ele um evento internacional de trocas culturais e educacionais pela paz. O Esporte moderno ganha ainda mais força com a restauração dos Jogos Olímpicos, propagando a

ideia por toda a Europa, onde logo surgem diversos clubes e associações esportivas.

(...) o termo esporte surgiu no século XIX, na Inglaterra, caracterizado como atividades de tempo livre. Estes, que eram chamados de *Sport*, rapidamente começaram a ser praticados em outros países ampliando suas fronteiras e criando a necessidade de uma maior regulamentação e uniformização, culminando na codificação do jogo. (OLIVEIRA e VERENGUER, p.88, 2007).

A proposta inicial do esporte escolar, segundo alguns educadores como Thomas Arnold, era o desenvolvimento do caráter das crianças e dos jovens, impulsionando o esporte como atividade fundamental do sistema educacional, influenciando diversos pensadores, promovendo o esporte como meio de educação do homem e da confraternização entre os povos. Machado (2006) destaca também as disputas políticas e ideológicas entre os países, principalmente durante a Guerra Fria, fenômeno que fez com que o esporte perdesse consideravelmente sua perspectiva pedagógica e incorporando o sentido de rendimento, servindo como instrumento de poder e hegemonia.

Tubino (2010) avalia que o esporte e a política também andaram muito próximos. Hitler tentou usar os Jogos Olímpicos para mostrar o que considerava supremacia ariana nas competições. O esporte se tornou mais um dos palcos da Guerra Fria nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, quando a mídia ocidental, percebendo o maior número de medalhas dos EUA sobre a União Soviética, que disputava os jogos pela primeira vez, convencionou uma classificação priorizando as medalhas de ouro. Iniciou-se uma fraude do amadorismo com o chamado “amadorismo marrom”, que consistiam de bolsas e ajudas de custo aos atletas no caso dos países capitalistas e a inserção de atletas numa carreira esportiva estatal nos países socialistas, ambos almejando as altas performances. O autor também recorda a manifestação do movimento “Black Power” nos Jogos Olímpicos do México em 1968; o sequestro e assassinato de atletas israelenses por terroristas do “Setembro Negro”, nos jogos de 1972, em Munique; o boicote dos países africanos aos jogos de Montreal em 1976, protestando contra a presença da

Nova Zelândia; o boicote dos EUA nos jogos olímpicos de Moscou em 1980 e o revide da União Soviética ao boicotar os jogos olímpicos de Los Angeles em 1984.

O uso político do esporte era tão grande que até países não desenvolvidos lançavam para o estado as responsabilidades sobre o esporte. No Brasil, isso ocorreu desde o Decreto-lei nº 3.199/1941 e a lei substituta de nº 6251/1975. A lei 3.199/1941 foi criada no Governo de Getúlio Vargas e estabeleceu a base de organização dos esportes em todo o país, e a Lei 6251/1975 que firmava o Conselho Nacional de Desportos como um órgão administrativo (extinto em 1993) que funcionava como a última instância no esporte brasileiro. As federações não tinham autonomia para dar a última palavra em questões jurídicas sem o aval deste conselho.

Tubino (2010) ressalta ainda que é exatamente o quadro negativo do esporte devido ao uso político-ideológico deste que geraram as reações que criaram as bases do esporte contemporâneo. Entre essas ações estão a criação do movimento “Esporte para todos”, defendendo e promovendo o acesso às atividades físicas para todas as pessoas, entre diversos manifestos de organizações internacionais e a adesão da intelectualidade internacional às questões do Esporte. Dentre os documentos internacionais estavam o Manifesto do Esporte de 1968, defendendo a ideia inédita de um esporte além do rendimento, com as categorias do esporte escolar e do esporte do homem comum; o Manifesto Mundial da Educação física, em 1970, reforçando as conexões da Educação Física com o esporte e a Carta de Paris, em 1976, que por sua vez, foi resultante do I Encontro de Ministros do Esporte e Responsáveis pela Educação Física, na qual o esporte passa a ser atrelado à educação.

Em 1978 a UNESCO publica a Carta Internacional de Educação Física e Esporte em que o esporte aparece como um direito para todos. Ao romper com a perspectiva do Esporte moderno, associado ao rendimento e regido pela prerrogativa dos talentos, o esporte passou a abarcar todas as pessoas ao ser

declarado como um direito, caracterizando a chegada do esporte contemporâneo tal como vivemos atualmente em seu processo histórico.

Após esta retrospectiva histórica, trabalharemos com o conceito de esporte, as valorações atribuídas ao esporte e a competição e trataremos das interlocuções percebidas com a proposta educacional escolar.

## **2.2 Definição, valores e contra-valores do Esporte**

Iniciemos este tópico com a definição de esporte apresentada por Kolyniak (1997)

Esporte: Atividade realizada na forma de jogo (no sentido de que não há certeza absoluta antecipada de seu resultado) em que duas ou mais pessoas colocam em confronto determinadas habilidades específicas, as quais envolvem a motricidade em condições e limites espaço-temporais pré-estabelecidos, competindo segundo regulamentos ou normas e procedimentos reconhecidos, registrados e controlados publicamente, sendo o resultado de tal confronto passível de comparação com resultados verificados em outras competições similares. A atividade esportiva, individual ou coletiva, pode ser realizada como trabalho remunerado – constituindo-se em meio de vida de seus praticantes -, como forma de lazer ou como parte de processos educacionais ou de treinamento (por exemplo, como parte do treinamento militar). (Kolyniak, 1997, p. 32)

Kolyniak (1997) ressalta o esporte como importante prática social na atualidade, considerando os montantes de recursos econômicos mobilizados pelo esporte e a atenção que ele recebe nos meios de comunicação social. A progressiva mercantilização do esporte e os poderosos interesses político-econômicos ao redor da prática esportiva determinaram a exacerbação na busca do alto desempenho atlético, que envolve riscos à integridade do atleta, a conseqüente idolatria dos campeões e a utilização do esporte como instrumento ideológico. Ele também considera o esporte como prática social que, em condições apropriadas, pode ser extremamente relevante para o desenvolvimento humano devido a algumas características, como a possibilidade de permitir aos participantes exercerem/expressarem pensamentos, emoções e ações motoras de forma integrada e criativa, criando experiências de significado ético e estético; uma maior compreensão das

capacidades e das dinâmicas das relações humanas proporcionadas pelo envolvimento dos participantes; a contribuição significativa para o bem estar geral do indivíduo e um aumento de sua qualidade de vida pelo envolvimento com a atividade esportiva e a promoção de relacionamentos de amizade, respeito e solidariedade entre os participantes a partir da prática esportiva.

Ainda Kolyniak (1997), após apresentar algumas possibilidades do esporte, problematiza sua manifestação nos dias atuais e aponta para a realidade na qual a busca de melhoria constante do desempenho de alto rendimento tem levado atletas a submeterem-se a treinamentos cuja intensidade provoca sérios sofrimentos e sequelas, além do uso de substâncias que aumentam temporariamente o rendimento do atleta (doping). Visto que o esporte profissional de alta competição tende a constituir modelos para os praticantes, encontramos atitudes que revelam aspectos destrutivos da competição, como a violência, o recurso para burlar regras e o individualismo.

Dentre as virtudes e as desvantagens do esporte encontradas na literatura, Bueno (2008. p. 36) faz um levantamento da pluralidade de valores e contra valores associados ao esporte ao longo do tempo:

Valores: aceitação da derrota, amor ao esforço, concórdia, coragem, determinação, espírito de disciplina, fair play (cavalheirismo, lealdade, respeito ao adversário, colaboração em equipe), força de caráter, independência, patriotismo, persistência, respeito às regras, solidariedade, vontade, tenacidade, virilidade. Em termos de efeitos positivos proporcionados pelo esporte advoga-se que o mesmo serve de filtro de tensões, é inquestionável fonte de prazer, ajuda na formação do caráter, fortalece a saúde pública, fomenta o orgulho nacional e aumenta o prestígio internacional do País.

Contra-valores: associados principalmente ao esporte de alto rendimento (EAR), e que provocam efeitos indesejáveis à sociedade. O principal é a exacerbação da competição que fomenta o individualismo, a desunião, a deslealdade, a desonestidade manifestada sob diversas formas: o recurso à violência sobre o adversário, o uso das diversas formas de doping, a corrupção para o arranjo de resultados. O aspecto da violência dentro e fora das arenas de competições, provocado por torcidas, também conhecido como fenômeno do Hooliganismo, é tido como um dos mais graves problemas associados ao esporte.

O esporte e seu caráter competitivo pode levar o sujeito à superação de si, regida pela alteridade e valorização do outro, assim como o desprezo pelo outro e a vitória a qualquer custo. Enquanto o esporte competitivo apresenta possibilidades positivas ao desenvolvimento do sujeito, também apresenta fatores que propiciam características e traços sociais negativos que devem ser foco da atuação dos educadores.

### **2.3 Esporte e Educação**

O campo educacional/escolar é um espaço privilegiado para auxiliar e permitir um desenvolvimento dos indivíduos em suas habilidades e relacionamentos, devendo ser também um lugar onde ocorre a transmissão de saberes e da ética, conscientizando valores de justiça, igualdade e cidadania. A aprendizagem e o desenvolvimento no contexto da escolarização é uma interlocução de múltiplas facetas. Temos as características singulares do sujeito, as mediações de ordens sociais, culturais, históricas e econômicas e a escolarização como um componente deste quadro que tem por finalidade conceder instrumentos, relações e técnicas para o sujeito a fim de que possa vivenciar diversos processos de aprendizagem em prol de seu desenvolvimento.

Como relatado por Bueno (2008), na sociedade ocidental moderna, o esporte foi introduzido como elemento da educação na Inglaterra, no século XIX, impulsionada por Thomas Arnold e difundida no sistema escolar público por volta de 1870. Em 1964, decorrente de um movimento produzido por intelectuais em oposição ao predomínio do esporte de extrema competição, é redigido pelo *Conseil Internationale d'Education Physique et Sport - CIEPS*, órgão vinculado a UNESCO, o "Manifesto Mundial do Esporte". Este documento dividiu e conceituou três grandes áreas do esporte, *o esporte de alto-rendimento/esporte de alta competição ou esporte performance*, visando a descoberta e incentivo a atletas de elite; *o esporte escolar/ esporte educacional*, que possui como intenção a integração do esporte como promotores e facilitadores dos processos de aprendizagem e conduta moral e *o esporte participação / esporte lazer ou esporte de tempo livre* em que o objetivo

maior é a atividade participativa, o lúdico e as possibilidades interacionais e experiências fornecidas pela prática esportiva. A escola surge como um dos lugares que garantirá o direito esportivo.

Na realidade escolar, mesmo que as atividades sejam centradas no *esporte-educação* e *esporte participativo*, são geralmente encontrados alunos ou atletas que se destacam em seu rendimento na atividade, fazendo com que a escola zele também pelo *esporte de alto rendimento* e a formação atlética dos alunos sem perder seu foco educacional. Consideramos, portanto, fundamental a presença e o cuidado do treinador sobre toda atividade esportiva escolar a fim de lidar, motivar e despertar o interesse de todos os participantes.

Para alguns o esporte é considerado um fenômeno específico de caráter institucional, que visa competição e valorização do vitorioso; enquanto outros defendem que é uma atividade bastante ampla, que pode ser adaptada e transformada de acordo com as necessidades da sociedade. Nesta segunda possibilidade encontramos o esporte-rendimento, esporte-saúde e o esporte educacional. (OLIVEIRA e VERENGUER, 2007, p. 89).

A partir da concepção da teoria Sócio-Histórica, consideramos de fundamental importância a pessoa do profissional que trabalha com o esporte e principalmente com a criança. A ideia de apenas a preparação para o alto rendimento ser o foco de uma educação esportiva pode gerar consequências negativas para o futuro atleta. Ao mesmo tempo pode ser também, pela mediação do professor, que o jogo pode aparecer como propiciador à criança de uma experiência que a estimula a ser criativa, enfatizando a vivência do lúdico, sem sufocá-la.

É possível percebê-lo [o esporte] como intrinsecamente educacional, pois independente do seu direcionamento ou intencionalidade, seja ele rendimento, saúde ou educação, qualquer sentido que se dê à sua prática, há promoção de mudança de comportamentos que afetam diretamente os valores individuais e coletivos da população. (OLIVEIRA e VERENGUER, 2007, p.96).

Em relação ao esporte, competição e a escola, Reverdito, Scaglia, et al (2008) relatam que as discussões sobre a competição são ocasionalmente polarizadas entre os que são favoráveis e aqueles não favoráveis. Concordamos com os professores ao afirmarem que, na perspectiva de superar essas discussões, é necessária a reflexão da competição enquanto elemento fundamental do esporte, apresentando uma proposta para a ação educativa a partir de suas virtudes, como a responsabilidade da educabilidade do sujeito, sistematizada por princípios pedagógicos e metodológicos. Preconiza-se, desta forma, uma ação educativa para a participação democrática de todos, diminuindo a ênfase sobre o produto da vitória, favorecendo o aprendizado na e pela competição.

A ideia de o esporte ser orientado por uma visão emergente-emancipadora permite compreendê-lo como um instrumento de construção de valores educativos, substituindo a visão funcional mecânica e determinista que por muito tempo ele apresentou. É acreditar em seu potencial de prática significativa e singular com as inúmeras realidades e necessidades que se apresentam em uma sociedade multicultural. É afirmar que o esporte, enquanto ferramenta educacional pode colaborar na formação de cidadãos autônomos em uma sociedade solidária. (OLIVEIRA e VERENGUER, 2007, p.96).

## **2.4 – Esporte e Competição**

Como apresentado anteriormente, na definição do dicionário de Houaiss e Villar (2010), a competição é caracterizada como uma prova esportiva em que concorrem simultaneamente pessoas ou equipes em prol de um objetivo comum. Ainda que a definição seja clara, o valor da competição na sociedade contemporânea, sua ligação com o modo de produção capitalista e as possibilidades de realizar uma atividade competitiva escolar orientada por princípios pedagógicos aparecem de diferentes formas na literatura.

Concordamos que é necessário um olhar atento e crítico para o fenômeno esportivo competitivo, e que os “esportes têm valor pelo fato de serem ocupações possíveis e opções de uma vida em busca da excelência.”

(AZEVEDO, GOMES FILHO, 2011, p.597). Conforme De Rose Jr (2002), “competir significa enfrentar desafios e demandas que variam com as particularidades de qualquer modalidade esportiva, mas todas tem como referencia a competição. (p.20)”. Enquanto o jogo pode privilegiar o lúdico e a brincadeira, os “esportes, em verdade, são jogos competitivos” (AZEVEDO, GOMES FILHO, 2011, p.596).

Segundo De Rose Jr. (2002) toda competição, em qualquer nível, apresenta quatro aspectos a todo o momento, sendo eles: o confronto, a demonstração, a comparação e a avaliação. O confronto é essencial à competição, e sem esse não ocorre esta. O confronto pode ser pessoal, onde o indivíduo procura superar uma marca própria, com um adversário em contato direto, como as lutas e grande parte dos esportes coletivos ou em contato indireto, como na ginástica olímpica, natação e atletismo, por exemplo. A demonstração refere-se ao momento em que o atleta exhibe suas capacidades e habilidades desenvolvidas durante o processo de treinamento no processo competitivo. A comparação surge na relação entre o desempenho apresentado no processo competitivo e algum padrão ou parâmetro existente, na modalidade, equipe ou em relação ao próprio atleta e, por fim, a avaliação é o julgamento do atleta.

Segundo De Rose Jr (2002), estas características podem ocasionar situações que podem tensionar e angustiar os praticantes devido à série de observações e julgamentos emitidos geradores de expectativas, objetivos e pressões e que podem ser inadequadas para o desenvolvimento do atleta. No entanto

A competição não representa necessariamente uma fonte de estresse ao atleta. Tudo dependerá da avaliação que ele fará da grande quantidade de situações provocadas pelo processo competitivo, especialmente por aquelas que surgem no momento da competição, e dos recursos pessoais para lidar com elas. (DE ROSE JR, 2002, p.22).

Consideramos, desta forma, essencial um olhar cuidadoso do treinador e da equipe que zele pelo desenvolvimento do atleta para além do rendimento na

modalidade esportiva, principalmente se considerarmos a inserção das atividades competitivas no ambiente escolar. Os companheiros, a própria atuação esportiva e o técnico, no entanto, aparecem como elementos potencialmente estressantes numa pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia do Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da USP (De Rose Jr. 2002), em que se buscou compreender quais situações eram consideradas causadoras de estresse por atletas infanto-juvenis. Participaram mais de 500 jovens de 15 a 19 anos e a pesquisa revelou que, de modo geral, os esportes individuais são mais estressantes que os coletivos e que as seguintes situações causavam um nível de estresse mais elevado para esses jovens: cometer erros que provocassem a derrota da equipe; autocobrança exagerada; perder um jogo praticamente ganho; perder para um adversário ou equipe tecnicamente mais fraco; cometer erro em momentos decisivos; companheiros que só reclamam, são egoístas ou não se esforçam; técnicos que só criticam, não reconhecem o esforço do jogador, só enxergam o lado negativo ou dão um tratamento diferenciado aos membros da equipe.

A complexidade do fenômeno esportivo gera um considerável debate sobre suas possibilidades pedagógicas e educativas no ambiente escolar. Santos e Nista-Piccolo (2011) relatam que o esporte na escola tem sido um constante objeto de estudo, numa tentativa de compreender seu sentido e sua relação com os processos de formação educativa dos alunos, como se houvesse uma necessidade de justificar a presença do esporte no ambiente escolar e sua importância para a comunidade. Segundo os autores, o esporte só faz sentido no ambiente escolar se passar por uma série de adaptações, pois no ambiente escolar considera-se que há a necessidade de que os alunos entendam a competição no esporte no seu sentido motivacional e “a competição a ser incentivada é a do aluno consigo mesmo na busca de superação de seus próprios resultados” (p.73).

Paradoxalmente, o esporte teria, de um lado, potencialidades para agregar jovens em atividades construtivas, desviando-os da desocupação e do envolvimento com práticas antissociais, mas

também se trataria, por outro lado, de uma prática altamente seletiva, e, em algum sentido, discriminatória” (AZEVEDO, GOMES FILHO, 2011, p. 600).

Kátia Rubio (2006), ao comparar o esporte e a competição na antiguidade e na contemporaneidade considera que, na antiguidade o atleta competia visando superação dos próprios limites, e pela competição havia a experimentação de uma condição divina, uma afirmação da permanência. Já no esporte moderno a competição passou a se associar à conquista da primeira colocação, ao recorde e deixou de ser uma superação do próprio limite para se tornar a superação do resultado do adversário.

Os valores promovidos por uma grande parcela da sociedade ocidental contemporânea estão baseados na excelência e na motivação individual e social voltadas para a produção. Essa forma de vida facilita o desenvolvimento de um modelo esportivo que prepara as crianças e jovens para o sucesso em uma vida altamente competitiva e desenvolve valores morais como a perseverança, o sacrifício, o trabalho árduo, o cumprimento de normas, o trabalho em equipe e a autodisciplina. Entretanto, esses mesmos valores são responsáveis por muitos problemas éticos encontrados no esporte, entre eles a glorificação dos vencedores e o esquecimento dos derrotados. (RUBIO,2006, P.88)

Desta forma, concordamos com Hugo Lovisolo (2001) na direção de que é necessário dar ao esporte escolar um sentido diverso daquele que possui o esporte rendimento.

Se há atividade esportiva na escola, algum grau de competição terá que estar presente. Contudo, a existência de algum grau de competição não implica que a mesma seja o objetivo principal da atividade esportiva na escola. Assim, o esporte deveria estar articulado, estruturado no projeto da escola. Não como atividade agregada, como elemento de uma soma, porém como dimensão e parte de um todo vivo e em movimento. (LOVISOLO, 2001, p.111)

Corroboramos com Lovisolo (2001) ao afirmar que a ideia, portanto, é transformar as práticas escolares e de treinamentos a fim de seguirmos na direção dos processos que reforcem a autonomia do aluno, reforçando os valores positivos e criticando e transformando os negativos.

É frequente que os esportistas entrem em competições sabendo que não poderão ganhar. Podem participar para cumular experiência, para superar seus próprios desempenhos anteriores ou chegar a alguma etapa da seleção ou desigualação competitiva entre outros motivos. Os esportistas re-significam sua própria participação, estabelecendo objetivos e finalidades próprias, sob o pano de fundo da regra da competição. (LOVISOLO, 2001, P.110).

Por isso consideramos que para uma efetiva e educativa atividade esportiva competitiva escolar, a escola, como instituição que insere o aluno na modalidade esportiva, e o técnico, responsável pelo bem estar dos atletas devem ter na atividade competitiva uma ferramenta que tem a possibilidade de auxiliar o desenvolvimento dos alunos desde que tal atividade esteja vinculada ao zelo e a uma proposta educacional.

## **2.5 Esportes e a educação Integral**

Consideramos que o esporte escolar dialoga intimamente com o conceito de educação integral, apresentado aqui como exposto por Hora e Coelho (2004) em seu trabalho “Diversificação Curricular e Educação Integral”.

Entendemos Educação Integral dentro de uma concepção crítico-emancipadora em educação. Na prática, ela eclode como um amplo conjunto de atividades diversificadas que, integrando e integradas ao currículo escolar, possibilitam uma formação mais completa ao ser humano. Nesse sentido, essas atividades constituem-se por práticas que incluem os conhecimentos gerais; a cultura; as artes; a saúde; os esportes e o trabalho. Contudo, para que se complete essa formação de modo crítico-emancipador, é necessário que essas práticas sejam trabalhadas em uma perspectiva político-filosófica igualmente crítica e emancipadora (HORA; COELHO, 2004, p.9).

Entendemos, tal como as autoras, que o ideal de educação integral diz respeito a um ideal educacional que se funda na concepção de sujeito considerado em sua dimensão física e afetiva, em seu contexto de relações e na materialidade de suas condições socioeconômicas, culturais. O sujeito é constituído por fatores complexos e multideterminados sendo desenvolvido em múltiplas dinâmicas constituintes, tornando fundamental uma atenção tutelar que direcione e desenvolva este processo nos princípios do bem estar

individual e coletivo, sendo a escola um locus essencial e privilegiado para a transformação criativa e boa formação de indivíduos. Aqui foca-se na necessidade de um projeto político-pedagógico que tenha a intencionalidade de desenvolver o aluno em sua totalidade, considerando a necessidade de experiências e ações diferenciadas e articuladas no mundo e na importância do seu bem estar e o do coletivo.

## **2.6 – As políticas públicas do esporte no Brasil**

Tomando como referência o documento federal oficial “Por dentro do Brasil – Esportes” (BRASIL, 2012), o esporte, caracterizado como “paixão nacional” é alvo de grandes investimentos e é visto pelo Estado brasileiro como estratégico para o desenvolvimento social do país e ferramenta de reconhecimento internacional. A candidatura e a consequente escolha do Brasil à sede da Copa do Mundo FIFA de 2014 e dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 seguem uma diretriz de reconhecimento mundial, aliados a programas de incentivo ao esporte de alto rendimento, sobretudo aqueles incluídos no programa olímpico.

O texto apresenta a ideia de um bom desempenho no quadro de medalhas como remetente a uma nação avançada, desenvolvida, forte. Os programas sociais são apresentados como atrelados ao esporte nas estratégias de inclusão social de jovens em situação de risco e de melhoria da qualidade de vida das comunidades mais pobres e da educação das crianças do País. O Brasil dividiu a política esportiva do País em três vetores principais de investimentos do Estado: o esporte como atividade de lazer da população brasileira, o esporte como parte do processo educacional do povo e o esporte de alto rendimento, tido como uma importante vitrine do desenvolvimento político-econômico.

Essa dinâmica levou o Ministério do Esporte a constituir três secretarias nacionais: de Esporte Educacional, de Esporte de Alto Rendimento e de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer. Em 1992, o esporte volta para o âmbito do Ministério da Educação, ao receber o nome de Secretaria de Desportos. A partir de 1995, entra em funcionamento o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, comandado por Pelé. Em dezembro de 1998, o

governo federal cria o Ministério do Esporte e Turismo, ligando pela primeira vez os dois setores. Em janeiro de 2003, o governo federal desmembrou as duas pastas, ao criar o Ministério do Esporte, formulador das políticas públicas para o esporte brasileiro.

Ainda segundo o documento (BRASIL, 2012), a estratégia de ampliar a reputação brasileira no exterior passa, também, por abrigar grandes eventos esportivos. O Brasil procurou se candidatar a sede de eventos esportivos como uma decisão de Estado. O processo começou em 2002, com o acolhimento dos Jogos Sul-Americanos, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belém. Foi a primeira competição multiesportiva realizada no Brasil desde os Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963.

Na sequência, o Brasil sediou os jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de 2007, no Rio. A capital carioca também foi escolhida para acolher os Jogos Mundiais Militares em 2011 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016. Por fim, o Brasil foi definido como sede da Copa das Confederações de 2013 e da Copa do Mundo de futebol, em 2014, ambas organizadas pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA).

Grandes eventos esportivos no Brasil	
Ano	Evento
2002	Jogos Sul-Americanos
2007	Jogos Pan-Americanos
2007	Jogos Parapan-Americanos
2011	Jogos Mundiais Militares
2013	Copa das Confederações da FIFA
2014	Copa do Mundo da FIFA
2016	Jogos Olímpicos
2016	Jogos Paraolímpicos

(FONTE: BRASIL, 2012)

O Brasil será o quarto País na história a ter a oportunidade de sediar uma Olimpíada e uma Copa do Mundo consecutivamente. Antes do Brasil, apenas México (Copa em 1970, Olimpíada em 1968), Alemanha (Copa em

1974, Olimpíada em 1972) e Estados Unidos (Copa em 1994, Olimpíada em 1996) receberam as duas competições casadas.

O Ministério do Esporte também apresentou os impactos econômicos da realização da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. Entre os anos de 2010 e 2019, o impacto direto total na economia será de R\$ 48 bilhões. Com a recirculação desses recursos, o impacto chegará a R\$ 183 bilhões à economia brasileira. Um segundo estudo encomendado pelo Ministério do Esporte fez cálculo semelhante para os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 e os resultados mostram que a produtividade dos investimentos com o torneio é ampliada no longo prazo. À medida que o projeto amadurece, os ganhos de produtividade tornam-se maiores, uma vez que se registra a complementaridade entre os investimentos nos Jogos e a atração de investimentos privados para os negócios associados à cadeia produtiva. Para cada dólar investido no evento pelo poder público, serão investidos US\$ 3,26 pela iniciativa privada. Foram identificados 55 setores da economia que se beneficiarão com a realização do megaevento. A estimativa de impacto no PIB do Brasil é de R\$ 22 bilhões no período de 2009 a 2016, enquanto no período de 2017 a 2027 será de R\$ 27 bilhões.

<b>Impacto direto na economia brasileira/Copa 2014</b>	
Estádios	R\$ 5,6 bilhões (US\$ 3 bilhões)
Mobilidade urbana	R\$ 11,6 bilhões (US\$ 6,3 bilhões)
Portos e aeroportos	R\$ 6 bilhões (US\$ 3,2 bilhões)
Telecomunicações e energia	R\$ 3,8 bilhões (US\$ 2 bilhões)
Segurança pública	R\$ 3,6 bilhões (US\$ 1,96 bilhões)
Saúde	R\$ 1 bilhão (R\$ 546 milhões)
Hotelaria	R\$ 1,9 bilhão (US\$ 6,2 bilhão)
Gastos de turistas	R\$ 9,5 bilhões (US\$ 5,1 bilhões)
Consumo privado	R\$ 5 bilhões (US\$ 2,7 bilhões)
<b>Total</b>	<b>R\$ 48 bilhões (US\$ 26,2 bilhões)</b>

(FONTE: BRASIL, 2012)

Dentre os principais programas federais de incentivo ao esporte a Secretaria Nacional de Esporte Educacional tem o Segundo Tempo como seu principal trabalho. O programa prevê a inclusão social por meio do esporte praticado no contra turno escolar. As crianças praticam atividades físicas três

vezes na semana, duas horas por dia, sendo apresentado como um incentivo à formação de crianças, adolescentes e jovens, servindo como integração da cidadania e da qualidade de vida. O Segundo Tempo é voltado para escolas públicas e comunidades localizadas em áreas de risco social. Os meninos e as meninas praticantes recebem merenda, uniforme e material esportivo. No período das férias escolares, a meninada pôde participar de oficinas de teatro, cinema, circo, pintura, entre outros. A atuação do programa também se estendeu para os alunos universitários. O Segundo Tempo funciona por meio de parcerias firmadas entre Ministério do Esporte e governos estaduais e municipais, organizações não governamentais e entidades nacionais, internacionais, públicas ou privadas, sem fins lucrativos.

**Segundo Tempo em Números:**

- ✓ Núcleos: 4.187
- ✓ Coordenadores: 4.258
- ✓ Monitores: 10.964
- ✓ Orçamento em 2010: R\$ 267,8 milhões
- ✓ Municípios em atendimento: 1.366

(FONTE: BRASIL, 2012)

No âmbito da Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer do Ministério do Esporte, o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) procura ampliar, democratizar e universalizar o acesso à prática e ao conhecimento do esporte recreativo e de lazer. É integrado a outras políticas públicas de desenvolvimento humano e inclusão social. Firmado em parceria com estados e municípios, além de organizações do terceiro setor, sempre por meio de convênios. Além desse subprograma, ainda há outras duas ramificações: o PELC Vida Saudável, voltado exclusivamente aos idosos e aos adultos acima de 40 anos (para prepará-los para a terceira idade) e o PELC Indígena, voltado às diferentes etnias existentes no Brasil. Esse subprograma é responsável pela organização dos Jogos dos Povos Indígenas.

**PELC em Números:**

- ✓ Total de recursos em 2009: R\$ 52 milhões
- ✓ Número de projetos: 169 projetos de núcleos de esporte recreativo e de lazer estão em processo de conveniamento em 2009, para execução em 2010
- ✓ Convênios em execução em 2009: 130
- ✓ Número de beneficiados: 2 milhões de pessoas
- ✓ Agentes sociais de esporte recreativo e de lazer participantes: 3 mil

(FONTE: BRASIL, 2012)

O projeto Praças da Juventude é coordenado pela Secretaria Executiva do Ministério do Esporte e tem como base o conceito de uso das práticas esportivas como ferramenta de inclusão social e democratização do acesso qualificado a esporte e lazer. Complexos esportivos são instalados em regiões de vulnerabilidade social. Em 2009, foram investidos R\$ 75 milhões no programa. Cada unidade prevê a construção de ginásio poliesportivo coberto, pistas de atletismo e de skate, teatro de arena, centro de convivência da terceira idade, e setor de administração. O custo médio estimado por projeto é de R\$ 1,6 milhão.

A Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento tem duas atribuições básicas. A primeira, como o próprio nome sugere, é a de fomentar o treinamento e a formação de atletas de ponta. A segunda é a de organizar megaeventos esportivos no Brasil. Hoje, a estrutura do esporte de alto rendimento brasileiro tem, no topo, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), seguido das confederações dos diferentes esportes, das federações estaduais e, na base, dos clubes.

O principal programa brasileiro para os esportes de alto rendimento é o Bolsa-Atleta, que beneficia desde atletas de nível estudantil, passando por esportistas de competições nacionais até chegar aos internacionais, olímpicos e paraolímpicos. Além do Programa Bolsa-Atleta, o Ministério do Esporte financia diretamente várias modalidades, ao fornecer recursos orçamentários para a contratação de técnicos, equipes médicas, equipamentos e outros itens importantes aos atletas de ponta. O financiamento não se encerra no orçamento do Ministério do Esporte. Duas legislações tratam de encontrar mais

financiamentos ao esporte: a Lei Piva, de 2001, que transfere recursos das loterias federais para o COB e o CPB, e a Lei de Incentivo ao Esporte, cuja finalidade é dar isenções tributárias à empresa que financiar diretamente projetos esportivos.

Diante de tais informações e da grande participação que o esporte ganha na agenda pública, consideramos necessários os estudos sobre o esporte, principalmente no âmbito escolar, a fim de que possamos criar e rever as ferramentas e os modos que utilizamos esta atividade como propostas pedagógicas, educacionais e de superação de desigualdades sociais.

### 3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O objetivo do presente trabalho é analisar os sentidos e significados constituídos pelos professores treinadores que atuam num CEU (Centro Educacional Unificado) da cidade de São Paulo sobre o esporte competitivo escolar.

Para que este objetivo fosse alcançado, foi fundamental que os procedimentos de obtenção de informação, análise e interpretação corroborassem com a perspectiva sócio-histórica. A tarefa do pesquisador ao analisar as significações dos sujeitos é analisar as mediações constituintes deles a partir do empírico e ir além da aparência imediata, sendo isto possível por meio do esforço teórico-metodológico de interpretação, que permite uma maior e melhor compreensão da totalidade do fenômeno. Pesquisar exige um olhar sobre a realidade que não seja neutro, desprovido de pressupostos teórico-metodológicos, no entanto, isto não pode implicar em imposições teóricas *a priori* sobre o fenômeno pesquisado. No entanto a realidade não deve ser enquadrada nos pressupostos teórico-metodológicos que embasam a pesquisa, mas estes devem fornecer meios para revelá-la. Apropriar-se da realidade e das significações é apropriar-se do elemento em seu processo, sintetizado pelas múltiplas determinações e mediações. Desta forma, uma análise só pode ser validada a partir de uma teoria, evitando que a mesma se torne uma mera abstração do senso comum ou permaneça desprovida de aprofundamento analítico e metodológico.

Vigotski (2000), baseando-se na abordagem do materialismo histórico e dialético admite a influência da natureza sobre o homem que, por sua vez, age na natureza e cria novas condições para sua existência. Considerando a historicidade, que transforma todos os elementos estudados (inclusive o próprio método) em processos; as mediações, que permitem a análise dos elementos constituintes do objeto de estudo e, desta forma, a compreensão seu movimento e constituição para além da aparência imediata; e a possibilidade de existirem comportamentos fossilizados, compostos de generalizações individuais e atemporais nas falas e atividades dos indivíduos, Vigotski e seus

colaboradores construíram uma nova estrutura analítica para abordagem das funções psicológicas superiores, formada por três princípios:

1 – Deve-se analisar processos e não objetos. A análise de um processo considera a necessidade de uma “exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos” (VIGOTSKI, 2000, p. 81) enquanto a análise de um objeto trataria o elemento como estável e fixo.

2- Explicação versus descrição – A análise das funções psicológicas superiores exigem do pesquisador a capacidade de analisar não só o processo (e seu retorno aos estágios iniciais), mas também apreender as ligações entre os estímulos externos e as respostas internas dos sujeitos. Fenômenos visivelmente idênticos podem variar em seus processos formativos, sendo essencial que o método compreenda o fenômeno ao invés de descrevê-lo em sua aparência.

3- O problema do comportamento fossilizado. O terceiro princípio considera que frequentemente ocorrem processos que se tornaram fossilizados, denominando-os também de processos psicológicos mecânicos ou automatizados. Seu caráter automático exige uma atenção ainda maior do pesquisador por criar dificuldades para a análise psicológica, pois, ainda que também sejam processos que podem ser compreendidos e devam ser analisados a partir do desvelamento de sua origem, o fato de serem comportamentos repetitivos e recorrentes, muitas vezes dificulta a recuperação de sua gênese.

A partir desses pressupostos metodológicos são necessários procedimentos coerentes com a Psicologia Sócio-Histórica que permitam a obtenção de informações reveladoras dos processos constitutivos dos sujeitos sobre o tema de pesquisa para, assim, nos aproximarmos das significações dos sujeitos.

### **3.1 Sujeitos**

Os sujeitos são Técnicos de Educação Física que atuam num mesmo Centro Educacional Unificado na cidade de São Paulo. De acordo com Decreto

nº 46.701, de 1º de dezembro de 2005, que define o Regimento Padrão dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) compete ao Técnico de Educação Física do Núcleo de Esporte e Lazer do CEU: assistir ao Coordenador do Núcleo de Esporte e Lazer e assessorá-lo em suas funções; coordenar, planejar, supervisionar, ensinar, treinar, implementar e avaliar atividades, estudos, trabalhos, programas, planos, projetos e pesquisas na área de esporte e lazer; executar treinamentos especializados em modalidades esportivas e de lazer para os públicos interno e externo; participar de equipes interdisciplinares com os demais Núcleos de Ação, Unidades Educacionais, Unidades Especiais e Equipamentos e Espaços do CEU; organizar, supervisionar, executar e ministrar cursos, palestras e atividades de orientação, educação corporal, reciclagem e treinamento profissional nas áreas de atividades física, desportiva e de lazer.

Consideramos importante o estudo das significações dos Técnicos de Educação Física da entidade escolar devido a sua função de inserção e manutenção dos alunos e a comunidade em atividades esportivas e competitivas. Os critérios para escolha dos Técnicos de Educação Física para a participação nesta pesquisa foram: a atuação profissional no mesmo CEU em que esta pesquisa foi realizada (na tentativa de contemplar todo o universo de Técnicos da instituição) e a disponibilidade e interesse dos técnicos em participar da pesquisa.

### **3.2 Sobre a instituição escolar em que ocorrerá a pesquisa**

A intencionalidade da execução desta pesquisa num dos Centros Educacionais Unificados de São Paulo surgiu inicialmente pelo propósito de realizar a pesquisa numa instituição escolar pública que possuísse propostas pedagógicas para as atividades esportivas e competitivas, além de possuir instalações adequadas para a execução de tais atividades com os alunos. Após a elaboração do projeto de pesquisa, uma colega do mestrado, coordenadora de um dos Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo, abriu a possibilidade de executar a pesquisa num dos CEUs, que dispõe

de diversos dispositivos institucionais e profissionais imersos no esporte competitivo escolar, ofertando assim o espaço da escola para a pesquisa.

Utilizando como referência a Obra de Dória e Perez, *Educação, CEU e Cidade* (2007), verificou-se que o planejamento dos Centros Educacionais Unificados (CEUs) ocorreu devido a um mapeamento diagnóstico da ocupação desordenada da cidade de São Paulo que resultava em áreas de exclusão social na metrópole. Estas áreas contemplavam bairros desprovidos de infraestrutura básica, como ruas asfaltadas, iluminação, saneamento básico e água encanada. Estes bairros, encontrados na periferia de São Paulo, são apresentados como praticamente ignorados pelos poderes públicos e vítimas do processo de urbanização descontrolado.

A Prefeitura Municipal de São Paulo na gestão iniciada em 2001 teve como proposta promover a inclusão, o combate à pobreza e às desigualdades sociais, regionais, a evasão escolar e a geração de trabalho e universalização do acesso aos serviços públicos básicos. Para tanto, considerou que deveria ocorrer o processo de descentralização na oferta de serviços públicos, colocando no centro das preocupações o tema da reconstrução da cidade. Dentre o que é apresentado como uma das políticas públicas de intervenção, destinadas ao enfrentamento da pobreza, do desemprego e da desigualdade, está a implantação dos Centros Educacionais Unificados nestas regiões.

Este projeto viabilizaria espaços e equipamentos públicos de qualidade além de utilizar mecanismos de gestão e participação que tem o intuito de promover a apropriação dos espaços pela população. A intenção do CEU também é apresentada como a possibilidade de uma melhor interação entre o governo e os diferentes atores locais, fazendo com que as políticas e programas sociais possam promover uma melhoria na qualidade de vida, num processo político de formação de consciência e de cidadania plena das populações menos favorecidas.

Na proposta político pedagógica do bloco esportivo, foco maior de nossa pesquisa, os benefícios da prática esportiva para a saúde física são apresentados como possibilidade de vivências de cooperação e sociabilidade

para os alunos, apresentadas como sendo de extrema importância na formação de cidadãos e sua saúde. A presente pesquisa se fará numa das unidades do Centro Educacional Unificado, com técnicos de equipes desportivas desta instituição, apreendendo as significações constituídas por eles sobre o esporte competitivo escolar.

O CEU em que foi realizada a pesquisa foi inaugurado com os primeiros Centros Educacionais Unificados da cidade de São Paulo em 2003. A instituição atende a região em seu entorno e tem como característica o oferecimento de diversas atividades esportivas como ginástica, hidroginástica, caminhada, atletismo, dança, alongamento, educação motora, bocha, natação, vôlei, futsal e basquete para os alunos e a comunidade. Este CEU também se destaca pelos projetos direcionados a pessoas com deficiências, promovendo a inclusão por meio do esporte e da cultura.

O Centro Educacional Unificado pesquisado possui 1715 alunos, divididos em 77 turmas do Centro Educacional Infantil (CEI), Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF). Os profissionais que trabalham na instituição são Sete Técnicos de Educação Física, 13 coordenadores, mais de 60 professores e mais de 20 funcionários administrativos. As instalações compõem um auditório, mais de 30 salas de aula, dois laboratórios, uma quadra poliesportiva, uma mini quadra externa três piscinas, sendo uma de pequena, uma média e uma grande, uma biblioteca, sete salas para oficinas, uma sala multimídia, três brinquedotecas e 21 banheiros adaptados.

### **3.3 Instrumentos**

Foram utilizados nesta pesquisa, um questionário, entregue a todos os Técnicos de Educação Física da Instituição, e entrevistas. Os questionários (vide apêndice) tiveram a intencionalidade de compreender melhor os profissionais que compõe o universo de estudo e captar as ideias iniciais destes sobre o esporte competitivo escolar. O questionário foi elaborado com perguntas abertas, dividido em três partes. A primeira parte referiu-se à formação e atividade profissional dos técnicos, com perguntas abertas sobre o

tempo de atuação profissional e formação acadêmica; a segunda parte tratou sobre a competição esportiva escolar, com perguntas abertas sobre: a definição de competição para os técnicos, o uso que faziam (ou não) da competição nas atividades esportivas e quais os benefícios e prejuízos da competição esportiva escolar; a terceira parte era de livre preenchimento do participante, em que poderiam fazer comentários ou anotações sobre o esporte competitivo escolar, sendo a única parte de preenchimento opcional do questionário. Os questionários foram entregues a todos os técnicos da escola pesquisada, almejando, desta forma, uma representação significativa dos profissionais da instituição. Dos sete Técnicos atuantes na instituição, cinco responderam aos questionários e seus dados foram considerados e analisados para uma melhor compreensão da totalidade do objeto de estudo e consequentemente melhores entrevistas e análise dos dados.

Após a análise dos questionários utilizou-se a entrevista por ser um instrumento fundamental para a coleta de material, visto que permite criar um espaço dialógico entre pesquisado e pesquisador e que fornece um material rico para a apreensão das significações dos sujeitos entrevistados. Os dados dos questionários foram essenciais para que fossem abordados com mais precisão temas levantados pelos técnicos e considerados pelo pesquisador como relevantes à pesquisa.

### **3.4 Procedimentos para obtenção de informações**

No primeiro momento, os questionários foram entregues em mãos aos seis dos sete técnicos (uma profissional estava de licença), sendo que apenas um não devolveu o questionário respondido por não ter interesse em participar da pesquisa. Após a análise dos cinco questionários respondidos os mesmos foram selecionados a partir da disponibilidade e interesse dos técnicos em participar da entrevista. Frente a isto, três técnicos passaram a ser sujeitos desta investigação.

As entrevistas foram realizadas num sábado, no próprio Centro Educacional Unificado, na sala dos professores, com três profissionais que se dispuseram a participar desta etapa da pesquisa. As entrevistas tiveram o

intuito de compreender como estes profissionais relacionam a competição esportiva ao âmbito escolar e educacional, além de abordar temas surgidos nas respostas dos questionários anteriormente enviados aos técnicos da instituição, que ao nosso entender ajudariam a atingir nosso objetivo.

As entrevistas foram individuais e gravadas em áudio, sendo a identidade dos sujeitos de pesquisa preservada por questões éticas e com a intencionalidade de serem consistentes e amplas. Nas entrevistas foram abordados, além dos temas surgidos nas respostas dos questionários, questões sobre o esporte, a competição, a escola e a educação a fim de compreender as significações dos técnicos por meio de estímulos que ajudem o participante da pesquisa a refletir e a se expressar numa perspectiva própria e co-construída na interação com o pesquisador.

Com o intuito de dialogar com as pesquisas apresentadas anteriormente neste trabalho, também foram abordados temas relevantes e atuais como as formações iniciais, a inclusão social e o direcionamento ético e educativo da competição desportiva escolar. A utilização da entrevista não teve a intenção de exigir uma resposta específica do entrevistado ou intimidá-lo a quaisquer situações de constrangimento, possuindo o intuito único de sensivelmente captar percepções, conhecimentos, concepções e impressões dele sobre o tema pesquisado, construindo assim um maior e mais rico material de análise que vá ao encontro do objetivo proposto.

O processo de produção de informações considerou o encontro do pesquisador e do pesquisado como um momento de produção de conteúdos e de criação de zonas de inteligibilidade, sendo papel do pesquisador estimular o sujeito de pesquisa a pensar, recordar, associar, articular e produzir ideias e informações.

### **3.5 Referencial e procedimento de análise**

#### **3.5.1 Análise dos questionários**

Para a análise dos questionários foi feita uma categorização das informações obtidas, num processo dinâmico entre a teoria e os dados

coletados. Nesta análise consideraram-se aspectos que surgiram com regularidade e que tivessem correspondência com os propósitos da pesquisa, num esforço de detectar padrões, temas e categorias relevantes de modo que permitissem uma ampliação da análise dos conteúdos contidos neste instrumento, além de enriquecer a execução e análise das entrevistas feitas na etapa posterior da pesquisa.

Considerando o universo dos cinco Técnicos respondentes, apreendeu-se que todos os Técnicos são formados em Educação Física, com três profissionais pós-graduados, sendo um deles Mestre. O tempo de atuação na instituição ficou em três anos por três técnicos e oito e nove anos pelos outros dois. Todos declararam ter escolhido o curso de graduação em Educação Física por uma afinidade com o esporte e atividades corporais.

Por meio do questionário a competição foi definida como disputa entre equipes, o ápice do treinamento esportivo e a possibilidade de pôr à prova ser o melhor. Apenas um dos professores relatou não usar competição em suas aulas, os outros afirmaram utilizar a competição como norteador e motivador da atividade esportiva. Segundo os técnicos a competição, além de poder motivar os alunos, permite que eles percebam a sua própria evolução na modalidade esportiva e desenvolvam em suas atividades a responsabilidade, a cooperação, a sociabilização e o respeito, compreendendo a necessidade de preparo para se alcançar vitória e uma conseqüente melhora da auto estima do aluno.

A dificuldade mais constante, segundo a análise feita do questionário, ao se trabalhar com a competição nas atividades escolares foi a da desmotivação diante da derrota, expressando a importância da orientação do técnico sobre as vitórias e derrotas. Outros apontamentos foram o medo dos alunos de se exporem, a estrutura física da instituição (e a disponibilidade dos materiais), a especialização precoce e a desilusão com a carreira esportiva. Um dos técnicos foi bem enfático ao declarar que, apesar da competição ser uma importante ferramenta didática, a competição esportiva escolar se tornou inútil

por não formar atletas nem cidadãos com consciência da importância da prática esportiva durante a vida.

### **3.5.2 Análise das entrevistas**

De modo a ser coerente com o referencial teórico, para a análise dos dados coletados nas entrevistas foi utilizado o procedimento recomendado por Aguiar e Ozella (2006) para a elaboração dos núcleos de significação.

“A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente absolutamente definida, completa, mas expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele.” (AGUIAR, OZELLA, 2006, p.228)

Após a realização e transcrição do material coletado nas entrevistas, ocorreram as primeiras leituras que permitiram a apropriação do material. A partir das primeiras leituras recorrentes, foi possível destacar e organizar o que chamamos de pré-indicadores, que contém elementos e temas diversos que foram organizados por sua repetição, complementaridade e importância para o objetivo da pesquisa

Após a criação dos pré-indicadores, organizados a partir das falas dos indivíduos, iniciou-se um processo de aglutinação dos pré indicadores em indicadores, categorizados por semelhança e complementaridade, organizados e filtrados de acordo com a sua importância para a compreensão do objetivo da investigação.

O movimento seguinte à formação dos indicadores é um movimento de aglutinação destes, visando a construção dos Núcleos de Significação. Neste processo de organização dos Núcleos ocorre a articulação dos indicadores de acordo com a sua semelhança, complementaridade e/ou contradição. A partir dos Núcleos de Significação todo o esforço do pesquisador se dará na direção da articulação e interpretação do material empírico, organizado no interior dos Núcleos de Significação, num movimento “construtivo interpretativo”

(GONZALEZ REY, 1997), que se faz à luz da teoria e dos aspectos sócio-históricos que visam contemplar a totalidade do objeto de estudo.

Os indicadores são fundamentais para que identifiquemos os conteúdos e sua mútua articulação de modo a revelarem e objetivarem a essência dos conteúdos expressos pelo sujeito. Nesse processo de organização dos núcleos de significação – que tem como critério a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios -, é possível verificar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e significados, o que possibilitará uma análise mais consistente que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas, quanto as contextuais e históricas (AGUIAR, OZELLA, 2006, p.231)

Nas considerações finais faz-se a articulação dos conteúdos de todos os Núcleos de Significação, estabelecendo relações entre eles, considerando suas especificidades e suas mútuas composições na totalidade do fenômeno, realizando um movimento fundamental para a apreensão da constituição dos sentidos.

## 4. O PROCESSO DE ANÁLISE

### 4.1 O levantamento dos pré-indicadores

As falas dos sujeitos de nossa pesquisa na entrevista e nos questionários constituem um vasto material para a apreensão dos sentidos do professor, atribuídos à sua atividade docente. Seguindo a proposta metodológica de Aguiar e Ozella (2006), fizemos inicialmente um levantamento dos pré-indicadores. Neste momento foram destacados os temas que tinham relação com o objetivo deste trabalho e que apareceram reiteradas vezes. Em seguida os aglutinamos em indicadores, considerando a constituição dos conteúdos e por último, efetuamos a articulação dos indicadores que permitiu a sistematização dos núcleos de significação.

Segue, abaixo, os quadros com os pré indicadores levantados nas entrevistas com os técnicos. Os trechos em negrito das falas foram destacados pelo pesquisador pela consideração de sua importância neste estudo, sendo que, em última instância, tais conteúdos condensam a informação essencial a ser considerada.

PRÉ-INDICADORES DAS ENTREVISTAS
<p><b>O esporte eu entendo que ele tem um papel fundamental e é meio que silencioso.</b> Se tratando de escola normal, você forma o aluno, como Matemática, português. Mas a parte de esporte, lidar com a criança, no sentido de cidadania e valores que complementam a escola é o esporte que faz isso. [Adalberto, p.1]</p>
<p><b>Para ser esportista a criança têm que ter um ritmo diferente, tem que ter disposição para o treino, horários para chegar,</b> porque senão não dá para encaixar na equipe se a criança vai chegando sempre atrasada... Então <b>isso vai dando valores que vão agregando aos da escola. São valores invisíveis, silenciosos, mas que vai agregando a escola em sua função.</b> [Adalberto, p.2]</p>
<p><b>Eu acho que o esporte dá motivação.</b> A vida da gente é sempre feita de... Se você tem uma competição você se compara, se tem dez jogadores vai ser o décimo ou o primeiro. <b>Eu entendo muito pela motivação.</b> Quando eu estava dando as minhas aulas na escola com o esporte escolar, <b>você está dando os diferentes esportes, mas você tinha uma meta, um torneozinho para participar, uma competição, isso que motivava. Porque não adianta treinar e ficar no mesmo lugar, você precisa pôr isso para fora, precisa externar isso e através do esporte, que tem a competição, você tem a</b></p>

**comparação se está indo bem ou mal. As crianças também tem a motivação para melhorar, e é um aprendizado par a vida, porque a vida inteira vai ser de competição. Isso nada mais é que um auxílio que ela vai ter, que a vida dela é feita de vitórias e derrotas. [Adalberto, p.2]**

**Tinha uma garota lá, “Laurinha”, de família muito pobre. Cinco ou seis irmãos, o pai foi assassinado, viviam só com a mãe, passavam fome, e essa menina ia muito mal na escola. Essa menina não conseguia escrever, não conseguia ler, ainda estava na segunda série, não tinha noção nenhuma e ela começou a fazer xadrez com a gente e ela conseguiu entender, e lá tinha letras e números, e ela conseguiu entender a mensagem, conseguiu jogar muito bem, teve destaque, foi campeã regional, tinham poucas crianças, mas era a categoria dela, foi o primeiro troféu do CEU, e todo mundo tirou foto com ela. Gestor tirou foto, na escola fizeram entrevista com e a partir daí ela mudou na escola, ela começou a se interessar e começou a entender, os professores começaram a entender ela também. Foi muito legal, porque o Xadrez resgatou essa menina para a sociedade. Através do esporte ela foi resgatada, porque ela teve um momento de destaque e a vida dela era muito sofrida, só tinha coisas negativas. Eu acho que ela não acreditava que seria possível ela ganhar alguma coisa, possível ela ter destaque na vida, possível ela ver que ela era importante também. A partir daquele momento a menina deslanchou, foi bem, ganhou outras competições, perdeu outras, mas ela se inseriu na escola através do esporte. Essa é uma história, têm milhares de histórias assim, várias outras histórias parecidas com a dela, mas a dela marcou muito para a gente, porque ela era um bichinho do mato, ela mal olhava para nós. Eu ia dar aula ela vivia se escondendo embaixo do banco, tinha conversar, conversar, conversar com ela até... Hoje você vê a menina, tem uma postura, olha no olho das pessoas, e foi o xadrez, porque ela não tinha outra coisa, ela não fazia outra coisa, fazia xadrez conosco e a escola. [Adalberto, p.5]**

**A competição é aguardada, eles esperam a competição. Acho que é intrínseco do ser humano competir, ele já está no sangue das pessoas, e a competição é o que faz a motivação. Aí você tem uma ideia como eles estão. [Adalberto, p.8]**

**Que nem quando a gente aprende na faculdade, quando você ensina as crianças tem um salto, aprende rápido, aí tem uma fase que elas ficam niveladas, esse é o momento da aprendizagem, porque não consegue desenvolver. É muito interessante, não consegue desenvolver. Tá jogando, mas faz erros bestas, coisas que deveriam fazer, não fizeram. Tá, estabilizou. Aí você dá alguma coisa diferente, aí sobe, aí estabiliza. Aí você vê. Nessas horas eles estão martelando a cabeça, por que eu estou errando? Por que eu estou perdendo? O que eu fiz de errado? Eu acho que esse é o momento da aprendizagem, quando ele está estabilizado, mas estão lutando para que se suba de nível. É super legal isso aí porque a gente aprende isso na faculdade e eu consigo ver isso com as crianças também. [Adalberto, p.8]**

**Eu falo para os pais, eles ficam ‘meu filho parou, meu filho não está**

amadurecendo', eu falo, calma, ele está amadurecendo, esse amadurecimento é o que fazer com que ele cresça. A gente tem essa visão, os pais não tem, né? Então nós temos que passar para as crianças e para os pais de que eles vão conseguir melhorar. Tem que ter a paciência e a maturação. [Adalberto, p.8]

**[o esporte] Ajuda porque estimula você a ser cada vez melhor.** [Adalberto, p.8]

**eu acho que o esporte é fundamental, porém é difícil de mensurar os benefícios que causa para a criança e para a sociedade em geral.** Na escola existem as matérias que você tem como comprovar, tá lá, tem nota, tudo e o esporte é uma coisa que ganha dentro dele, ele melhora por dentro, **ele fica mais responsável, com o raciocínio lógico mais rápido, mas é difícil de você provar isso.** [Adalberto, p.13]

**O esporte é fundamental, só que é difícil de mostrar para a criança e para os pais que foi determinado esporte que ajudou na formação da criança.** Mas o professor que tem essa consciência, e não espera aplauso todo dia, ele está consciente que o papel dele foi importante, que as crianças melhoraram e ele foi importante para aquilo. **Então quando você não espera todo dia uma batida nas costas, um agradecimento, você está tranquilo, você sabe que seu papel foi importante.** Agora se a pessoa espera aquele reconhecimento talvez se frustrar. Fora isso, **se você está consciente da sua importância perante o grupo de aluno e perante o grupo de professores, perante os pais, você já está preparado para dar suas aulas, seu treinamento e sabe que você é importante nesse meio.** [Adalberto, p.13]

**Eu trabalho há quase cinquenta anos. Quantos alunos eu tirei do vício, de fumar, de beber, de drogas. Hoje todos eles me agradecem, tudo advogado, médico.** Eu dei, nesses cinquenta anos, uma contribuição enorme para a vida desses rapazes. [Breno, p.2]

**A competição é o top da educação física. O máximo que eles podem é a hora que eles estão competindo.** Nós temos até uma equipe muito boa aqui de Xadrez, com o professor Adalberto, muito bom. O máximo para eles é participar de competições fora do CEU. [Breno, p.2]

**Aqui tem o professor V. que ele faz um trabalho excelente com o pessoal deficiente. Os esportes que eles mais praticam são a natação, alongamento, caminhada, dá aulas teóricas nos ateliês, bibliotecas, passa filme. Eles estão um grande desenvolvimento e isso não é uma coisa que ele nem é obrigado a fazer, mas ele faz assim porque gosta, porque tem espontaneidade e procura fazer de uma maneira aplicada, faz porque gosta e põe o coração mesmo a trabalho dos garotos, e eles estão evoluindo muito.** Garotos e garotas, tem senhoras. [Breno, p.4]

**O aluno cresce com outra visão de vida, ele se adapta muito mais fácil à sociedade e para ele, individualmente, ele vai crescer muito, tanto na parte de estudos quanto na parte esportiva. Então, se dedicando ao**

**esporte ele vai fugir de drogas, de beber, de fumar e isso aí é muito importante. Quanto mais ele se dedicar ao esporte, mais ele foge de tudo o que é errado. Aí a importância do esporte.** [Breno, p.5]

O Judô, por exemplo, educa muito bem o aluno, é um dos que mais educam, dá muita disciplina para o aluno, **ainda mais aqui para o aluno da periferia, o esporte para ele é coisa do céu... (Risos) é coisa do CEU mesmo!** [Breno, p.5]

**Eu acredito que o esporte, por sua origem, já é educacional. Por sua origem.** [Fabiano P.2]

Para mim é formação de cidadão. **O esporte para formar um cidadão. Se você pegar o esporte, ele tem a capacidade de trabalhar com cooperação, a competitividade, a capacidade de inserção social, a capacidade de conhecimento ambiental, a capacidade de você ter a saúde do seu corpo como forma de ter uma vivência adulta de forma saudável.** [Fabiano P.3]

**Você não tem só a competitividade no esporte, você tem a cooperação.** Como esse garoto vai aprender a agir em grupo? Como esse garoto vai aprender que aquela pessoa que está do lado dele é tão importante quanto ele, mas que com essa pessoa também vai haver uma competição, como ele vai lidar com isso? Ao mesmo tempo em que ele vai disputar uma vaga de emprego com aquele colega de classe, ao mesmo tempo esse colega de classe pode ajudar a fazer um crescimento. **São duas coisas desse trabalho que eu vejo que não são separáveis e isso às vezes isso confunde na formação do cidadão e o garoto não tem essa concepção. Como esses dois garotos, dentro dessa formação educacional, vão saber agir dentro de uma sociedade onde tem regras? Esporte tem regras.** [Fabiano P.3]

**O esporte, por exemplo, pode tirar o garoto da rua, que estava jogando bola perto de traficante e começar um processo de treinamento dentro da escola, como a escola da família, então o esporte também tem esse cunho inclusivo, pode trazer para o garoto uma nova visão de vida.** Porque ele vai começar a praticar o esporte na escola, vai começar a [Fabiano P.12] ter afeição pelo esporte, vôlei, futebol, vai começando a entender que toda quinta feira ele tem um compromisso, toda terça e quinta ele tem um compromisso com o treinamento, fora isso o esporte já começa a motivar ele, quer crescer na vida. Isso é muito automático. **Se você consegue trazer o garoto ele vai ter vontade de se dedicar a outras coisas, e isso foi mostrado socialmente, então ele com certeza melhora na escola, melhora sua capacidade de convivência com outras pessoas.** [Fabiano P.13]

**Então o esporte como inclusão é importantíssimo e, também, com um trabalho apropriado no esporte, ele vai gostar de vir à escola.** Tanto aqueles garotos que tem aquelas deficiências físicas e mentais quanto para os garotos que não apresentam nenhuma deficiência, o esporte é a principal ferramenta de inclusão na escola. [Fabiano P.13]

**Como a maioria das pessoas, eu fui atleta antes. Jogava futebol na**

**várzea, mas jogava com bastante time, mas não segui a carreira esportiva. Para ficar na parte esportiva, continuei na Educação Física.** Acho que é o que acontecia com a maioria dos meus colegas na faculdade. Você tinha uma ideia da Educação Física, e quando você começa a estudar, começa a se aprofundar, você vê que é diferente, você começa a se tornar professor, porque tem a parte didática, de treinamento, então você começa a entender a formação de Educação Física. Quando você é jovem você acha que vai lá para jogar bola, ser atleta, depois você começa a ter esse papel diferenciado para ajudar outras pessoas. [Adalberto, p.1]

**Uma coisa que eu vejo que é muito importante é a forma como você vai trabalhar, a didática, isso é muito importante. Você vê em outros cantos, são excelentes profissionais, mas não sabem passar.** [Adalberto, p.11]

**A maneira como você vai conseguir levar o conteúdo para as crianças e se surgir um empecilho, como você vai superar aquele obstáculo, então conta muito pela didática. A didática é o que faz a diferença e isso deveria ser trabalhado nas formações continuadas também, para que a pessoa veja outras maneiras de trabalhar.** Eu gosto de trabalhar na parte humanitária, não sou aquele cara que cobra 100%, vai, briga, fica de mau humor se perde, eu conto muito pela parte didática, eu tive uma boa didática e acho que isso faz a diferença. [Adalberto, p.11-12]

**Eu comecei a trabalhar no meu primeiro ano de faculdade. Aí como na faculdade eu sempre jogava vôlei lá, comecei a dar aula, comecei a montar umas equipes de vôlei, fui crescendo, crescendo, ganhando e ganhando campeonatos, consegui arrumar ótimos empregos,** estou numa situação muito boa, graças a Deus, devido ao que eu plantei. [Breno, p.1]

**Sempre gostei [de esporte].** Trabalhei com futebol de salão, handebol, vôlei, basquete, mas, especificamente, me aprofundei no vôlei. Fui técnico do Pinheiros, do Palmeiras, do Tietê, do AABB e um monte de clubes. [Breno, p.1]

Já fui campeão da capital de voleibol, copa Dannup, olimpíada infanto-juvenil, campeonato colegial de esportes, jogos mirins de São Paulo, Campeonato H2 Esportiva, Jogos Mirins de São Paulo, Campeonato Paulista da Federação, lá ganhei vários anos, várias modalidades, eu ganhei todos os campeonatos que tem em São Paulo, **ganhei mais de 400 campeonatos. Isso é muito gratificante, e continuo ganhando, se esse aqui ganhar amanhã, sou campeão de novo.** [Breno, p.9]

**Trabalhei já no estado, quarenta e cinco anos num colégio de estado.** Consegui ganhar também todos os campeonatos que tem no estado de São Paulo. Nas particulares não precisa falar, porque eles dão tudo. **Eu tenho uma grande coisa, uma satisfação na vida: todos os colégios que eu dei aula eu fui campeão. Todos, indistintamente e eu dei aula em mais de 60 colégios.** [Breno, p.10]

**Eu sempre fui esportista desde garoto, sempre pratiquei esportes, fui até**

atleta amador de basquete[Fabiano P. 1 ]
Aí comecei com o basquete, aí eu fui para o Palmeiras, e aí comecei a jogar nas categorias de base, joguei também nas categorias de base do esporte Ipiranga e fora isso sempre pratiquei esporte na rua, pedalava, corria, sempre fiz esporte, desde pequeno. <b>Foi um interesse meio que por osmose a Educação Física, por ser um apaixonado pelo esporte, e eu nunca trabalhei com nada que não fosse esporte, porque eu jogava e quando entrei na educação física comecei a trabalhar, então foi essa a história, paixão.</b> [Fabiano P. 1]
Eu trabalho praticamente com adultos, ginástica, <b>eu trabalho basicamente com a qualidade de vida</b> , que é corrida, ginástica, hidroginástica, treinamento funcional, essa parte de qualidade de vida, ou fitness, e tem a parte do basquete com adulto, [Fabiano P.2]
Primeiramente <b>as formações nas universidades estão péssimas</b> . Hoje a formação do profissional nas universidades está beirando a falência. Os professores estão saindo da universidade sem condições de trabalhar, e quando saem, saem com pouquíssimos conhecimentos sobre as áreas, porque teve que estudar diferentes setores muito por cima, muito rasos, chega ao mercado de trabalho em ter condições de trabalho, então a primeira coisa é estar na universidade. <b>Mas é só a universidade que está com problemas? Não. A educação básica desses profissionais também está ruim, pois eles não têm uma cultura de formação de estudo nas escolas para chegar à universidade e ter condições de se formar.</b> Para não ficar muito longe, dentro da universidade já é um grande problema. Quem está saindo e a formação que está acontecendo hoje não está boa, principalmente na formação escolar. <b>Hoje está se formando muitos técnicos ou professores para academia e poucos professores para a escola.</b> [Fabiano P.6]
<b>Aí você tem o problema curricular, então naquela universidade eu trabalho essas disciplinas e nessa universidade eu trabalho essas, então nessa eu vou ter a formação de um profissional e naquela vai ter outra.</b> Ah, mas tudo é esporte. Não é. Aqui eu trabalhei seis meses de anatomia, lá é um ano, aqui a gente trabalha estrutura curricular de Educação Física escolar, aqui a gente faz uma semana de esporte escolar. <b>Primeiramente tem que haver uma padronização curricular na Educação Física no Brasil.</b> [Fabiano P.7]
<b>Aí com a formação mais completa do profissional você já começa a discutir o trabalho dentro das instituições escolares.</b> [Fabiano P.7]
<b>agora tem a copa do mundo, é olimpíada, pronto, o esporte virou o boom mundial, vamos investir no esporte, no professor, na prefeitura...</b> Tá, investir como? Não, tem que abrir espaço para as crianças virem, aí coloca, já vamos entrar num outro assunto, aí a gente coloca os garotos, <b>faz uma formação esportiva e manda para onde, se aqui temos um centro olímpico que fica lá do outro lado da cidade?</b> [Fabiano P.7]
Então todos esses fatores se somam, você[Fabiano P.7] tem desde a grade

curricular de Educação Física nas universidades, a formação os profissionais que estão saindo para o trabalho, a visão do esporte, **dentro da escola, existe um conflito, mesmo nos PCN, nas LDBs, existe um conflito sobre o esporte escolar nessas próprias leis que regulamentam, como nós vamos trabalhar isso dentro de uma escola, se eles mesmos não sabem definir o que é o esporte escolar?** Não, não pode trabalhar esporte na escola, mas tem que trabalhar as modalidades, ou não, o esporte competitivo não pode ser trabalhado na escola porque não é educacional, mas **quem disse que você trabalhar com competição não é educação?** Avaliar um garoto com provas é o que? Existe até uma incoerência dentro do próprio Ministério da Educação. É muita coisa que vai englobando. [Fabiano P.8]

Como lidar com isso? Capacitação? Tem pouca capacitação? Eu acredito que tenha. Eu acho que infelizmente, dentro do universo público, estadual, **existe pouca capacitação para os professores, capacitação realmente de formação. Acho que esse é um caminho, dar mais condições aos professores de uma formação mais concreta, uma extensão, ou até mesmo pós-graduações nesta área, o que eu acredito que seria um primeiro passo, uma ferramenta, mas não tem.** [Fabiano P.8-9]

A formação também da importância do esporte como forma de educar, como forma de trazer a formação do garoto como cidadão dentro de uma sociedade, e existem cursos, mas não tem muito acesso. O professor não tem essa condição? Financeira? Mas **muitas vezes o curso é num sábado, o professor trabalha no sábado e muitas vezes eles não liberam o professor para fazer o curso. Como que querem uma capacitação do profissional, uma formação mais concreta do profissional se não dão nem a oportunidade dele se deslocar até o curso?** [Fabiano P.9]

**Eu acredito, na minha concepção, o primeiro passo é acolher esse profissional que está na prática e dar oportunidade dele se desenvolver, aí você tem várias ferramentas do processo, cursos, capacitações, congressos, materiais, cultura, para que ele chegue ao fim e ele tenha a oportunidade de dar suporte para aquela criança no momento que ela precisa,** e um profissional bem trabalhado, um profissional bem resolvido, um profissional bem capacitado vai saber lidar com uma criança na derrota e na vitória como vai saber lidar com o pai e como vai saber lidar com os seus superiores. Fácil não vai ser, lógico, só que eu acho que hoje esses profissionais sentem essa carência, essa carência é muito grande, então para mim esse é o processo, dar ferramentas para que esse profissional se desenvolva dentro da área profissional, [Fabiano P.10]

**A minha crítica é que o esporte escolar, esporte como formação, está sendo visto de forma errada. Aí você tem todas as classes, desde o domínio público, o profissional que trabalha, das instituições, da mídia...** Está sendo feito de forma errada, continua sendo feito de forma errada, tinha uma grande chance de arrumar as coisas com esses eventos esportivos que vão ocorrer, que são de grande porte, visto de forma errada, errando novamente, mas esse ciclo vicioso só tem uma palavrinha chave: cultural. Cultural do Brasil, e não é de agora, tem muito tempo com essa visão e

infelizmente... Existem muitos profissionais de altíssimo nível estudando isso, na [Fabiano P.13] pedagogia do esporte, escolar, mas não consegue implementar dentro da prática, infelizmente. **Existem dois mundos, o que está sendo feito na universidade e o que está sendo feito fora da universidade, e isso é uma crítica que eu faço.** [Fabiano P.14]

**Na parte do esporte, a competição é o que menos dá trabalho, o problema são as outras coisas, quantidade de aluno, material escasso, a direção da escola que não entende a sua ideia, não compra, querem números mas não te dão o suporte necessário, são os maiores empecilhos.** A criança é o menor empecilho, talvez seja uma coisa da parte administrativa. [Adalberto, p.2]

**Depende muito de quem está gerenciando o estabelecimento, às vezes a pessoa entende o papel do professor, aí não tem muita cobrança, mas dependendo da pessoa gerenciando só quer números, perguntam quantas a gente ganhou, mas não sabe que a gente ficou doze horas com as crianças na competição com as crianças, que a crianças passou o dia inteiro com pão e água. Cobram mas não dão o suporte necessário para que você continue.** [Adalberto, p.2]

Foi difícil com a gestão, com as pessoas, mas **sempre teve umas duas coordenadoras que ganharam a minha ideia e me ajudaram a conseguir implantar** e foi apresentada pelas crianças. [Adalberto, p.4]

**O xadrez, na secretaria municipal de educação, ele virou programa, então para as competições da prefeitura nós temos o mínimo para as crianças.** Vêm um lanchinho três vezes por dia para as crianças, para eles poderem comerem durante o dia e tem o ônibus. Por ano tem duas formações para professores. A primeira desta Diretoria Regional de Ensino fui eu quem formou os professores. Então tem uma estrutura mínima da parte das políticas públicas que tem ajudado a gente e mantêm a competição de xadrez, e a de São Paulo é talvez a maior da América Latina, pelo número de crianças e pelo tamanho da cidade. São 31 Diretorias de ensino, em cada uma dela tem mais de mil crianças jogando. Eles jogam primeiro regionalmente, como se fosse uma peneira e de lá saem dez classificados de diversas categorias, sub-8, sub-10, sub-12, sub-14 e aí vão jogar a fase municipal, lá no Ginásio Pacaembu. Aí você enfrenta as feras, você enfrenta os dez melhores de cada DRE para ver quem é o campeão municipal. [Adalberto, p.8-9]

**O Top para as crianças é o centro olímpico, mas fica lá no centro de São Paulo, tem que pegar não sei quantas conduções para ir para lá. Eu me lembro de que tinha uma menina na natação que queria e ia lá. E ia sozinha.** Às vezes ia com os pais dos outros, mas ela pagava para ir sozinha. Eu falava, você não tem medo, tem só doze anos, mas ela falava, ah, eu vou. Pegava três conduções para chegar, demorava uma vida inteira, não tinha lanche, não dava nem vale transporte. Eu entendi que os professores de lá exigiam demais das crianças. Talvez porque seja um esporte de alto nível eu trabalhe mais com esporte escolar aqui, estão eu vejo o lado humano das pessoas. **Lá a menina começou a ter um monte de problema, no ombro,**

começou a dar uma lesão nela, porque estava forçando [Adalberto, p.9] demais, até que ela desistiu, não tinha motivação suficiente, não tinha uma ajuda de custo, nem o vale transporte, para comer tinha que ser do bolso dela, não podia ter falta, duas faltas perdiam a vaga. Eles selecionam muito pela exclusão. Aquela pessoa que supera essa fase ou que os pais moram mais próximos ou tem mais condições talvez esse consiga se destacar. Esse é um caso que me marcou muito. [Adalberto, p.10]

**Aqui no CEU mesmo, embora tenha toda essa estrutura física, não dá para desenvolver um trabalho tão forte, porque faltam equipamentos. No xadrez, como eu estou isolado e tenho a minha salinha, dá para fazer meu trabalho, mas meus colegas, é difícil deles desenvolverem.** Tem estrutura, mas não tem como usá-la plenamente. Tem a quadra, mas a quadra é para EMEF, escola regular. Tem a piscina, só que eles têm que dividir dois, três professores. Aí é o que eu estava falando, saí uma pessoa que tem condições daqui aí tem que ir lá ao Centro Olímpico, longe demais. [Adalberto, p.10]

Às vezes os conteúdos programáticos que você tinha que dar vinham fechados e você não tinha como escapar muito daquilo. **Aqui você faz seu planejamento de aula, vê as aulas que vai dar e tem mais liberdade.** [Adalberto, p.10]

Eles cobram muito da gente, porque **eles [os alunos] leem muito. Não é que nem antigamente que o professor falava era a palavra final, um deus que sabia tudo. Hoje eles questionam a gente, eles provocam, trocam ideias. A formação continuada vai te dando subsídios para que você não fique na mesmice, use as mesmas tecnologias, acho que a importância tá aí, para que você não fique estabilizado no tempo.** [Adalberto, p.11]

A prefeitura organiza os campeonatos, só que a gente tem que fazer as turmas de treinamento e trabalhar em cima delas. Amanhã vamos jogar a final do Pré-mirim, mas foi um trabalho meio difícil, mas no ano que vem deve ser melhor ainda. Porque **cada um estuda num horário, um estuda de manhã, outro à tarde, fica complicado por causa do horário. À noite aqui, depois das cinco horas, o pai já não deixa, a mãe não deixa. Em todos os lugares tem o mesmo problema, todos os CEUs...** Colégio é diferente, principalmente o particular, que já estuda o horário que cada aluno pode e encaixa ele. É muito mais fácil trabalhar. E tem muito material também. **Aqui tem material também, mas não é de primeira linha, é material que dá para trabalhar.** [Breno, p.2]

**O principal é local e material. Tendo o material e o local apropriado, aí é você que tem que fazer... Aí chega até o máximo, você querendo, vai até em cima. É só se dedicar, aprofundar.** Porque os professores já querem montar time, mas primeiro tem que aperfeiçoar a técnica individual de cada aluno. Depois da técnica individual você parte para o físico, depois o técnico e tático. Para chegar ao tático tem que passar muito bem pelo técnico e para isso tem que fazer muitas repetições dos fundamentos. [Breno, p.3]

**O Clube dá mais condições e exige resultados. A escola te dá condições, mas se você ganhar, melhor, se não ganhar também é a mesma coisa.** No clube tem que ter resultados, se não tiver... Em uns dois três anos você é substituído. [Breno, p.3]

**Quando você faz uma seleção num clube, só passa quem tem condições de ficar craque, chegando ao alto nível. Nas escolas, você precisa também pegar o melhor, porque você quer obter resultado.** No meu caso eu deixo o aluno ir competir, jogar um pouquinho, mas principalmente se o treinamento é pago, você tem que pôr. Você ganha o primeiro set, pôr eles, se perder o segundo, ganhar o terceiro. Você tem que usar a malandragem para usar essas crianças. [Breno, p.3]

**Aqui tem de todas as idades e todo mundo é bem recebido. Isso é até uma das normas do CEU, né? Receber bem a comunidade.** [Breno, p.4]

**A prefeitura determina as normas e você tem que segui-las.** Eles enviam diariamente emails para a gente, a gente pega, olha, eles soltam os regulamentos de como deve ser feito, a gente vai e faz. [Breno, p.5]

**A dificuldade mesmo é só no começo. Você montar a equipe de treinamento. Depois que montou, a coisa vai fluindo normalmente.** É só chamar, montar, selecionar, determinar as normas, seguir as normas e eles já seguem. [Breno, p.5]

**O segredo aí é a dedicação do professor. Se ele dedicar e fizer tudo direito, ele nunca vai ter problema. Eu trabalho há cinquenta anos com treinamento e nunca tive problema, porque sempre me dediquei você tem que se atualizando da modalidade.** Surgiu alguma coisa nova, um treinamento novo. [Breno, p.6]

**A competição é regionalizado. Eles fazem um sábado aqui, um sábado em outro CEU,** num sábado em outro, porque as quadras são ótimas. [Breno, p.10]

O CEU tem uma quadra sempre boa, quadra coberta, manda o material, não é de primeira mas tem. A escola do estado não, tem o material e umas quadras, algumas com quadras cobertas excelentes, mas geralmente é mais difícil para trabalhar. Particular tem tudo. **O professor tem que correr atrás, se ele não fizer isso, não rende. Tem que se dedicar e ir para cima.** [Breno, p.11]

**Agora o principal é dedicação. Ou tem ou não vai para frente. Tem que procurar, ter conhecimento, fazer amizade com todo mundo.** Tenho amizade com muita gente. [Breno, p.11]

Ele sempre tem que ter amor ao próximo, à Deus e **procurar não prejudicar o concorrente, que não é nem concorrente, são todos concursados, tem procurar trabalhar em conjunto. Se ele achar que ele tá prejudicando alguém é porque ele está.** Nesse tempo que eu trabalho, todo esse pessoal que prejudicou alguém está afastado de algum jeito. Você plantou, você colhe. Tem que semear, cara que não quer nada... Principalmente em esporte, se o

<p>cara não se dedicar, ele está perdido. [Breno, p.13]</p>
<p>Se você pegar a visão americana, a visão canadense, a visão australiana e a visão brasileira, <b>cada país têm uma visão completamente diferente e um a outra forma de trabalhar o esporte como forma educacional e o Brasil ainda não se definiu, nós não temos ainda isso muito claro</b>, e isso você percebe desde a parte administrativa, do governo, até os profissionais. Aí fica complicado, mas eu acredito que o esporte é uma ferramenta muito importante para a educação. [Fabiano P.2]</p>
<p><b>O garoto vai crescer e se formar e não vai se tornar um competidor, mas ele vai ter sempre em mente que na vida que ele tem lá fora ele tem regras no seu serviço, tem regras dentro da sua casa... e isso eu acho que se perdeu.</b> [Fabiano P.3]</p>
<p><b>Se você pega os garotos que fazem uma formação esportiva numa escola como a Arquidiocesano é uma coisa, mas você pega um garoto que tá aqui no CEU e não come em casa, que tem desnutrição é outra.</b> [Fabiano P.5]</p>
<p>Você vai ao médico e se ele não tem uma condição boa de exame ele vai olhar para você e dizer “toma esse remédio e vai para casa”, você está com uma doença e ele te dá remédio para outra. O professor de educação física a mesma coisa, <b>se esse professor não tiver esse conhecimento, não tiver essa formação, essa base boa, como ele vai ensinar o garoto? Como ele vai trabalhar com o garoto se ele não tem conhecimento, por exemplo, de educação infantil, se ele não tem o conhecimento de maturação. Logicamente ele vai pegar as crianças e não vai saber o que fazer</b> [Fabiano P.5]</p>
<p>Aqui no Brasil tem muita, e isso é um grande problema, <b>a escolinha de futebol</b>, escolinha de não sei o que. <b>Quem trabalha com esses garotos? Ex-atletas, que não tem uma formação, que foi formado com esse pensamento competitivo, é só competição e treino, não com essa conotação de formação. Esses garotos vão cair. Aonde que tinha que estar essa abordagem mais influente? Na escola, só que hoje, a Educação Física escolar, na minha visão, tá degradada.</b> [Fabiano P.5]</p>
<p><b>O que eu acho que falta é a famosa lacuna entre teoria e prática, então a teoria não está chegando até o profissional, o profissional não está indo até a teoria, está havendo uma dificuldade do profissional de estar buscando essa formação maior e também, acho que é o principal, dar espaço para o profissional se desenvolver e trabalhar.</b> [Fabiano P.10]</p>
<p><b>A estrutura onde ele trabalha muitas vezes não oferece a oportunidade para ele ter um trabalho mais efetivo, a estrutura é restrita, você só tem aquele espaço para ser trabalhado, então ele terá que se adaptar aquele ambiente, aquele espaço e isso também já traz um stress ao profissional</b>[Fabiano P.9- 10]</p>
<p><b>Da onde que vem o conhecimento para que o profissional se</b></p>

**desenvolva? Das universidades, onde estão sendo feitas as pesquisas. Fora isso dar oportunidade e tempo desse professor se desenvolver, senão não adianta.** Eu trabalho 8h por dia, entro tal hora e saio tal hora, tem o curso, mas pode ir? Ah, não pode. Como que ele vai fazer um curso. Até mesmo um livro. O professor não tem oportunidade nem de um maior desconto na compra de um livro. Como você vai desenvolver um profissional se você não der condições desse profissional se desenvolver? **Não acho que é falta de vontade do professor, o que eu acho é que existe uma decepção do profissional dentro daquela estrutura em que ele se encontra**, isso tanto na parte pública quanto na particular, então nós temos um círculo vicioso, aí entra naquilo que eu falei inicialmente. Isso é uma cultura. E como mudar uma cultura? [Fabiano P.10]

**A escola é o início de tudo, é a primeira fase de formação e promoção esportiva é na escola.** [Fabiano P.11]

**O esporte é a principal ferramenta de inclusão**, fora que hoje o principal fenômeno mundial que consegue colocar uma grande massa de pessoas, numa ambiente, parado, para fazer determinada coisa, é o esporte. O esporte chega a ser uma forma de disputa política porque ele consegue mobilizar uma grande massa de pessoas. **O esporte é muito forte, bem trabalhado ou mal trabalhado é outra discussão, mas que você consegue uma mobilização gigantesca social, cultural, você consegue.** [Fabiano P.13]

**A parte da derrota sim. Nós temos que estar trabalhando com eles o tempo inteiro.** Quando você ensina uma coisa, e eles se sentem preparados para estar disputando o esporte na competição e se depara com alguém que é melhor que eles, ficam frustrados. **Muitas vezes vemos em todas as escolas os que choram ou ficam nervosos, então a frustração tem que ser lidado o tempo inteiro. Mas é importante também a frustração para a criança, pois ela vai saber que não se ganha todas, não é possível ser o melhor a todo momento.** Quando você está bem preparado não é que você vai ganhar, mas que você tem condições de ganhar, que pode ter algum percalço no meio do caminho, e isso é o que tentamos passar para as crianças que o importante não é vencer, o importante é ela estar disputando, ela estar competindo, acho que competir é muito melhor que vencer. **E ganhar ou perder faz parte e a gente mostra para elas, mostra até para as mães, às vezes.** [Adalberto, p.3]

**Eu fico feliz quando ganha, mas quando perde tem muitas lições.** Eu sempre trabalho com as crianças como foi a partida, o que te fez perder, e a gente monta o tabuleiro na hora e conversa. **A derrota mostra mais do que a vitória, porque ela é dolorida, ela faz a pessoa crescer mais do que a vitória.** [Adalberto, p.3]

**Perguntam sobre vitórias e derrotas**, mas dentro desse processo que eu te falei, **a gente vai moldando as crianças e os pais também.** Eu sinto sim que tem um acompanhamento maior do que nos outros esportes. [Adalberto, p.4]

Talvez pela pressão que é exercida nos estabelecimentos ou é intrínseco do

professor a necessidade ganhar a qualquer custo. Alguns colegas tem isso e dá para perceber. [Adalberto, p.12]

Eu digo para as crianças que talvez eu ensine a anti-malandragem, para se precaver, porque você tem que desconfiar, infelizmente, tem que desconfiar. **Aconteceram dois casos esse ano, que a criança tinha ganhado o jogo, levantou a mão para chamar o árbitro, se distrai e nisso o adversário que é uma criança da mesma faixa etária, move a peça. Ela perdeu e ela move a peça. Ela tira uma peça do lugar, coloca o rei na frente e o jogo continua, mas não era como estava no jogo em si. E aconteceu com a mesma escola, duas crianças diferentes. Será que foram as crianças que pensaram nisso ou teve uma malícia, uma maneira não correta de se levar uma partida?** Isso aí eu não ensino, eu sempre falo para as crianças, existe derrota e vitória, a gente pode vencer ou perder se você estiver preparado e concentrado no dia do jogo, mas não vai vencer por maneiras que não seja do seu próprio meio, mas você tem que ensinar a criança a não tirar o olho do adversário, infelizmente, desconfiar um pouco, ficar de olho no tabuleiro, porque você não sabe quem pode ver e fazer uma chantagem com ele, um jogo sujo com a criança. Adalberto, p.12]

**Isso também ensina para a vida, porque esse jogo em si, nesse momento dessa competição, nada mais é do que uma representação da vida que essa criança vai ter,** que vão ter pessoas boas e ruins no convívio com a gente e tem que desconfiar. [Adalberto, p.12]

**Primeiro o professor tem que ver o lado humano, tem que ver a formação da criança. Se você for excluir, você se queima, porque aquele que você excluiu nunca mais vai se esquecer de você** e vai fazer uma má propaganda sua, “é, tá vendo, eu tive aula com o professor B. e ele nunca deixou eu jogar, me tirou fora” e joga na tua cara a vida inteira, ao passo que se ele disser “eu fiquei de fora mas ele me deu uma força e tal e hoje eu melhorei muito”, e têm **muitos que eu consegui melhorar por causa do conhecimento que eu tenho do voleibol, eles me agradecem até hoje. Então o que importa é que não pode excluir.** Excluir você põe a tua cabeça a prêmio. [Breno, p.4]

Esse problema [a derrota], principalmente no começo, é muito difícil. A primeira vez que a criança vai jogar... Aconteceu comigo essa semana. Um colégio que eu treino. Foram jogar a primeira vez. **Os meninos não estranharam, as meninas estranharam, choraram e antes de começar o jogo estavam tremendo, embora eu tenha feito um trabalho psicológico com elas e tal. Agora se é outro jogo já não acontece isso. Já vai mudando, a pessoa vai vendo que a vitória e a derrota faz parte.** [Breno, p.8]

**Varia [ gênero e a ansiedade]. O sexo masculino nesse ponto não sente a pressão.** [Breno, p.8]

**Você tem que dar experiência para ele. Você vai marcando jogo, um atrás do outro. Passou do quarto, quinto jogo, ele já não estranha mais.**

Participar e competições. Perde no começo, pega experiência e ganha no futuro. Às vezes dá sorte de você pegar três ou quatro moleques bons. É que as meninas jogam bem, mas são muito novinhas, dez anos. O dos meninos é grande e eu peguei e já ganhou, não estranhou, catorze, quinze anos. Tem que saber levar. Quando você tem a experiência tem que aplicar em cima dos alunos para não ter problemas futuramente, mas eu nunca tive, graças a Deus eu sempre me dei bem. [Breno, p.8]

**E tem uma coisa muito importante no esporte, a quantidade de horas que você trabalha.** Se você trabalha uma hora por semana, você obtém um resultado, se você treina duas vezes, obtém outro, e três vezes, aí você mata a pau. **O ideal é três vezes por semana.** [Breno, p.10]

Quando ele entra no treino ele já visa a competição. Se você montar uma equipe... E, por exemplo, **eu tinha uma equipe que só tinha amistoso não era campeonato, e os alunos que saíram do treino falavam “eu saí porque não tinha campeonato, mas agora que tem, eu vou voltar”.** Aí **você ganha de acordo com o aluno, você ganha mais.** Tem um **direcionamento no campeonato que ele também se motiva.** É o auge, o **objetivo do treinamento é competição.** [Breno, p.12]

**Não para chegar a ser um atleta, porque isso é uma minoria que vai ser, é um funil,** e isso ninguém entende. De 30 garotos que você tem praticando esporte, você terá três que chegarão a um alto nível, estudos já mostram isso, é um funil que ocorre. O grande problema é que dos 30 chegaram [Fabiano P.2] três, e os outros 27? **Aí é que entre a questão da educação, da formação, como cidadão, competências, a formação do corpo, o conhecimento corporal, a importância da saúde...** Porque **você pega agora o esporte educacional como forma de educar o garoto, mas também tem a questão da saúde.** [Fabiano P.3]

**Porque se você não tiver a competição com esse pensamento, pra que que serve a competição?** Botar um bando de garotos para se digladiarem dentro de uma quadra, então voltamos à época romana, pior ainda, na época romana com crianças. **Joga lá dentro, põe um monte de pai gritando em volta e os garotos se digladiando lá dentro e no final terão os mortos, os feridos e os vencedores e os pais vibrando.** [Fabiano P.4]

Tem que colocar os garotos para fazer toque. Isso aí tudo bem, isso é do esporte, você vai aprender a jogar um basquete, um xadrez, não tem como ele aprender a jogar sem ter a técnica, agora **a competição na visão de formação, ela tem que trabalhar todas as questões, respeito à regra, respeito ao companheiro, saber ganhar, saber perder, porque nem sempre você ganha, você perde, e a decepção de uma criança que está em fase de maturação,** [Fabiano P.4]

**O grande problema é a cultura. Você apontou a coisa de lidar com a derrota.** A gente discute como fazer o garoto lidar melhor com a derrota? **O próprio professor já tem essa dificuldade,** tudo bem, isso aí podemos falar, porque ele tem que ter uma mentalidade que é um cunho de formação, tá, só

que aí o coitado chega à escola, ele tem uma equipe e fez todo o trabalho, aí chega a diretora e fala, porque vocês perderam? Você não está trabalhando direito. Tá aí dando treino e não tá ganhando por quê? A pressão já está em cima dele. Aí vai chegar um monte de pai que diz 'meu filho vem aqui, treina, treina e só faz ser humilhado lá? Alguma coisa tá errada!'. Esse é um fator complicado. Esse para mim é o principal fator. [Fabiano P.8]

O esporte de alto rendimento e o esporte competitivo são os melhores, vão chegar apenas os que têm condições. Automaticamente **vai haver um funil e vai haver exclusão**, [Fabiano P.11]

Há um trabalho muito mal feito, baseado em muito senso comum no qual muitos garotos, adolescentes que teriam condições de se desenvolverem serem excluídas do processo, e esse processo se chama treinamento a longo prazo, que é desde o início, no ingresso de treinamento sistemático até ele atingir o alto rendimento. **Essa fase que chamam de base é treinamento a longo prazo. Porque que ocorre essa exclusão? Aí são vários fatores, profissionais mal capacitados, que se baseiam em apenas algumas variáveis ou critérios, ou só físico ou só técnico, esquecendo a questão maturacional, social, psicológica.** Então esses são alguns fatores que erram nessa exclusão. O garoto que vai jogar basquete, qual a primeira coisa que eles pensam, tem que ser alto, só que você vai pegar garotos de onze anos onde um é baixo e o outro é alto. Só que eles esquecem que estão em processo de formação maturacional. **Esse que é baixo vai ser grande lá na frente, esse que é baixo provavelmente é precoce e não vai mais crescer, aí o que aconteceu, ele excluiu esse inicialmente por um critério e o outro vai ser excluído lá na frente porque ele vai ser baixo. Mas ambos tinham capacidades e condições de tornarem um grande jogador, mas ele não foi avaliado.** [Fabiano P.11]

Essa promoção, essa palavra que ninguém põe na cabeça, **a promoção desse garoto ocorre inicialmente na escola e vai seguindo o fluxo, porque aqui nós temos uma formação esportiva onde os clubes e federações são responsáveis, então ele vai para esse clube e nesse clube ele vai continuar o processo até que ele possa atingir, ou não, o alto rendimento, mas isso não ocorre.** A escola não está preparada, os profissionais não tem essa preparação, as competições escolares não estão tendo esse cunho de formação e os clubes fecharam de uma forma absurda a militância, porque é militante quem não é sócio, hoje os clubes pegam dois militantes. **Como um garoto que na escola se destaca vai conseguir entrar em um clube? Não tem, então ele não vai ter condições de se formar esportivamente então chega uma hora que ele desanima.** [Fabiano P.12]

O xadrez é um esporte individual e é um esporte diferenciado, é muito de intelectual, então as crianças que vêm fazer xadrez são crianças diferenciadas na escola. Dificilmente o Zé Mané lá, que não quer saber de nada vai fazer xadrez. É uma criança que quer alguma coisa, que tem um objetivo, que tem um raciocínio lógico mais rápido do que os demais, diferenciado. **Na maioria das vezes tem acompanhamento familiar, no xadrez também. Há mães**

que se interessam, teve uma vez que a mãe foi de condução para a competição porque não podia ir no ônibus com a gente. [Adalberto, p.4]

**Não vamos exigir desse pai, porque ele vai gritar e vai querer que o filho ganhe e diz “Pô, você não ganhou!” o garoto vai se sentir um porcaria e aí vem um professor, que existem muitos, que queria ter ganhado e diz “Você errou ali!” e a criança ali no meio. Aí vem a pergunta o que está acontecendo com a formação esportiva?**

**Os garotos não querem mais praticar, porque chega uma hora que psicologicamente eles não suportam essa pressão. Porque não tem maturidade para suportar essa pressão. Como ele vai adquirir essa maturidade? Com essa formação. Se for para ser trabalhado, ele vai ter como desenvolver a maturidade de entender mais para frente e vai se tornar um adulto que tem condições de enfrentar essa situação. Aí o esporte teve a conotação educacional, aí você teve uma evolução junto com o processo maturacional em que o esporte não só fica na questão técnica e física, mas trabalhou o psicossocial, toda essa questão que gera o ambiente em que ele vive. Eu tenho a visão do esporte educacional principalmente com essa base. [Fabiano P.4-5]**

**O papel do professor é importante nesse processo.** Quando você está dando o esporte, o xadrez, você percebe o diferenciado, você sabe de 50 crianças quatro cinco são diferenciadas, e as 45? Eles não vão ser jogadores de xadrez, ganhar dinheiro, não vão ser atletas competidores de xadrez, mas vão ser cidadãos. Então eles vão ter derrotas na vida, talvez mais do que esses meninos, que já se destacam, aí que entra o papel do professor de não levar a competição a cabo. Você tem que moderar e saber, eles estão competindo, vão ter vitórias e derrotas, e você tem que estar mostrando para eles. É importante estar melhorando, é importante estar estudando, porque o estudo ele faz você ser uma pessoa melhor, um jogador melhor, mas talvez tenha um limite e se eu não conseguir passar daquele limite não tem problema. [Adalberto, p.5]

É do aluno, mas o professor tem que ter o feeling de observar, então são os dois casos. **Você pode ter um talento na sua mão, mas se você não está aberto para o crescimento da pessoa você não vai ajudar ele.** Tem um aluno meu aqui que está indicado, que está fazendo aula particular, está além de mim já. Tá fazendo aula particular com outros professores, porque ele tem um talento bruto, porque ele tem doze anos e a gente não sabe no que pode dar, mas ele tem condições tem todo o biótipo para se tornar um jogador de xadrez e consiga viver a vida do xadrez, então ele foi indicado, falei com a família, ela aceitou, então além de fazer aula comigo, ele faz particular, é um caso diferenciado já, já está direcionado. **O que eu posso fazer eu faço, mostro sites de internet, para ensinar ele a buscar, para que a pessoa seja talvez auto-desenvolvida, para que não fique só na orientação do professor. Eu falo para os meus colegas de xadrez, gente, a gente ensina até certo ponto e você tem que dar condições para que a pessoa cresça. Não adianta ele ficar sempre na sua mão, sempre dependendo de você, você tem que criar ele, tem que dar subsídios para que ele também**

**procure, cresça e faça além do que você poderia ensinar para ele, que ele seja melhor.** [Adalberto, p.6]

Lógico. **Você bate a mão no aluno, se ele dá um toque você já sabe se ele é bom ou não. Na primeira aula você sabe se o cara é bom ou não.** Você vê o potencial e ele em dois três meses já está jogando melhor que os outros. Eu adoro esse trabalho de iniciação. Eu sempre trabalhei... Eu trabalhei no Palmeiras, e fui técnico do adulto, **mas sempre gostei de trabalhar com o trabalho de base, porque você vê o teu trabalho crescer.** [Breno, p.9]

**Para o nível de competição que a gente faz, que é a competição escolar, qualquer idade dá, mas se ele quiser seguir competições mais difíceis, que testam mais, tem que ser desde pequeno. Por isso que eu já tenho uma basesinha e montei um horário de EMEI, cinco anos, e se você pegar a história dos grandes jogadores de xadrez eles começam nessa idade, quatro, cinco, seis anos, que eles começaram a mexer as peças com os pais, com os familiares, foram desenvolvendo, tendo criatividade e se destacaram.** Então depende do tipo de competição. A competição escolar você consegue preparar a criança na idade escolar. Ele pode ter doze, treze anos, você consegue, às vezes com um pouquinho mais de trabalho, porque a pessoa começou tarde, mas se for uma competição mais dura, tem que ser mais cedo. [Adalberto, p.67]

[ tem uma idade para a criança começar a competir?]**Tem. Em minha opinião, dez anos. Porque é o ideal, né? Você não pode especializar uma criança com menos de dez anos.** [Breno, p.7]

#### 4.2 Da aglutinação dos pré-indicadores em indicadores

Após o levantamento dos pré-indicadores, estes foram agrupados e aglutinados em conteúdos temáticos (pela similaridade, contradição ou complementaridade) que formam os indicadores, aproximando-nos dos núcleos de significação.

Pré Indicadores	Indicador
<p><b>Tinha uma garota lá, “Laurinha”, de família muito pobre. Cinco ou seis irmãos, o pai foi assassinado, viviam só com a mãe, passavam fome, e essa menina ia muito mal na escola. Essa menina não conseguia escrever, não conseguia ler, ainda estava na segunda série, não tinha noção nenhuma e ela começou a fazer xadrez com a gente e ela conseguiu entender, e lá tinha letras e números, e ela conseguiu entender a mensagem, conseguiu jogar muito bem, teve destaque, foi campeã regional, tinham poucas crianças, mas era a categoria dela, foi o primeiro troféu do CEU, e todo mundo tirou foto com ela.</b> Até o gestor tirou foto com ela, na escola fizeram entrevista com ela a partir daí ela mudou na escola, ela começou a se interessar e começou a entender, os professores começaram a entender ela também. Foi muito legal, porque <b>o Xadrez resgatou essa menina para a sociedade. Através do esporte ela foi resgatada, porque ela teve um momento de destaque e a vida dela era muito sofrida, só tinha coisas negativas. Eu acho que ela não acreditava que seria possível ela ganhar alguma coisa, possível ela ter destaque na vida, possível ela ver que ela era importante também.</b> A partir daquele momento a menina deslanchou, foi bem, ganhou outras competições, perdeu outras, mas ela se inseriu na escola através do esporte. Essa é uma história, têm milhares de histórias assim, várias outras histórias parecidas com a dela, mas a dela marcou muito para a gente, porque ela era um bichinho do mato, ela mal olhava para nós. <b>Eu ia dar aula ela vivia se escondendo</b></p>	<p><b>A Contribuição dos Valores Esportivos</b></p>

**embaixo do banco, tinha conversar, conversar, conversar com ela até... Hoje você vê a menina, tem uma postura, olha no olho das pessoas, e foi o xadrez, porque ela não tinha outra coisa, ela não fazia outra coisa, fazia xadrez conosco e a escola. [Adalberto, p.4-5]**

**Eu trabalho há quase cinquenta anos. Quantos alunos eu tirei do vício, de fumar, de beber, de drogas. Hoje todos eles me agradecem, tudo advogado, médico. Eu dei, nesses cinquenta anos, uma contribuição enorme para a vida desses rapazes. [Breno, p.2]**

**O aluno cresce com outra visão de vida, ele se adapta muito mais fácil à sociedade e para ele, individualmente, ele vai crescer muito, tanto na parte de estudos quanto na parte esportiva. Então, se dedicando ao esporte ele vai fugir de drogas, de beber, de fumar e isso aí é muito importante. Quanto mais ele se dedicar ao esporte, mais ele foge de tudo o que é errado. Aí a importância do esporte. [Breno, p.5]**

**Para ser esportista a criança têm que ter um ritmo diferente, tem que ter disposição para o treino, horários para chegar, porque senão não dá para encaixar na equipe se a criança vai chegando sempre atrasada... Então isso vai dando valores que vão agregando as da escola. São valores invisíveis, silenciosos, mas que vai agregando a escola em sua função. [Adalberto, p.2]**

**O esporte, por exemplo, pode tirar o garoto da rua, que estava jogando bola perto de traficante e começar um processo de treinamento dentro da**

## **A Contribuição dos Valores Esportivos**

<p><b>escola, como a escola da família, então o esporte também tem esse cunho inclusivo, pode trazer para o garoto uma nova visão de vida.</b> Porque ele vai começar a praticar o esporte na escola, vai começar a [Fabiano P.12] ter afeição pelo esporte, vôlei, futebol, vai começando a entender que toda quinta feira ele tem um compromisso, toda terça e quinta ele tem um compromisso com o treinamento, fora isso o esportista já começa a motivar ele, quer crescer na vida. Isso é muito automático. <b>Se você consegue trazer o garoto ele vai ter vontade de se dedicar a outras coisas, e isso foi mostrado socialmente, então ele com certeza melhora na escola, melhora sua capacidade de convivência com outras pessoas.</b> [Fabiano P.13]</p> <p><b>Eu acredito que o esporte, por sua origem, já é educacional. Por sua origem.</b> [Fabiano P.2]</p>	<p><b>A Contribuição dos Valores Esportivos</b></p>
---	---

Pré Indicadores	Indicador
<p><b>O esporte eu entendo que ele tem um papel fundamental e é meio que silencioso.</b> Se tratando de escola normal, você forma o aluno, como Matemática, português. Mas a parte de esporte, lidar com a criança, no sentido de cidadania e valores que complementam a escola é o esporte faz isso. [Adalberto, p.1]</p> <p><b>Eu acho que o esporte é fundamental, porém é difícil de mensurar os benefícios que causa para a criança e para a sociedade em geral.</b> Na escola existem as matérias que você tem como comprovar, tá lá, tem nota, tudo e o esporte é uma coisa que ganha dentro</p>	<p><b>Esporte e a sua relação com a educação escolar</b></p>

dele, ele melhora por dentro, **ele fica mais responsável, com o raciocínio lógico mais rápido, mas é difícil de você provar isso.** [Adalberto, p.13]

Para mim é formação de cidadão. **O esporte para formar um cidadão.** Se você pegar **o esporte, ele tem a capacidade de trabalhar com cooperação, a competitividade, a capacidade de inserção social, a capacidade de conhecimento ambiental, a capacidade de você ter a saúde do seu corpo como forma de ter uma vivência adulta de forma saudável.** [Fabiano P.3]

Que nem quando a gente aprende na faculdade, quando **você ensina as crianças tem um salto, aprende rápido, aí tem uma fase que elas ficam niveladas, esse é o momento da aprendizagem, porque não consegue desenvolver.** É muito interessante, não consegue desenvolver. Tá jogando, mas faz erros bestas, coisas que deveriam fazer, não fizeram. Tá, estabilizou. Aí você dá alguma coisa diferente, aí sobe, aí estabiliza. Aí você vê. **Nessas horas eles estão martelando a cabeça, por que eu estou errando? Por que eu estou perdendo? O que eu fiz de errado? Eu acho que esse é o momento da aprendizagem,** quando ele está estabilizado, mas estão lutando para que se suba de nível. **É super legal isso aí porque a gente aprende isso na faculdade e eu consigo ver isso com as crianças também.** [Adalberto, p.8]

Então todos esses fatores se somam, você [Fabiano P.7] tem desde a grade curricular de Educação Física nas universidades, a formação os profissionais que estão saindo para o trabalho, a visão

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

do esporte, **dentro da escola, existe um conflito, mesmo nos PCN, nas LDBs, existe um conflito sobre o esporte escolar nessas próprias leis que regulamentam, como nós vamos trabalhar isso dentro de uma escola, se eles mesmos não sabem definir o que é o esporte escolar?** Não, não pode trabalhar esporte na escola, mas tem que trabalhar as modalidades, ou não, o esporte competitivo não pode ser trabalhado na escola porque não é educacional, mas **quem disse que você trabalhar com competição não é educação?** Avaliar um garoto com provas é o que? Existe até uma incoerência dentro do próprio Ministério da Educação. É muita coisa que vai englobando. [Fabiano P.8]

Se você pegar a visão americana, a visão canadense, a visão australiana e a visão brasileira, **cada país têm uma visão completamente diferente e um a outra forma de trabalhar o esporte como forma educacional e o Brasil ainda não se definiu, nós não temos ainda isso muito claro**, e isso você percebe desde a parte administrativa, do governo, até os profissionais. Aí fica complicado, mas eu acredito que o esporte é uma ferramenta muito importante para a educação. [Fabiano P.2]

**Não para chegar a ser um atleta, porque isso é uma minoria que vai ser, é um funil**, e isso ninguém entende. De 30 garotos que você tem praticando esporte, você terá três que chegarão a um alto nível, estudos já mostram isso, é um funil que ocorre. O grande problema é que dos 30 chegaram [Fabiano P.2] três, e os outros 27? **Aí é que entre a questão da educação, da formação, como cidadão, competências, a formação do corpo, o conhecimento corporal, a importância**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**da saúde... Porque você pega agora o esporte educacional como forma de educar o garoto, mas também tem a questão da saúde. [Fabiano P.3]**

**Porque se você não tiver a competição com esse pensamento, pra quê que serve a competição?** Botar um bando de garotos para se digladiarem dentro de uma quadra, então voltamos à época romana, pior ainda, na época romana com crianças. **Joga lá dentro, põe um monte de pai gritando em volta e os garotos se digladiando lá dentro e no final terão os mortos, os feridos e os vencedores e os pais vibrando. [Fabiano P.4]**

**Perguntam sobre vitórias e derrotas,** mas dentro desse processo que eu te falei, **a gente vai moldando as crianças e os pais também.** Eu sinto sim que tem um acompanhamento maior do que nos outros esportes. [Adalberto, p.4]

**A escola é o início de tudo, é a primeira fase de formação e promoção esportiva é na escola. [Fabiano P.11]**

**Não vamos exigir desse pai, porque ele vai gritar e vai querer que o filho ganhe e diz “Pô, você não ganhou!” o garoto vai se sentir um porcaria e aí vem um professor, que existem muitos, que queria ter ganhado e diz “Você errou ali!” e a criança ali no meio. Aí vem a pergunta o que está acontecendo com a formação esportiva?**

**O grande problema é a cultura. Você apontou a coisa de lidar com a derrota. A gente discute como fazer o garoto lidar melhor com a derrota? O próprio**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**professor já tem essa dificuldade**, tudo bem, isso aí podemos falar, porque ele tem que ter uma mentalidade que é um cunho de formação, tá, só que aí o coitado chega à escola, ele tem uma equipe e fez todo o trabalho, aí **chega a diretora e fala, porque vocês perderam? Você não está trabalhando direito. Tá aí dando treino e não tá ganhando por quê? A pressão já está em cima dele. Aí vai chegar um monte de pai que diz ‘meu filho vem aqui, treina, treina e só faz ser humilhado lá? Alguma coisa tá errada!’**. Esse é um fator complicado. Esse para mim é o principal fator. [Fabiano P.8]

**E tem uma coisa muito importante no esporte, a quantidade de horas que você trabalha**. Se você trabalha uma hora por semana, você obtém um resultado, se você treina duas vezes, obtém outro, e três vezes, aí você mata a pau. **O ideal é três vezes por semana**. [Breno, p.10]

Eu falo **para os pais, eles ficam ‘meu filho parou, meu filho não está amadurecendo’, eu falo, calma, ele está amadurecendo, esse amadurecimento é o que fazer com que ele cresça**. A gente tem essa visão, os pais não tem, né? **Então nós temos que passar para as crianças e para os pais de que eles vão conseguir melhorar. Tem que ter a paciência e a maturação**. [Adalberto, p.8]

**O Top para as crianças é o centro olímpico, mas fica lá no centro de São Paulo, tem que pegar não sei quantas condições para ir para lá. Eu me lembro de que tinha uma menina na natação que queria e ia lá. E ia sozinha**. Às vezes ia com os pais dos outros, mas ela pegava para ir sozinha. Eu falava, você não tem medo, tem só doze anos, mas ela falava, ah, eu vou. Pegava três conduções para

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

chegar, demorava uma vida inteira, não tinha lanche, não Ava nem vale transporte. Eu entendi que os professores de lá exigiam demais das crianças. Talvez porque seja um esporte de alto nível eu trabalhe mais com esporte escolar aqui, estão eu vejo o lado humano das pessoas. **Lá a menina começou a ter um monte de problema, no ombro, começou a dar uma lesão nela, porque estava forçando**[Adalberto, p.9] demais, até que ela desistiu, não tinha motivação suficiente, não tinha uma ajuda de custo, nem o vale transporte, para comer tinha que ser do bolso dela, não podia ter falta, duas faltas perdiam a vaga. **Eles selecionam muito pela exclusão.** Aquela pessoa que supera essa fase ou que os pais moram mais próximos ou tem mais condições talvez esse consiga se destacar. Esse é um caso que me marcou muito. [Adalberto, p.10]

A prefeitura organiza os campeonatos, só que a gente tem que fazer as turmas de treinamento e trabalhar em cima delas. Amanhã vamos jogar a final do Pré-mirim, mas foi um trabalho meio difícil, mas no ano que vem deve ser melhor ainda. **Porque cada um estuda num horário, um estuda de manhã, outro à tarde, fica complicado por causa do horário. À noite aqui, depois das cinco horas, o pai já não deixa, a mãe não deixa. Em todos os lugares tem o mesmo problema, todos os CEUs...** Colégio é diferente, principalmente o particular, que já estuda o horário que cada aluno pode e encaixa ele. É muito mais fácil trabalhar. E tem muito material também. **Aqui tem material também, mas não é de primeira linha, é material que dá para trabalhar.** [Breno, p.2]

**O principal é local e material. Tendo o material e o local apropriado, aí é você**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**que tem que fazer... Aí chega até o máximo, você querendo, vai até em cima. É só se dedicar, aprofundar.** Porque os professores já querem montar time, mas primeiro tem que aperfeiçoar a técnica individual de cada aluno. Depois da técnica individual você parte para o físico, depois o técnico e tático. Para chegar ao tático tem que passar muito bem pelo técnico e para isso tem que fazer muitas repetições dos fundamentos. [Breno, p.3]

O xadrez é um esporte individual e é um esporte diferenciado, é muito de intelectual, então as crianças que vêm fazer xadrez são crianças diferenciadas na escola. Dificilmente o Zé Mané lá, que não quer saber de nada vai fazer xadrez. É uma criança que quer alguma coisa, que tem um objetivo, que tem um raciocínio lógico mais rápido do que os demais, diferenciado. **Na maioria das vezes tem acompanhamento familiar, no xadrez também. Há mães que se interessam, teve uma vez que a mãe foi de condução para a competição porque não podia ir no ônibus com a gente.** [Adalberto, p.4]

Essa promoção, essa palavra que ninguém põe na cabeça, **a promoção desse garoto ocorre inicialmente na escola e vai seguindo o fluxo, porque aqui nós temos uma formação esportiva onde os clubes e federações são responsáveis, então ele vai para esse clube e nesse clube ele vai continuar o processo até que ele possa atingir, ou não, o alto rendimento, mas isso não ocorre.** A escola não está preparada, os profissionais não tem essa preparação, as competições escolares não estão tendo esse cunho de formação e os clubes fecharam de uma forma absurda a militância, porque é militante quem não é

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

sócio, hoje os clubes pegam dois militantes. **Como um garoto que na escola se destaca vai conseguir entrar em um clube? Não tem, então ele não vai ter condições de se formar esportivamente então chega uma hora que ele desanima.** [Fabiano P.12]

O Judô, por exemplo, educa muito bem o aluno, é um dos que mais educam, dá muita disciplina para o aluno, **ainda mais aqui para o aluno da periferia, o esporte para ele é coisa do céu... (Risos) é coisa do CEU mesmo!** [Breno, p.5]

**se você pega os garotos que fazem uma formação esportiva numa escola como a Arquidiocesano é uma coisa, mas você pega um garoto que tá aqui no CEU e não come em casa, que tem desnutrição é outra.** [Fabiano P.5]

**Na parte do esporte, a competição é o que menos dá trabalho, o problema são as outras coisas, quantidade de aluno, material escasso, a direção da escola que não entende a sua ideia, não compra, querem números mas não te dão o suporte necessário, são os maiores empecilhos.** A criança é o menor empecilho, talvez seja uma coisa da parte administrativa. [Adalberto, p.2]

**Depende muito de quem está gerenciando o estabelecimento, às vezes a pessoa entende o papel do professor, aí não tem muita cobrança, mas dependendo da pessoa gerenciando só quer números, perguntam quantas a gente ganhou, mas não sabe que a gente ficou doze horas com as crianças na competição com as crianças, que a crianças passou**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**o dia inteiro com pão e água. Cobram mas não dão o suporte necessário para que você continue.** [Adalberto, p.2]

Foi difícil com a gestão, com as pessoas, mas **sempre teve umas duas coordenadoras que ganharam a minha ideia e me ajudaram a conseguir implantar** e foi apresentada pelas crianças. [Adalberto, p.4]

**O segredo aí é a dedicação do professor. Se ele dedicar e fizer tudo direito, ele nunca vai ter problema. Eu trabalho há cinquenta anos com treinamento e nunca tive problema, porque sempre me dediquei você tem que se atualizando da modalidade.** Surgiu alguma coisa nova, um treinamento novo. [Breno, p.6]

**o xadrez, na secretaria municipal de educação, ele virou programa, então para as competições da prefeitura nós temos o mínimo para as crianças.** Vêm um lanchinho três vezes por dia para as crianças, para eles poderem comerem durante o dia e tem o ônibus. Por ano tem duas formações para professores. A primeira desta Diretoria Regional de Ensino fui eu quem formou os professores. Então tem uma estrutura mínima da parte das políticas públicas que tem ajudado a gente e mantêm a competição de xadrez, e a de São Paulo é talvez a maior da América Latina, pelo número de crianças e pelo tamanho da cidade. São 31 Diretorias de ensino, em cada uma dela tem mais de mil crianças jogando. Eles jogam primeiro regionalmente, como se fosse uma peneira e de lá saem dez classificados de diversas categorias, sub-8, sub-10, sub-12, sub-14 e aí vão jogar a fase municipal, lá no Ginásio Pacaembu. Aí você enfrenta as feras, você enfrenta os dez melhores de

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

cada DRE para ver quem é o campeão municipal. [Adalberto, p.8-9]

Às vezes os conteúdos programáticos que você tinha que dar vinham fechados e você não tinha como escapar muito daquilo. **Aqui você faz seu planejamento de aula, vê as aulas que vai dar e tem mais liberdade.** [Adalberto, p.10]

**Aqui no CEU mesmo, embora tenha todo essa estrutura física, não dá para desenvolver um trabalho tão forte, porque faltam equipamentos. No xadrez, como eu estou isolado e tenho a minha salinha, dá para fazer meu trabalho, mas meus colegas, é difícil deles desenvolverem.** Tem estrutura, mas não tem como usá-la plenamente. Tem a quadra, mas a quadra é para EMEF, escola regular. Tem a piscina, só que eles têm que dividir dois, três professores. Aí é o que eu estava falando, saí uma pessoa que tem condições daqui aí tem que ir lá ao Centro Olímpico, longe demais. [Adalberto, p.10]

**Você bate a mão no aluno, se ele dá um toque você já sabe se ele é bom ou não. Na primeira aula você sabe se o cara é bom ou não.** Você vê o potencial e ele em dois três meses já está jogando melhor que os outros. Eu adoro esse trabalho de iniciação. Eu sempre trabalhei... Eu trabalhei no Palmeiras, e fui técnico do adulto, **mas sempre gostei de trabalhar com o trabalho de base, porque você vê o teu trabalho crescer.** [Breno, p.9]

**O Clube dá mais condições e exige resultados. A escola te dá condições, mas se você ganhar, melhor, se não ganhar também é a mesma coisa. No**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

clube tem que ter resultados, se não tiver...  
Em uns dois três anos você é substituído.  
[Breno, p.3]

**A estrutura onde ele trabalha muitas vezes não oferece a oportunidade para ele ter um trabalho mais efetivo, a estrutura é restrita**, você só tem aquele espaço para ser trabalhado, então ele terá que se adaptar aquele ambiente, aquele espaço e isso também **já traz um stress ao profissional**[Fabiano P.9- 10]

**Aqui tem de todas as idades e todo mundo é bem recebido. Isso é até uma das normas do CEU, né? Receber bem a comunidade.** [Breno, p.4]

**A prefeitura determina as normas e você tem que segui-las.** Eles enviam diariamente emails para a gente, a gente pega, olha, eles soltam os regulamentos de como deve ser feito, a gente vai e faz.  
[Breno, p.5]

É do aluno, mas o professor tem que ter o feeling de observar, então são os dois casos. **Você pode ter um talento na sua mão, mas se você não está aberto para o crescimento da pessoa você não vai ajudar ele.** Tem um aluno meu aqui que está indicado, que está fazendo aula particular, está além de mim já. Tá fazendo aula particular com outros professores, porque ele tem um talento bruto, porque ele tem doze anos e a gente não sabe no que pode dar, mas ele tem condições tem todo o biótipo para se tornar um jogador de xadrez e consiga viver a vida do xadrez, então ele foi indicado, falei com a família, ela aceitou, então além de fazer aula comigo, ele faz particular, é um caso diferenciado já, já está direcionado. **O que**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**eu posso fazer eu faço, mostro sites de internet, para ensinar ele a buscar, para que a pessoa seja talvez auto-desenvolvida, para que não fique só na orientação do professor. Eu falo para os meus colegas de xadrez, gente, a gente ensina até certo ponto e você tem que dar condições para que a pessoa cresça. Não adianta ele ficar sempre na sua mão, sempre dependendo de você, você tem que criar ele, tem que dar subsídios para que ele também procure, cresça e faça além do que você poderia ensinar para ele, que ele seja melhor. [Adalberto, p.6]**

[o professor] Ele sempre tem que ter amor ao próximo, à Deus e **procurar não prejudicar o concorrente, que não é nem concorrente, são todos concursados, tem procurar trabalhar em conjunto. Se ele achar que ele tá prejudicando alguém é porque ele está.** Nesse tempo que eu trabalho, todo esse pessoal que prejudicou alguém está afastado de algum jeito. Você plantou, você colhe. Tem que semear, cara que não quer nada... Principalmente em esporte, se o cara não se dedicar, ele está perdido. [Breno, p.13]

**A dificuldade mesmo é só no começo. Você montar a equipe de treinamento. Depois que montou, a coisa vai fluindo normalmente. É só chamar, montar, selecionar, determinar as normas, seguir as normas e eles já seguem. [Breno, p.5]**

Talvez pela pressão que é exercida nos estabelecimentos ou é intrínseco do professor a **necessidade ganhar a qualquer custo. Alguns colegas tem isso e dá para perceber. [Adalberto, p.12]**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**O esporte é fundamental, só que é difícil de mostrar para a criança e para os pais que foi determinado esporte que ajudou na formação da criança. Mas o professor que tem essa consciência, e não espera aplauso todo dia, ele está consciente que o papel dele foi importante, que as crianças melhoraram e ele foi importante para aquilo. Então quando você não espera todo dia uma batida nas costas, um agradecimento, você está tranquilo, você sabe que seu papel foi importante. Agora se a pessoa espera aquele reconhecimento talvez se frustrar. Fora isso, se você está consciente da sua importância perante o grupo de aluno e perante o grupo de professores, perante os pais, você já está preparado para dar suas aulas, seu treinamento e sabe que você é importante nesse meio.**  
[Adalberto, p.13]

**Primeiro o professor tem que ver o lado humano, tem que ver a formação da criança. Se você for excluir, você se queima, porque aquele que você excluiu nunca mais vai se esquecer de você e vai fazer uma má propaganda sua, “é, tá vendo, eu tive aula com o professor B. e ele nunca deixou eu jogar, me tirou fora” e joga na tua cara a vida inteira, ao passo que se ele disser “eu fiquei de fora mas ele me deu uma força e tal e hoje eu melhorei muito”, e têm muitos que eu consegui melhorar por causa do conhecimento que eu tenho do voleibol, eles me agradecem até hoje. Então o que importa é que não pode excluir. Excluir você põe a tua cabeça a prêmio.**  
[Breno, p.4]

**O esporte, por exemplo, pode tirar o garoto da rua, que estava jogando bola**

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

**perto de traficante e começar um processo de treinamento dentro da escola, como a escola da família, então o esporte também tem esse cunho inclusivo, pode trazer para o garoto uma nova visão de vida.** Porque ele vai começar a praticar o esporte na escola, vai começar a [Fabiano P.12] ter afeição pelo esporte, vôlei, futebol, vai começando a entender que toda quinta feira ele tem um compromisso, toda terça e quinta ele tem um compromisso com o treinamento, fora isso o esporte já começa a motivar ele, quer crescer na vida. Isso é muito automático. **Se você consegue trazer o garoto ele vai ter vontade de se dedicar a outras coisas, e isso foi mostrado socialmente, então ele com certeza melhora na escola, melhora sua capacidade de convivência com outras pessoas.** [Fabiano P.13]

tem que colocar os garotos para fazer toque. Isso aí tudo bem, isso é do esporte, você vai aprender a jogar um basquete, um xadrez, não tem como ele aprender a jogar sem ter a técnica, agora a **competição na visão de formação, ela tem que trabalhar todas as questões, respeito à regra, respeito ao companheiro, saber ganhar, saber perder, porque nem sempre você ganha, você perde, e a decepção de uma criança que está em fase de maturação,** [Fabiano P.4]

**A competição é regionalizado. Eles fazem um sábado aqui, um sábado em outro CEU, num sábado em outro, porque as quadras são ótimas.** [Breno, p.10]

O CEU tem uma quadra sempre boa, quadra coberta, manda o material, não é de primeira mas tem. A escola do estado não, tem o material e umas quadras,

**Esporte e a sua relação com a educação escolar**

<p>algumas com quadras cobertas excelentes, mas geralmente é mais difícil para trabalhar. Particular tem tudo. <b>O professor tem que correr atrás, se ele não fizer isso, não rende. Tem que se dedicar e ir para cima.</b> [Breno, p.11]</p>	<p><b>Esporte e a sua relação com a educação escolar</b></p>
--	--

Pré Indicadores	Indicador
<p><b>Eu acho que o esporte dá motivação.</b> A vida da gente é sempre feito de... Se você tem uma competição você se compara, se tem dez jogadores vai ser o décimo ou o primeiro. <b>Eu entendo muito pela motivação.</b> Quando eu estava dando as minhas aulas na escola com o esporte escolar, <b>você está dando os diferentes esportes, mas você tinha uma meta, um torneozinho para participar, uma competição, isso que motivava. Porque não adianta treinar e ficar no mesmo lugar, você precisa pôr isso para fora, precisa externar isso e através do esporte, que tem a competição, você tem a comparação se está indo bem ou mal. As crianças também tem a motivação para melhorar, e é um aprendizado par a vida, porque a vida inteira vai ser de competição. Isso nada mais é que um auxílio que ela vai ter, que a vida dela é feita de vitórias e derrotas.</b> [Adalberto, p.2]</p> <p><b>[o esporte] Ajuda porque estimula você a ser cada vez melhor.</b> [Adalberto, p.8]</p> <p><b>o garoto vai crescer e se formar e não vai se tornar um competidor, mas ele vai ter sempre em mente que na vida que ele tem lá fora ele tem regras no</b></p>	<p><b>A competição: motivação necessária para o esporte?</b></p>

**seu serviço, tem regras dentro da sua casa... e isso eu acho que se perdeu.** [Fabiano P.3]

Quando ele entra no treino ele já visa a competição. Se você montar uma equipe... E, por exemplo, **eu tinha uma equipe que só tinha amistoso não era campeonato, e os alunos que saíram do treino falavam “eu saí porque não tinha campeonato, mas agora que tem, eu vou voltar”.** Aí você ganha de acordo com o aluno, você ganha mais. Tem um direcionamento no campeonato que ele também se motiva. **É o auge, o objetivo do treinamento é competição.** [Breno, p.12]

**A competição é aguardada, eles esperam a competição. Acho que é intrínseco do ser humano competir,** ele já está no sangue das pessoas, e a competição é o que faz a motivação. Aí você tem uma ideia como eles estão. [Adalberto, p.8]

**Isso também ensina para a vida, porque esse jogo em si, nesse momento da essa competição, nada mais é do que uma representação da vida que essa criança vai ter,** que vão ter pessoas boas e ruins no convívio com a gente e tem que desconfiar. [Adalberto, p.12]

**A competição é o top da educação física. O máximo que ele podem é a hora que eles estão competindo.** Nós temos até uma equipe muito boa aqui de Xadrez, com o professor Adalberto, muito bom. O máximo para eles é participar de competições fora do CEU. [Breno, p.2]

**A competição: motivação necessária para o esporte?**

**Você não tem só a competitividade no esporte, você tem a cooperação.** Como esse garoto vai aprender a agir em grupo? Como esse garoto vai aprender que aquela pessoa que está do lado dele é tão importante quanto ele, mas que com essa pessoa também vai haver uma competição, como ele vai lidar com isso? Ao mesmo tempo em que ele vai disputar uma vaga de emprego com aquele colega de classe, ao mesmo tempo esse colega de classe pode ajudar a fazer um crescimento. **São duas coisas desse trabalho que eu vejo que não são separáveis e isso às vezes isso confunde na formação do cidadão e o garoto não tem essa concepção. Como esses dois garotos, dentro dessa formação educacional, vão saber agir dentro de uma sociedade onde tem regras? Esporte tem regras.** [Fabiano P.3]

**Os garotos não querem mais praticar, porque chega uma hora que psicologicamente eles não suportam essa pressão. Porque não tem maturidade para suportar essa pressão. Como ele vai adquirir essa maturidade? Com essa formação. Se for para ser trabalhado, ele vai ter como desenvolver a maturidade de entender mais para frente e vai se tornar um adulto que tem condições de enfrentar essa situação. Aí o esporte teve a conotação educacional, aí você teve uma evolução junto com o processo maturacional em que o esporte não só fica na questão técnica e física, mas trabalhou o psicossocial, toda essa questão que gera o ambiente em que ele vive. Eu tenho a visão do esporte educacional principalmente com essa base.** [Fabiano P.4-5]

**A competição: motivação necessária para o esporte?**

**A parte da derrota sim. Nós temos que estar trabalhando com eles o tempo inteiro.** Quando você ensina uma coisa, e eles se sentem preparados para estar disputando o esporte na competição e se depara com alguém que é melhor que eles, ficam frustrados. **Muitas vezes vemos em todas as escolas os que choram ou ficam nervosos, então a frustração tem que ser lidado o tempo inteiro. Mas é importante também a frustração para a criança, pois ela vai saber que não se ganha todas, não é possível ser o melhor a todo momento.**

Quando você está bem preparado não é que você vai ganhar, mas que você tem condições de ganhar, que pode ter algum percalço no meio do caminho, e isso é o que tentamos passar para as crianças que o importante não é vencer, o importante é ela estar disputando, ela estar competindo, acho que competir é muito melhor que vencer. **E ganhar ou perder faz parte e a gente mostra para elas, mostra até para as mães, às vezes.**  
[Adalberto, p.3]

**Eu fico feliz quando ganha, mas quando perde tem muitas lições.** Eu sempre trabalho com as crianças como foi a partida, o que te fez perder, e a gente monta o tabuleiro na hora e conversa. **A derrota mostra mais do que a vitória, porque ela é dolorida, ela faz a pessoa crescer mais do que a vitória.**  
[Adalberto, p.3]

**O papel do professor é importante nesse processo.** Quando você está dando o esporte, o xadrez, você percebe o diferenciado, você sabe de 50 crianças quatro cinco são diferenciadas, e as 45? Eles não vão ser jogadores de xadrez, ganhar dinheiro, não vão ser atletas

**A competição: motivação necessária para o esporte?**

competidores de xadrez, mas vão ser cidadãos. Então eles vão ter derrotas na vida, talvez mais do que esses meninos, que já se destacam, aí que entra o papel do professor de não levar a competição a cabo. Você tem que moderar e saber, eles estão competindo, vão ter vitórias e derrotas, e você tem que estar mostrando para eles. É importante estar melhorando, é importante estar estudando, porque o estudo ele faz você ser uma pessoa melhor, um jogador melhor, mas talvez tenha um limite e se eu não conseguir passar daquele limite não tem problema. [Adalberto, p.5]

Eu digo para as crianças que talvez eu ensine a anti-malandragem, para se precaver, porque você tem que desconfiar, infelizmente, tem que desconfiar. **Aconteceram dois casos esse ano, que a criança tinha ganhado o jogo, levantou a mão para chamar o árbitro, se distrai e nisso o adversário que é uma criança da mesma faixa etária, move a peça. Ela perdeu e ela move a peça. Ela tira uma peça do lugar, coloca o rei na frente e o jogo continua, mas não era como estava no jogo em si. E aconteceu com a mesma escola, duas crianças diferentes. Será que foram as crianças que pensaram nisso ou teve uma malícia, uma maneira não correta de se levar uma partida?** Isso aí eu não ensino, eu sempre falo para as crianças, existe derrota e vitória, a gente pode vencer ou perder se você estiver preparado e concentrado no dia do jogo, mas não vai vencer por maneiras que não seja do seu próprio meio, mas você tem que ensinar a criança a não tirar o olho do adversário, infelizmente, desconfiar um pouco, ficar de olho no tabuleiro, porque você não sabe quem pode ver e fazer uma chantagem com ele, um jogo sujo com a criança. Adalberto, p.12]

**A competição: motivação necessária para o esporte?**

Esse problema [a derrota], principalmente no começo, é muito difícil. A primeira vez que a criança vai jogar... Aconteceu comigo essa semana. Um colégio que eu treino. Foram jogar a primeira vez. **Os meninos não estranharam, as meninas estranharam, choraram e antes de começar o jogo estavam tremendo, embora eu tenha feito um trabalho psicológico com elas e tal. Agora se é outro jogo já não acontece isso. Já vai mudando, a pessoa vai vendo que a vitória e a derrota faz parte.** [Breno, p.8]

**Varia [ gênero e a ansiedade]. O sexo masculino nesse ponto não sente a pressão.** [Breno, p.8]

**Você tem que dar experiência para ele. Você vai marcando jogo, um atrás do outro. Passou do quarto, quinto jogo, ele já não estranha mais.** Participar e competições. Perde no começo, pega experiência e ganha no futuro. Às vezes dá sorte de você pegar três ou quatro moleques bons. É que as meninas jogam bem, mas são muito novinhas, dez anos. O dos meninos é grande e eu peguei e já ganhou, não estranhou, catorze, quinze anos. Tem que saber levar. Quando você tem a experiência tem que aplicar em cima dos alunos para não ter problemas futuramente, mas eu nunca tive, graças a Deus eu sempre me dei bem. [Breno, p.8]

**Para o nível de competição que a gente faz, que é a competição escolar, qualquer idade dá, mas se ele quiser seguir competições mais difíceis, que testam mais, tem que ser desde pequeno. Por isso que eu já tenho uma basesinha e montei um horário de EMEI, cinco anos, e se você pegar a**

**A competição: motivação necessária para o esporte?**

<p>história dos grandes jogadores de xadrez eles começam nessa idade, quatro, cinco, sei anos, que eles começaram a mexer as peças com os pais, com os familiares, foram desenvolvendo, tendo criatividade e se destacaram. Então depende do tipo de competição. A competição escolar você consegue preparar a criança na idade escolar. Ele pode ter doze, treze anos, você consegue, às vezes com um pouquinho mais de trabalho, porque a pessoa começou tarde, mas se for uma competição mais dura, tem que ser mais cedo. [Adalberto, p.67]</p> <p>[ tem uma idade para a criança começar a competir? ] Tem. Em minha opinião, dez anos. Porque é o ideal, né? <b>Você não pode especializar uma criança com menos de dez anos.</b> [Breno, p.7]</p>	<p><b>A competição: motivação necessária para o esporte?</b></p>
--	--

Pré Indicadores	Indicador
<p>Primeiramente <b>as formações nas universidades estão péssimas.</b> Hoje a formação do profissional nas universidades está beirando a falência. Os professores estão saindo da universidade sem condições de trabalhar, e quando saem, saem com pouquíssimos conhecimentos sobre as áreas, porque teve que estudar diferentes setores muito por cima, muito rasos, chega ao mercado de trabalho em ter condições de trabalho, então a primeira coisa é estar na universidade. <b>Mas é só a universidade que está com problemas? Não. A educação básica desses profissionais também está ruim, pois eles não têm uma cultura de formação de estudo nas escolas para chegar à universidade e ter condições de se formar.</b> Para não ficar muito longe, dentro da universidade já é um grande</p>	<p><b>Problemas da formação</b></p>

problema. Quem está saindo e a formação que está acontecendo hoje não está boa, principalmente na formação escolar. **Hoje está se formando muitos técnicos ou professores para academia e poucos professores para a escola.** [Fabiano P.6]

**Aí você tem o problema curricular, então naquela universidade eu trabalho essas disciplinas e nessa universidade eu trabalho essas, então nessa eu vou ter a formação de um profissional e naquela vai ter outra.** Ah, mas tudo é esporte. Não é. Aqui eu trabalhei seis meses de anatomia, lá é um ano, aqui a gente trabalha estrutura curricular de Educação Física escolar, aqui a gente faz uma semana de esporte escolar. **Primeiramente tem que haver uma padronização curricular na Educação Física no Brasil.** [Fabiano P.7]

A formação também da importância do esporte como forma de educar, como forma de trazer a formação do garoto como cidadão dentro de uma sociedade, e existem cursos, mas não tem muito acesso. O professor não tem essa condição? Financeira? **Mas muitas vezes o curso é num sábado, o professor trabalha no sábado e muitas vezes eles não liberam o professor para fazer o curso. Como que querem uma capacitação do profissional, uma formação mais concreta do profissional se não dão nem a oportunidade dele se deslocar até o curso?** [Fabiano P.9]

**A minha crítica é que o esporte escolar, esporte como formação, está sendo visto de forma errada. Aí você tem todas as classes, desde o domínio público, o profissional que trabalha,**

**Problemas da formação**

**das instituições, da mídia...** Está sendo feito de forma errada, continua sendo feito de forma errada, tinha uma grande chance de arrumar as coisas com esses eventos esportivos que vão ocorrer, que são de grande porte, visto de forma errada, errando novamente, mas esse ciclo vicioso só tem uma palavrinha chave: cultural. Cultural do Brasil, e não é de agora, tem muito tempo com essa visão e infelizmente... Existem muitos profissionais de altíssimo nível estudando isso, na [Fabiano P.13] pedagogia do esporte, escolar, mas não consegue implementar dentro da prática, infelizmente. **Existem dois mundos, o que está sendo feito na universidade e o que está sendo feito fora da universidade, e isso é uma crítica que eu faço.** [Fabiano P.14]

**Uma coisa que eu vejo que é muito importante é a forma como você vai trabalhar, a didática, isso é muito importante. Você vê em outros cantos, são excelentes profissionais, mas não sabem passar.** [Adalberto, p.11]

Você vai ao médico e se ele não tem uma condição boa de exame ele vai olhar para você e dizer “toma esse remédio e vai para casa”, você está com uma doença e ele te dá remédio para outra. O professor de educação física a mesma coisa, **se esse professor não tiver esse conhecimento, não tiver essa formação, essa base boa, como ele vai ensinar o garoto? Como ele vai trabalhar com o garoto se ele não tem conhecimento, por exemplo, de educação infantil, se ele não tem o conhecimento de maturação. Logicamente ele vai pegar as crianças e não vai saber o que fazer** [Fabiano P.5]

#### Problemas da formação

<p>Aqui no Brasil tem muita, e isso é um grande problema, <b>a escolinha de futebol</b>, escolinha de não sei o que. <b>Quem trabalha com esses garotos? Ex- atletas, que não tem uma formação, que foi formado com esse pensamento competitivo, é só competição e treino, não com essa conotação de formação. Esses garotos vão cair. Aonde que tinha que estar essa abordagem mais influente? Na escola, só que hoje, a Educação Física escolar, na minha visão, tá degradada. [Fabiano P.5]</b></p> <p><b>O que eu acho que falta é a famosa lacuna entre teoria e prática, então a teoria não está chegando até o profissional, o profissional não está indo até a teoria, está havendo uma dificuldade do profissional de estar buscando essa formação maior e também, acho que é o principal, dar espaço para o profissional se desenvolver e trabalhar. [Fabiano P.10]</b></p>	<b>Problemas da formação</b>
---	------------------------------

<b>Pré Indicadores</b>	<b>Indicador</b>
<p>Como lidar com isso? Capacitação? Tem pouca capacitação? Eu acredito que tenha. Eu acho que infelizmente, dentro do universo público, estadual, <b>existe pouca capacitação para os professores, capacitação realmente de formação. Acho que esse é um caminho, dar mais condições aos professores de uma formação mais concreta, uma extensão, ou até mesmo pós-graduações nesta área, o que eu acredito que seria um primeiro passo, uma ferramenta, mas não tem. [Fabiano P.8-9]</b></p> <p><b>Eu acredito, na minha concepção, o primeiro passo é acolher esse</b></p>	<b>Necessidades e possibilidades da formação continuada</b>

**profissional que está na prática e dar oportunidade dele se desenvolver, aí você tem várias ferramentas do processo, cursos, capacitações, congressos, materiais, cultura, para que ele chegue ao fim e ele tenha a oportunidade de dar suporte para aquela criança no momento que ela precisa, e um profissional bem trabalhado, um profissional bem resolvido, um profissional bem capacitado vai saber lidar com uma criança na derrota e na vitória como vai saber lidar com o pai e como vai saber lidar com os seus superiores. Fácil não vai ser, lógico, só que eu acho que hoje esses profissionais sentem essa carência, essa carência é muito grande, então para mim esse é o processo, dar ferramentas para que esse profissional se desenvolva dentro da área profissional, [Fabiano P.10]**

**A maneira como você vai conseguir levar o conteúdo para as crianças e se surgir um empecilho, como você vai superar aquele obstáculo, então conta muito pela didática. A didática é o que faz a diferença e isso deveria ser trabalhado nas formações continuadas também, para que a pessoa veja outras maneiras de trabalhar. Eu gosto de trabalhar na parte humanitária, não sou aquele cara que cobra 100%, vai, briga, fica de mau humor se perde, eu conto muito pela parte didática, eu tive uma boa didática e acho que isso faz a diferença. [Adalberto, p.11-12]**

**Da onde que vem o conhecimento para que o profissional se desenvolva? Das universidades, onde estão sendo feitas as pesquisas. Fora isso dar oportunidade e tempo desse professor se desenvolver, senão não adianta. Eu trabalho 8h por dia, entro tal hora e saio tal hora, tem o curso, mas pode ir? Ah, não pode. Como que ele vai fazer um curso. Até**

**Necessidades e possibilidades da formação continuada**

<p>mesmo um livro. O professor não tem oportunidade nem de um maior desconto na compra de um livro. Como você vai desenvolver um profissional se você não der condições desse profissional se desenvolver? <b>Não acho que é falta de vontade do professor, o que eu acho é que existe uma decepção do profissional dentro daquela estrutura em que ele se encontra</b>, isso tanto na parte pública quanto na particular, então nós temos um círculo vicioso, aí entra naquilo que eu falei inicialmente. Isso é uma cultura. E como mudar uma cultura? [Fabiano P.10]</p> <p>Eles cobram muito da gente, porque eles <b>[os alunos] leem muito. Não é que nem antigamente que o professor falava era a palavra final, um deus que sabia tudo. Hoje eles questionam a gente, eles provocam, trocam ideias. A formação continuada vai te dando subsídios para que você não fique na mesmice, use as mesmas tecnologias, acho que a importância tá aí, para que você não fique estabilizado no tempo.</b> [Adalberto, p.11]</p> <p><b>Aí com a formação mais completa do profissional você já começa a discutir o trabalho dentro das instituições escolares.</b> [Fabiano P.7]</p>	<p><b>Necessidades e possibilidades da formação continuada</b></p>
--	--

Pré Indicadores	Indicador
<p><b>Quando você faz uma seleção num clube, só passa quem tem condições de ficar craque, chegando ao alto nível. Nas escolas, você precisa também pegar o melhor, porque você quer obter resultado. No meu caso eu deixo o</b></p>	<p><b>Inclusão e exclusão</b></p>

**aluno ir competir, jogar um pouquinho, mas principalmente se o treinamento é pago, você tem que pôr.** Você ganha o primeiro set, pôr eles, se perder o segundo, ganhar o terceiro. Você tem que usar a malandragem para usar essas crianças. [Breno, p.3]

**Aqui tem o professor V. que ele faz um trabalho excelente com o pessoal deficiente. Os esportes que eles mais praticam são a natação, alongamento, caminhada, dá aulas teóricas nos ateliês, bibliotecas, passa filme. Eles estão um grande desenvolvimento e isso não é uma coisa que ele nem é obrigado a fazer, mas ele faz assim porque gosta, porque tem espontaneidade e procura fazer de uma maneira aplicada, faz porque gosta e põe o coração mesmo a trabalho dos garotos, e eles estão evoluindo muito.** Garotos e garotas, tem senhoras. [Breno, p.4]

**Então o esporte como inclusão é importantíssimo e, também, com um trabalho apropriado no esporte, ele vai gostar de vir à escola.** Tanto aqueles garotos que tem aquelas deficiências físicas e mentais quanto para os garotos que não apresentam nenhuma deficiência, o esporte é a principal ferramenta de inclusão na escola. [Fabiano P.13]

**agora tem a copa do mundo, é olimpíada, pronto, o esporte virou o boom mundial, vamos investir no esporte, no professor, na prefeitura...** Tá, investir como? Não, tem que abrir espaço para as crianças virem, aí coloca, já vamos entrar num outro assunto, aí a gente coloca os garotos, **faz uma formação esportiva e manda para onde, se aqui temos um centro olímpico que fica lá do outro lado da cidade?**

**Inclusão e exclusão**

[Fabiano P.7]

**O esporte é a principal ferramenta de inclusão**, fora que hoje o principal fenômeno mundial que consegue colocar uma grande massa de pessoas, numa ambiente, parado, para fazer determinada coisa, é o esporte. O esporte chega a ser uma forma de disputa política porque ele consegue mobilizar uma grande massa de pessoas. **O esporte é muito forte, bem trabalhado ou mal trabalhado é outra discussão, mas que você consegue uma mobilização gigantesca social, cultural, você consegue.** [Fabiano P.13]

Há um trabalho muito mal feito, baseado em muito senso comum no qual muitos garotos, adolescentes que teriam condições de se desenvolverem serem excluídas do processo, e esse processo se chama treinamento a longo prazo, que é desde o início, no ingresso de treinamento sistemático até ele atingir o alto rendimento. **Essa fase que chamam de base é treinamento a longo prazo. Porque que ocorre essa exclusão? Aí são vários fatores, profissionais mal capacitados, que se baseiam em apenas algumas variáveis ou critérios, ou só físico ou só técnico, esquecendo a questão maturacional, social, psicológica.** Então esses são alguns fatores que erram nessa exclusão. O garoto que vai jogar basquete, qual a primeira coisa que eles pensam, tem que ser alto, só que você vai pegar garotos de onze anos onde um é baixo e o outro é alto. Só que eles esquecem que estão em processo de formação maturacional. **Esse que é baixo vai ser grande lá na frente, esse que é baixo provavelmente é precoce e não vai mais crescer, aí o que aconteceu, ele excluiu esse inicialmente por um critério e o outro vai ser excluído lá na frente porque ele**

**Inclusão e exclusão**

<p><b>vai ser baixo. Mas ambos tinham capacidades e condições de tornarem um grande jogador, mas ele não foi avaliado. [Fabiano P.11]</b></p> <p>O esporte de alto rendimento e o esporte competitivo são os melhores, vão chegar apenas os que têm condições. Automaticamente <b>vai haver um funil e vai haver exclusão</b>, [Fabiano P.11]</p>	<p><b>Inclusão e exclusão</b></p>
---	-----------------------------------

Pré Indicadores	Indicador
<p><b>Como a maioria das pessoas, eu fui atleta antes. Jogava futebol na várzea, mas jogava com bastante time, mas não segui a carreira esportiva. Para ficar na parte esportiva, continuei na Educação Física.</b> Acho que é o que acontecia com a maioria dos meus colegas na faculdade. Você tinha uma ideia da Educação Física, e quando você começa a estudar, começa a se aprofundar, você vê que é diferente, você começa a se tornar professor, porque tem a parte didática, de treinamento, então você começa a entender a formação de Educação Física. Quando você é jovem você acha que vai lá para jogar bola, ser atleta, depois você começa a ter esse papel diferenciado para ajudar outras pessoas. [Adalberto, p.1]</p> <p><b>Eu comecei a trabalhar no meu primeiro ano de faculdade. Aí como na faculdade eu sempre jogava vôlei lá, comecei a dar aula, comecei a montar umas equipes de vôlei, fui crescendo, crescendo, ganhando e ganhando campeonatos, consegui arrumar ótimos empregos, estou numa situação muito boa, graças a Deus, devido ao que eu plantei. [Breno, p.1]</b></p>	<p><b>Histórico das atividades esportivas dos técnicos</b></p>

**Sempre gostei [de esporte].** Trabalhei com futebol de salão, handebol, vôlei, basquete, mas, especificamente, me aprofundei no vôlei. Fui técnico do Pinheiros, do Palmeiras, do Tietê, do AABB e um monte de clubes. [Breno, p.1]

Já fui campeão da capital de voleibol, copa Dannup, olimpíada infanto-juvenil, campeonato colegial de esportes, jogos mirins de São Paulo, Campeonato H2 Esportiva, Jogos Mirins de São Paulo, Campeonato paulista da Federação, lá ganhei vários anos, várias modalidades, eu ganhei todos os campeonatos que tem em São Paulo, **ganhei mais de 400 campeonatos. Isso é muito gratificante, e continuo ganhando, se esse aqui ganhar amanhã, sou campeão de novo.** [Breno, p.9]

**Trabalhei já no estado, quarenta e cinco anos num colégio de estado.** Consegui ganhar também todos os campeonatos que tem no estado de São Paulo. Nas particulares não precisa falar, porque eles dão tudo. **Eu tenho uma grande coisa, uma satisfação na vida: todos os colégios que eu dei aula eu fui campeão. Todos, indistintamente e eu dei aula em mais de 60 colégios.** [Breno, p.10]

**Eu sempre fui esportista desde garoto,** sempre pratiquei esportes, fui até atleta amador de basquete[Fabiano P. 1 ]

Aí comecei com o basquete, aí eu fui para o Palmeiras, e aí comecei a jogar nas categorias de base, joguei também nas categorias de base do esporte Ipiranga e fora isso sempre pratiquei esporte na rua, pedalava, corria, sempre fiz esporte, desde

**Histórico das atividades esportivas dos técnicos**

<p>pequeno. Foi um interesse meio que por osmose a Educação Física, por ser um apaixonado pelo esporte, e eu nunca trabalhei com nada que não fosse esporte, porque eu jogava e quando entrei na educação física comecei a trabalhar, então foi essa a história, paixão. [Fabiano P. 1]</p> <p>Eu trabalho praticamente com adultos, ginástica, eu trabalho basicamente com a qualidade de vida, que é corrida, ginástica, hidrogenástica, treinamento funcional, essa parte de qualidade de vida, ou fitness, e tem a parte do basquete com adulto, [Fabiano P.2]</p>	<p><b>Histórico das atividades esportivas dos técnicos</b></p>
--	--

#### 4.3 Dos Indicadores à constituição dos Núcleos de Significação

Construído os indicadores, articulamos os mesmos com o objetivo de sistematizar e constituir os Núcleos de Significação.

Indicadores	Núcleos de Significação
<p><u>A contribuição dos valores esportivos</u></p> <p><u>A competição: motivação necessária para o esporte?</u></p>	<p><b>Benefícios e Valores Educativos do Esporte Competitivo Escolar</b></p>
<p><u>Esporte e sua relação com a educação escolar</u></p> <p><u>Inclusão e exclusão</u></p>	<p><b>O Treinamento esportivo e o Esporte Competitivo na Instituição Escolar.</b></p>
<p><u>Problemas da formação</u></p> <p><u>Necessidades e possibilidades da formação continuada</u></p> <p><u>Histórico das atividades esportivas dos técnicos</u></p>	<p><b>O Professor em atividade: Da formação à capacitação</b></p>

## 5. OS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

### 5.1 Núcleo 1 – Benefícios e Valores Educativos do Esporte Competitivo Escolar

Este núcleo é constituído por um conjunto de indicadores que se articulam por meio de um conteúdo temático a respeito dos elementos educativos do esporte para os técnicos de um Centro Educacional Unificado. Os indicadores que compõem este núcleo são: 'A contribuição dos valores esportivos e 'A competição: motivação necessária para o esporte?'. Neste núcleo, elaborado a partir da análise dos indicadores, percebeu-se a possível significação do esporte escolar, para os técnicos do CEU, como uma atividade integrante e fundamental para a escola em seus objetivos educacionais e para o aluno em seu desenvolvimento.

Segue o relato da história de uma aluna, ficticiamente denominada Laurinha, narrada por um dos técnicos, e que é considerada por nós como, de algum modo, síntese dos valores e possibilidades positivas de desenvolvimento e superação por meio do esporte.

**Tinha uma garota lá, a Laurinha, de família muito pobre. Cinco ou seis irmãos, o pai foi assassinado, viviam só com a mãe, passavam fome, e essa menina ia muito mal na escola. Essa menina não conseguia escrever, não conseguia ler, ainda estava na segunda série, não tinha noção nenhuma e ela começou a fazer xadrez com a gente.** Ela conseguiu entender, lá tinham letras e números, ela conseguiu entender a mensagem, conseguiu jogar muito bem, teve destaque, **foi campeã regional, tinham poucas crianças, mas era a categoria dela. Foi o primeiro troféu do CEU, e todo mundo tirou foto com ela,** até o gestor tirou foto. Na escola fizeram entrevista com ela e a partir daí ela mudou na escola, ela começou a se interessar e começou a entender, os professores começaram a entender ela também. Foi muito legal, porque **o Xadrez resgatou essa menina para a sociedade. Através do esporte ela foi resgatada, porque ela teve um momento de destaque e a vida dela era muito sofrida, só tinha coisas negativas. Eu acho que ela não acreditava que seria possível ela ganhar alguma coisa, possível ela ter destaque na vida, possível ela ver que ela era importante também.** A partir daquele momento a menina deslanchou, foi bem, ganhou outras competições, perdeu outras, **mas ela se inseriu na escola através do esporte.** Essa é uma história, têm milhares de histórias assim, várias outras histórias parecidas com a dela, mas a dela marcou muito para a gente, porque ela era um bichinho do mato, ela mal olhava para nós. **Eu ia dar aula ela vivia se escondendo embaixo do banco, tinha conversar, conversar,**

**conversar com ela até... Hoje você vê a menina, tem uma postura, olha no olho das pessoas, e foi o xadrez, porque ela não tinha outra coisa, ela não fazia outra coisa, fazia xadrez conosco e a escola.** [Adalberto, p.4-5]

Percebemos, segundo o relato do professor, que o xadrez (o esporte) é uma ferramenta escolar/educacional com potencial de transformar positivamente a vida dos alunos, possibilitando-os uma qualidade outra, mais ampla e saudável, em suas relações e no viver. Desta mesma forma o esporte escolar e a competição parecem ser significados pelos técnicos em todos os relatos e questionários, como atividades potencialmente educativas e benéficas ao desenvolvimento das crianças. Consideramos, juntamente com Paes e Balbino (2009) que o treinamento, o alto rendimento e os objetivos educacionais e institucionais escolares devem ter sempre como objetivo contribuir para a educação e formação dos alunos como cidadãos críticos e responsáveis. No caso desta pesquisa, as significações dos técnicos devem ser desveladas devido ao fato da orientação da atividade esportiva ser mediada e dirigida por eles, visto que as características da atividade esportiva “estão diretamente ligadas à significação adulta dos propósitos do esporte e da educação.” (KORSAKAS, 2009, p. 70). É a forma como o técnico conduz a atividade esportiva e como significa o esporte e as suas possibilidades pedagógicas que caracterizam a atividade esportiva escolar e se tornam um dos elementos constituintes das significações desta atividade para os alunos.

**Para ser esportista a criança têm que ter um ritmo diferente, tem que ter disposição para o treino, horários para chegar,** porque senão não dá para encaixar na equipe se a criança vai chegando sempre atrasada... Então **isso vai dando valores que vão agregando aos da escola. São valores invisíveis, silenciosos, mas que vai agregando a escola em sua função.** [Adalberto, p.2]

Porque ele vai começar a praticar o esporte na escola, vai começar a ter afeição pelo esporte, vôlei, futebol, vai começando a entender que toda quinta feira ele tem um compromisso, toda terça e quinta ele tem um compromisso com o treinamento, fora isso o esporte já começa a motivar ele, querer crescer na vida. Isso é muito automático. **Se você consegue trazer o garoto ele vai ter vontade de se dedicar a outras coisas, e isso foi mostrado socialmente, então ele com certeza melhora na escola, melhora sua capacidade de convivência com outras pessoas.** [Fabiano P.12-13]

O esporte é apresentado pelos técnicos como uma forma de possibilitar novos e importantes processos de desenvolvimento ao aluno, considerando ainda a particularidade do contexto social de alta vulnerabilidade das regiões em que o CEU se localiza e tem o objetivo de transformar e intervir.

**Eu trabalho há quase cinquenta anos. Quantos alunos eu tirei do vício, de fumar, de beber, de drogas. Hoje todos eles me agradecem, tudo advogado, médico. [Breno, p.2]**

**O esporte, por exemplo, pode tirar o garoto da rua, que estava jogando bola perto de traficante e começar um processo de treinamento dentro da escola, como a escola da família, então o esporte também tem esse cunho inclusivo, pode trazer para o garoto uma nova visão de vida. [Fabiano P.12]**

As regiões de alta vulnerabilidade têm como característica a presença de áreas extremamente pobres e carentes de equipamentos e serviços públicos, apresentando as maiores concentrações de população com precárias condições sanitárias, bem como proporções populacionais mais elevadas de crianças e adolescentes (ALVES, COSTA, SAMULSKI, 2006). Essa zona de alto risco para as crianças e os adolescentes é um dos elementos constituintes da relação dos alunos e dos profissionais dos CEUs com as atividades esportivas, lembrando que muitas outras instituições escolares, também em situação de alta vulnerabilidade, têm o esporte como uma ferramenta educacional escolar.

**Se você pega os garotos que fazem uma formação esportiva numa escola como a Arquidiocesano é uma coisa, mas você pega um garoto que tá aqui no CEU e não come em casa, que tem desnutrição é outra. [Fabiano P.5]**

O Judô, por exemplo, educa muito bem o aluno, é um dos que mais educam, dá muita disciplina para o aluno, **ainda mais aqui para o aluno da periferia, o esporte para ele é coisa do céu... (Risos) é coisa do CEU mesmo!** [Breno, p.5]

**O xadrez, na secretaria municipal de educação, ele virou programa, então para as competições da prefeitura nós temos o mínimo para as crianças. Vêm um lanchinho três vezes por dia para as crianças, para eles poderem comerem durante o dia e**

**tem o ônibus.** Por ano tem duas formações para professores. [Adalberto, p.8]

A atenção com os alunos, principalmente em áreas de maior risco social, exige dos educadores, dos responsáveis e do poder público, um cuidado especial com estes jovens. “A escola é o início de tudo, é a primeira fase de formação e promoção esportiva é na escola” [Fabiano P.11] e ao implementar o treinamento esportivo na escola, considerando o olhar atento do técnico/professor e da direção, parece surgir a possibilidade de permitir a esta criança, mesmo em situação de risco ou vulnerabilidade, uma atividade benéfica para o seu desenvolvimento, contemplando o lúdico, a saúde e a formação de valores.

**O aluno cresce com outra visão de vida, ele se adapta muito mais fácil à sociedade e para ele, individualmente, ele vai crescer muito, tanto na parte de estudos quanto na parte esportiva. Então, se dedicando ao esporte ele vai fugir de drogas, de beber, de fumar e isso aí é muito importante. Quanto mais ele se dedicar ao esporte, mais ele foge de tudo o que é errado. Aí a importância do esporte.** [Breno, p.5]

**Se você pegar o esporte, ele tem a capacidade de trabalhar com cooperação, a competitividade, a capacidade de inserção social, a capacidade de conhecimento ambiental, a capacidade de você ter a saúde do seu corpo como forma de ter uma vivência adulta de forma saudável.** [Fabiano P.3]

A fala dos professores sobre os potenciais do esporte no desenvolvimento dos alunos parecem carregar o fenômeno esportivo e a competição de qualidades naturais como no trecho **“eu acredito que o esporte, por sua origem, já é educacional.”** [Fabiano P.2] e o **“jogo em si, nesse momento da essa competição, nada mais é do que uma representação da vida que essa criança vai ter”** [Adalberto, p.12]. Estas características remetem também a uma possível naturalização do ser humano como competidor e do próprio esporte como intrinsecamente gerador de um bom desenvolvimento. **“Acho que é intrínseco do ser humano competir, ele já está no sangue das pessoas, e a competição é o que faz a motivação.”** [Adalberto, p.8]. Sobre a naturalização, concordamos com Newton Duarte

(2006) ao afirmar que esta ocorre na generalização de uma condição histórica e cultural que é apropriada pelos indivíduos como um dado de realidade atemporal e absoluto, camuflando seu caráter alienante, com ou sem a intencionalidade daquele que naturaliza uma condição cultural.

“(…) [a naturalização] significa a tentativa de justificação, por meio da eternização e da universalização, de uma determinada realidade, apresentando-a como correspondente à natureza humana. A naturalização não é o retorno à natureza, mas sim a consideração como natural, isto é, como pressuposto da vida social, daquilo que é histórico, produto do desenrolar histórico das relações sociais” (DUARTE, 2006, p.138)

De acordo com os pressupostos da psicologia sócio-histórica e embasados no materialismo dialético não consideramos que exista uma natureza humana, da competição ou do esporte, mas que a condição humana se refere a um cenário complexo que tem em suas dinâmicas elementos histórico-sociais e culturais. Os indivíduos são caracterizados por “condições biológicas hereditárias que são a sustentação de um desenvolvimento sócio-histórico, que lhe imprimirá possibilidades, aptidões, valores e tendências historicamente conquistados pela humanidade” (BOCK, 1999, p.28). O aluno, ser ativo, social, histórico, em pleno processo de desenvolvimento maturacional, adquirirá, em sua visão de mundo, um conjunto de significados, inclusive sobre o esporte, a competição e a escola. Estas significações estão sempre em movimento e em constante relação com a cultura, mediada pelas outras pessoas, dos técnicos, professores, pais, e colegas que permeiam suas atividades à mídia. Todos esses elementos configuram parte do cenário que fornecerá diversos constituintes para a significação do esporte e suas possíveis generalizações (naturalizações).

Uma pedagogia crítica e historicizadora precisa, antes de mais nada, constituir um referencial com base no qual os educadores se rebelem contra essas formas de alienação, caso contrário, qualquer tentativa de realização de ações educativas humanizadoras não passará de voluntarismo ingênuo e correrá o sério risco de servir, sem o saber nem o desejar, para a legitimação de políticas educacionais alinhadas com o projeto político e econômico neoliberal e com o universo ideológico pós-moderno (DUARTE, 2006, p.283)

Concordamos com Bock (1999) quando afirma que “a ideia de natureza humana tem um caráter ideológico, pois camufla a determinação social do homem.” (p.24), já que naturalizando os fenômenos e caracterizando-os como atemporalmente dotados de características que, a nosso ver, são dialéticas e sócio-históricas, podem facilmente criar um sistema reprodutor e acrítico do fenômeno. Esta leitura não reduz a importância ou o potencial produtivo do esporte para os alunos, mas é necessário perceber os fatores histórico-sociais e os planejamentos educacionais que caracterizam a atividade esportiva na instituição, os professores e os alunos para que possamos compreender melhor a atividade esportiva competitiva mantendo o foco educacional e crítico da atividade.

Os benefícios do treinamento esportivo por crianças e adolescentes têm consequências significativas para a promoção da saúde individual e coletiva, sendo este também um dos objetivos da atividade esportiva. Torna-se dever da escola zelar pela prática de esportes, incentivando e coordenando a prática de atividades físicas saudáveis para crianças e adolescentes, pois estas

(...) tem forte influencia positiva no padrão de crescimento e desenvolvimento; favorece a manutenção de articulações, músculos e ossos saudáveis; previne ou retarda o aparecimento de fatores de risco cardiovasculares, como hipertensão arterial, diabete e dislipidemia; promove adaptações metabólicas cardiovasculares condizentes ao melhor estado de saúde; melhora o relacionamento no grupo, minimiza a depressão; e aumenta a autoestima. Dessa forma, o desfecho para esse conjunto de adaptações é um indivíduo com melhor qualidade de vida e bem estar. (EVAGELISTA, 2009, P. 221).

Verificamos historicamente, no entanto, que no Brasil, na década de 70, em pleno regime militar, o governo investiu na disciplina Educação Física visando a formação de uma juventude forte e saudável como forma de militarização e movimentos políticos de enfraquecimento de forças oposicionistas ao regime.

(...) na década de 70, a Educação Física sofreu, mais uma vez, influências importantes no aspecto político. O governo militar investiu nessa disciplina em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração (entre os Estados) e na segurança nacionais, objetivando tanto a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmobilização das forças políticas oposicionistas. As atividades esportivas também foram consideradas importantes na melhoria da força de trabalho para o milagre econômico brasileiro. Nesse período, estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Um bom exemplo é o uso que se fez da campanha da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1970. (BRASIL, MEC, 1998, p. 21)

Ainda que os possíveis benefícios para a saúde dos alunos por meio da atividade física e do esporte sejam claramente explicitados, a utilização deste conceito e a associação acrítica entre esporte e saúde pode desconsiderar o cenário atual em que diversos valores culturais estão atrelados ao esporte e à competição, como o consumo de diversos produtos, estabelecimento padrões estéticos e propagação de ideologias que compõem o contexto social e possuem forte influência sobre as percepções da realidade encontradas no senso comum.

A prática de jogos, esportes, lutas, danças e ginásticas é considerada, no senso comum, como sinônimo de saúde. Essa relação direta de causa e efeito linear e incondicional é explorada e estimulada pela indústria cultural, do lazer e da saúde ao reforçar conceitos e cultivar valores, no mínimo questionáveis, de dieta, forma física e modelos de corpo ideais. Atrelada a essas premissas inevitavelmente carregadas de valores ideológicos e a interesses econômicos, a prática da atividade física é vinculada diretamente ao consumo de bens e de serviços (equipamentos, academias, espaços de lazer, complementos alimentares, prescrições de treinamento), citada como método infalível no combate ao uso abusivo de álcool, fumo e drogas, e como recurso de integração social do jovem e do adolescente. (BRASIL, MEC, 1998, p. 37-38)

O trabalho dos técnicos no Centro Educacional Unificado é a coordenação dos treinamentos das modalidades esportivas com os alunos objetivando sempre bom desenvolvimento da criança/adolescente. Segundo Machado e Presoto (2009) o técnico terá como compromisso um plano pedagógico que orienta ações e relações, e será ele quem norteará a atividade e criará as condições e situações de aprendizagem e de desenvolvimento dos

indivíduos e do grupo. O meio social em que vive e a liderança de adultos competentes tem muita influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes esportistas pois “os atletas esperam atitudes e ações do técnico que os orientem para que possam alcançar o sucesso” (MACHADO 2006, p.114). Consideramos que a competição e o alto rendimento podem fazer parte do treinamento esportivo e mesmo assim devem incluir a proposta pedagógica da atividade quando realizadas no ambiente escolar.

**Eu entendo muito pela motivação.** Quando eu estava dando as minhas aulas na escola com o esporte escolar, **você está dando os diferentes esportes, mas você tinha uma meta, um torneiozinho para participar, uma competição, isso que motivava. Porque não adianta treinar e ficar no mesmo lugar, você precisa pôr isso para fora, precisa externar isso e através do esporte, que tem a competição, você tem a comparação se está indo bem ou mal. As crianças também tem a motivação para melhorar, e é um aprendizado para a vida, porque a vida inteira vai ser de competição. Isso nada mais é que um auxílio que ela vai ter, que a vida dela é feita de vitórias e derrotas.** [Adalberto, p.2]

**A competição é o top da educação física. O máximo que ele podem é a hora que eles estão competindo.** Nós temos até uma equipe muito boa aqui de Xadrez, com o professor A. O máximo para eles é participar de competições fora do CEU. [Breno, p.2]

A ideia de competição associada à motivação aparece nas falas de todos os técnicos, assim como a aparente generalização de que a vida é uma grande competição. Segundo os técnicos, devido às vitórias e derrotas naturais e inevitáveis da vida moderna, o esporte competitivo escolar possibilitaria, desta forma, um aprendizado, uma compreensão e uma melhor adaptabilidade das demandas e pressões da vida contemporânea. Mas qual o objetivo da competição?

Competir sugere a busca de um determinado objetivo e o empenho que alguém faz para atingir sua meta, considerando-se que outras pessoas também tentarão buscar o mesmo objetivo. Competir significa, necessariamente, rivalizar, lutar e tentar conseguir um feito. É por meio da competição que se conhecem os melhores e os piores, os vencedores e os derrotados. (DE ROSE JR; 2009, P.105).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Educação Física (1998) considera que é função da área da Educação Física e dos esportes utilizar os conhecimentos construídos para a realização de uma análise crítica dos valores sociais, questionando os padrões de beleza, saúde, desempenho, inclusive o papel do esporte como instrumento de exclusão e discriminação social. Pode-se efetuar a construção coletiva e a priori das regras e firmar acordos entre os participantes, assim como é possível estimular os alunos a considerarem e refletirem sobre a historicidade, contradições e características do esporte, abarcando preconceitos, ideologias e o senso crítico dos estudantes.

Ao interagirem com os adversários, os alunos podem exercer o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não violenta. Confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permite a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça (e de injustiça). Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. Em relação à postura frente ao adversário, podem-se desenvolver atitudes de solidariedade e dignidade nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado. (BRASIL, MEC, 1998, p.35)

Segundo Dante De Rose Jr. (2009) o significado de competição é comumente ligado a situações prejudiciais em que poucos privilegiados enfatizam a inferioridade da grande maioria dos perdedores. Consideramos que esta associação não deva ser encarado de forma tão estreita, pois existe a possibilidade da competição ser um importante meio de aprendizagem, desde que realizada sob condições que respeitem as características dos praticantes. Tanto isso que ainda segundo o autor, acima citado, a prática esportiva tem um impacto particularmente grande quando se reconhece que a competição é um motivante desta atividade, característica que os técnicos do CEU concordam, pois **“o esporte dá motivação”** (Adalberto, p.2) e os alunos precisam saber que **“se querem ganhar tem que se preparar.”** (Técnico ‘C’, questionário).

Quando ele entra no treino ele já visa a competição. Se você montar uma equipe... Eu, por exemplo, **eu tinha uma equipe que só tinha**

**amistoso não era campeonato, e os alunos que saíram do treino falavam “eu saí porque não tinha campeonato, mas agora que tem, eu vou voltar”. Aí você ganha de acordo com o aluno, você ganha mais. Tem um direcionamento no campeonato que ele também se motiva. É o auge, o objetivo do treinamento é competição.** [Breno, p.12]

Segundo o relato do técnico, a ausência da competição muitas vezes retira o objetivo do treinamento esportivo para uma boa parte dos alunos. É um dado interessante que o técnico seja incentivado a ter o maior número possível de alunos e que a competição surja como um elemento que influencia tanto no número de participantes dos treinamentos quanto no salário do técnico. O número maior de alunos parece decorrer do fato de muitos se interessarem pelo treinamento da modalidade esportiva apenas se ocorrerem campeonatos. O direcionamento do técnico para a atividade de treinamento e para a competição, portanto, exige alguns cuidados, como o processo maturacional e as possibilidades e limitações dos alunos, além da exclusão possível num treinamento de alto rendimento. O objetivo do treinamento não é apenas “ajudar o aluno a chegar a ser um atleta, porque isso é uma minoria que vai ser, é um funil” [Fabiano P.3], sem que isso afete a importância ou o caráter educativo do esporte e da competição na escola, pois “o garoto vai crescer e se formar e não vai se tornar um competidor, mas ele vai ter sempre em mente que na vida que ele tem lá fora ele tem regras no seu serviço, tem regras dentro da sua casa... E eu acho que isso se perdeu [Fabiano P.3]”.

“... o esporte será tanto mais educativo quanto mais conservar sua qualidade lúdica, sua espontaneidade e seu poder de iniciativa. Daí porque acreditamos que o esporte, como está sendo trabalhado em nossas escolas de ensino básico e médio, em nossos clubes e escolinhas esportivas, levado ao topo do tecnicismo, modelado e estereotipado pela necessidade de vitória, não é mais prioritariamente Educação. Desta maneira, não nos basta incluí-lo no ambiente escolar ou do clube, sem pensarmos em transformações mais profundas; será necessário uma transformação global, de ambiente e de profissionais, para que possamos ter o esporte agindo como um elemento de integração e construção, como acreditamos.” (MACHADO; PRESOTO, 2009, p.46).

**Porque se você não tiver a competição com esse pensamento [formação de cidadãos], pra quê que serve a competição?** Botar um bando de garotos para se digladiarem dentro de uma quadra, então voltamos à época romana, pior ainda, na época romana com

crianças. **Joga lá dentro, põe um monte de pai gritando em volta e os garotos se digladiando lá dentro e no final terão os mortos, os feridos, os vencedores e os pais vibrando.** [Fabiano P.4]

A escola, portanto, não tem como foco principal a descoberta ou formação de grandes atletas, sendo a utilização do esporte competitivo escolar uma possível importante ferramenta educacional de inclusão de todos os alunos que desejem participar da atividade esportiva escolar e suas competições.

**Quando você faz uma seleção num clube, só passa quem tem condições de ficar craque, chegando ao alto nível. Nas escolas, você precisa também pegar o melhor, porque você quer obter resultado.** No meu caso **eu deixo o aluno ir competir, jogar um pouquinho, mas principalmente se o treinamento é pago, você tem que pôr.** Você ganha o primeiro set, pôr eles, se perder o segundo, ganhar o terceiro. Você tem que usar a malandragem para usar essas crianças. [Breno, p.3]

Então **o esporte como inclusão é importantíssimo e, também, com um trabalho apropriado no esporte, ele vai gostar de vir à escola.** Tanto aqueles garotos que tem aquelas deficiências físicas e mentais quanto para os garotos que não apresentam nenhuma deficiência, o esporte é a principal ferramenta de inclusão na escola. [Fabiano P.13]

Se o esporte é um direito e pode auxiliar na promoção de um desenvolvimento saudável da criança e do adolescente, além de poder aproximá-los da escola, é imprescindível incentivar e cuidar da participação dos alunos nas atividades esportivas, inclusive aqueles com necessidades especiais. Segundo Evangelista (2009) é preciso ter professores capacitados e comprometidos com programas que atendam a diversidade de alunos, pois a inserção de crianças e adolescentes com deficiência em programas de atividades físicas e esportivas pode permitir que vislumbremos possibilidades no lugar de incapacidades.

**Aqui tem o professor V. que ele faz um trabalho excelente com o pessoal deficiente. Os esportes que eles mais praticam são a natação, alongamento, caminhada, dá aulas teóricas nos ateliês, bibliotecas, passa filme. Eles estão um grande desenvolvimento e isso não é uma coisa que ele nem é obrigado a fazer, mas ele**

**faz assim porque gosta**, porque tem espontaneidade e procura fazer de uma maneira aplicada, faz porque gosta e põe o coração mesmo a trabalho dos garotos, e **eles estão evoluindo muito**. Garotos e garotas, também senhoras. [Breno, p.4]

**O esporte é a principal ferramenta de inclusão [...] O esporte é muito forte, bem trabalhado ou mal trabalhado é outra discussão, mas que você consegue uma mobilização gigantesca social, cultural, você consegue.** [Fabiano P.13]

As atividades esportivas, competitivas ou não, demonstram ser uma poderosa ferramenta de ressignificação da escola para os alunos e um poderoso mecanismo de aprendizagem. Desta forma, permite aos alunos, com necessidades especiais ou não, um maior e melhor desenvolvimento destes, desde que exista a atenção e o preparo do professor/ técnico na coordenação da atividade. Para que ocorra o pleno desenvolvimento do aluno devem ser criadas e apresentadas oportunidades para que boas escolhas possam ser feitas pelos alunos.

As maiores restrições impostas ao pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes com deficiência não são advindas da deficiência em si, mas da falta de oportunidades e estímulos apropriados. Para esses jovens, que no seu dia a dia têm poucas oportunidades de brincarem e de praticarem atividades físicas, as aulas de educação física escolar e a criação de programas de atividades físicas e esportivas inclusivas ou específicas tornam-se cruciais. (EVANGELISTA, 2009, p. 234)

O esporte de alto rendimento e “o esporte competitivo são os melhores, vão chegar apenas os que têm condições. Automaticamente **vai haver um funil e vai haver exclusão.**” [Fabiano P.11] Exatamente por isso deve haver uma atenção especial do professor com os alunos para que ocorra a formação atlética daqueles que queiram treinar para o alto rendimento, sem assim perder o foco da visão educativa do esporte escolar e seu potencial inclusivo e risco excludente.

**Primeiro o professor tem que ver o lado humano, tem que ver a formação da criança. Se você for excluir, você se queima, porque aquele que você excluiu nunca mais vai se esquecer de você e vai fazer uma má propaganda sua, “é, tá vendo, eu tive aula com o**

professor X e ele nunca deixou eu jogar, me tirou fora” e joga na tua cara a vida inteira, ao passo que se ele disser “eu fiquei de fora mas ele me deu uma força e tal e hoje eu melhorei muito”, e têm **muitos que eu consegui melhorar por causa do conhecimento que eu tenho do voleibol, eles me agradecem até hoje. Então o que importa é que não pode excluir.** [Breno, p.4]

Consideramos, portanto, que é da responsabilidade da escola e de seus profissionais (professores/técnicos/coordenação/direção) o planejamento de uma proposta pedagógica para o treinamento das modalidades esportivas, as condições educativas desta atividade e o dever de orientar os pais e a comunidade sobre a importância da realização da atividade esportiva no processo de desenvolvimento dos alunos.

## **5.2 Núcleo 2 – ESPORTE COMPETITIVO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: OBJETIVOS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES.**

Este núcleo é formado por um conjunto de indicadores e pré-indicadores referentes aos desafios e as características no planejamento e execução da atividade esportiva competitiva na instituição escolar. Este núcleo tem a intencionalidade de desvelar as dificuldades e limitações da prática esportiva competitiva na instituição escolar pesquisada. Na análise, percebemos que a aplicação do esporte e da competição na instituição de ensino é uma atividade constituída de diversos elementos que complexificam e caracterizam a sua execução nas escolas.

**De 30 garotos que você tem praticando esporte, você terá três que chegarão a um alto nível, estudos já mostram isso, é um funil que ocorre. O grande problema é que dos 30 chegaram três, e os outros 27? Aí é que entre a questão da educação, da formação, como cidadão, competências, a formação do corpo, o conhecimento corporal, a importância da saúde... Porque você pega agora o esporte educacional como forma de educar o garoto, mas também tem a questão da saúde. [Fabiano P.2-3]**

**Na parte do esporte, a competição é o que menos dá trabalho, o problema são as outras coisas, quantidade de aluno, material escasso, a direção da escola que não entende a sua ideia, não compra, querem números, mas não te dão o suporte necessário, são os maiores empecilhos. [Adalberto, p.2]**

Ao retomarmos as raízes históricas do esporte escolar (DE ROSE JR, 2009), para compreendermos a gênese do vínculo esporte e escola, perceberemos que o esporte vinculado à educação surgiu com uma força significativa no século XIX, com a intervenção do pedagogo Thomas Arnold na defesa do esporte como uma ferramenta educacional e o surgimento dos jogos olímpicos no final do século XIX, cujo idealizador, o Barão de Coubertin, era grande admirador do trabalho de Thomas Arnold. Em 1978 a UNESCO publica a Carta Internacional de Educação Física e esporte em que o esporte aparece como um direito para todos e a escola surge como um elemento fundamental para a garantia deste direito.

Praticar o esporte e competir como consequência dessa prática é direito de todos, o que deve ser incentivado, mas levando-se em consideração que chegar ao alto rendimento é prerrogativa de poucos. A função do profissional da área do esporte é proporcionar às crianças e aos adolescentes o acesso a esse direito. Cuidar do futuro talento é muito importante, mas cuidar da grande maioria, que não atingirá esse status é obrigação. (DE ROSE JR; 2009, p.113)

Percebemos, portanto, que o esporte é um direito recente, o que torna de extrema importância o estudo das implicações das atividades desportivas no ambiente escolar e no desenvolvimento do aluno. Este discurso ganhou força nos anos 80 no Brasil após a forte campanha militar-esportiva dos anos 70.

Na década de 80 os efeitos desse modelo [de alto rendimento, da década de 70] começaram a ser sentidos e contestados: o Brasil não se tornou uma nação olímpica e a competição esportiva da elite não aumentou significativamente o número de praticantes de atividades físicas. Iniciou-se então uma profunda crise de identidade nos pressupostos e no próprio discurso da Educação Física, que originou uma mudança expressiva nas políticas educacionais: a Educação Física escolar, que estava voltada principalmente para a escolaridade de quinta a oitava séries do primeiro grau, passou a dar prioridade ao segmento de primeira a quarta séries e também à pré-escola. O objetivo passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, propondo-se retirar da escola a função de promover os esportes de alto rendimento. (BRASIL, MEC, 1998, p.22)

Apesar da divisão pretendida do esporte em três grandes áreas (escolar, alto rendimento e lazer), esta divisão não ocorrerá tão claramente na prática. O esporte, mesmo em sua intencionalidade educacional, encontrará alunos talentosos na modalidade que se sobressaem ao restante do grupo, sendo dever da escola e do técnico zelar também por sua formação atlética, se for do interesse e benefício do aluno. “Você bate a mão no aluno, se ele dá um toque você já sabe se ele é bom ou não. *Na primeira aula você sabe se o cara é bom ou não. Você vê o potencial e ele em dois, três meses já está jogando melhor que os outros*” [Breno, p.9]. Böhme e Ré (2009) designam o *talento esportivo* como as pessoas que tem um potencial ou uma grande aptidão para o desempenho esportivo.

Certos procedimentos utilizados nos jogos e esportes (finta, marcação, bloqueio, “corta-luz”, jogadas táticas de um modo geral), nas danças (coreografia coletiva, dança de casais) e nas lutas caracterizam situações específicas nas quais a aprendizagem ocorre em contextos relacionais. O olhar do professor deve recair sobre o que, nessas dinâmicas relacionais, está favorecendo ou dificultando a inclusão dos alunos e, em consequência, a possibilidade de aprendizagem. Por exemplo, observar se a capacidade de conduzir, fintar e passar uma bola dentro do jogo está favorecendo a participação de todos, ou se, restrita aos mais habilidosos, torna o jogo desmotivante para os demais. (BRASIL, MEC, 1998, p.107)

Acreditamos que os alunos talentosos são uma inevitabilidade da atividade esportiva, assim como os que encontram maior dificuldade nos processos de aprendizagem esportivos, exigindo dos técnicos a atenção e cuidado para a execução de um treinamento esportivo efetivo e que não exclua os alunos ‘não talentosos’, mas os incentive e os permitam desenvolverem-se plenamente na atividade esportiva. A partir de suas capacidades e possibilidades das zonas de desenvolvimento e níveis potenciais dos alunos, os profissionais que trabalham com o treinamento de crianças e adolescentes podem permitir o bom desenvolvimento de seus alunos. Isso exige dos técnicos e responsáveis um bom conhecimento dos processos de desenvolvimento e métodos e princípios pedagógicos para o treinamento nos diferentes momentos do desenvolvimento, lidando com as características de cada um dos alunos. A escola tem o papel de zelar pelo aluno em sua formação esportiva assim como deve contemplar a todos os alunos praticantes do treinamento esportivo. Mas como medir os benefícios do esporte na escola?

**Eu acho que o esporte é fundamental, porém é difícil de mensurar os benefícios que causa para a criança e para a sociedade em geral. Na escola existem as matérias que você tem como comprovar, tá lá, tem nota, tudo e o esporte é uma coisa que ganha dentro dele, ele melhora por dentro, ele fica mais responsável, com o raciocínio lógico mais rápido, mas é difícil de você provar isso. [Adalberto, p.13]**

Neste trecho, o professor relata a percepção de que na escola não existe uma avaliação que consiga representar os ganhos e desenvolvimentos propiciados pelo processo de aprendizagem esportivo como ocorre nas

disciplinas tradicionais, quantificando ou materializando o quanto ele aprendeu (ou não) do conteúdo programado. O esporte não possui um método avaliativo que comprove ou demonstre os ganhos educacionais da atividade, mas, ainda que esses não sejam aparentes o profissional deve reconhecer sua própria importância. É essencial, portanto, referenciais metodológicos e socioculturais norteadores de uma prática que visem dar ao esporte o tratamento pedagógico necessário para o seu desenvolvimento na escola. A prática esportiva descontextualizada na educação escolar pode reduzir suas possibilidades, limitando suas funções e até mesmo torná-la uma prática de caráter simplista e de exclusão (BALBINO; PAES, 2009).

**O esporte é fundamental, só que é difícil de mostrar para a criança e para os pais que foi determinado esporte que ajudou na formação da criança.** Mas o professor que tem essa consciência, e não espera aplauso todo dia, ele está consciente que o papel dele foi importante, que as crianças melhoraram e ele foi importante para aquilo. **Então quando você não espera todo dia uma batida nas costas, um agradecimento, você está tranquilo, você sabe que seu papel foi importante. Agora se a pessoa espera aquele reconhecimento talvez se frustrar.** Fora isso, se você está consciente da sua importância perante o grupo de aluno e perante o grupo de professores, perante os pais, você já está preparado para dar suas aulas, seu treinamento e sabe que você é importante nesse meio. [Adalberto, p.13]

O conceito ou utilização do esporte como uma plataforma educacional é um tema de opiniões diversas, sendo múltiplos os discursos sobre o esporte competitivo na instituição escolar, assim como a forma como os objetivos e necessidades da atividade são percebidos pelos pais, pela gerência da escola e pela literatura. Nos questionários enviados aos técnicos do CEU a melhora da autoestima, a motivação ao aluno em querer melhorar, o desenvolvimento em direção à autonomia da criança, saber ganhar e perder, compreender a necessidade de preparação para alcançar a vitória, desenvolver a cooperação, o raciocínio lógico e a resolução de problemas, foram considerados os benefícios do esporte competitivo escolar. Por outro lado, para os mesmos técnicos o esporte competitivo também aparece como desmotivante para os alunos diante da derrota, traz o medo do aluno de se expor, a possibilidade de um aluno iniciante poder atrasar a evolução de um mais avançado, o risco da

especialização precoce e a desilusão diante da profissionalização atlética como dificuldades de sua execução na instituição escolar.

Então todos esses fatores se somam, você tem desde a grade curricular de Educação Física nas universidades, a formação os profissionais que estão saindo para o trabalho, a visão do esporte, **dentro da escola, existe um conflito, mesmo nos PCN, nas LDBs, existe um conflito sobre o esporte escolar nessas próprias leis que regulamentam, como nós vamos trabalhar isso dentro de uma escola, se eles mesmos não sabem definir o que é o esporte escolar?** Não, não pode trabalhar esporte na escola, mas tem que trabalhar as modalidades, ou não, o esporte competitivo não pode ser trabalhado na escola porque não é educacional, mas **quem disse que você trabalhar com competição não é educação?** Avaliar um garoto com provas é o que? Existe até uma incoerência dentro do próprio Ministério da Educação. É muita coisa que vai englobando. [Fabiano P.7-8]

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Educação Física para 5ª a 8ª séries (BRASIL, MEC, 1998), a Educação Física é a área que trata de um tipo de conhecimento denominado cultura corporal de movimento, tendo como temas o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e outras áreas relacionadas aos principais problemas da cultura corporal de movimento e o contexto histórico social dos alunos. Espera-se dos alunos ao final do quarto ciclo que sejam capazes de adotar atitudes de respeito mútuo, solidariedade nas práticas dos esportes, resolução de conflitos de forma não violenta, pelo diálogo e prescindindo a figura do árbitro. Cabe ao técnico o direcionamento ético e crítico da atividade, pois

(...) é função do professor despertar a reflexão crítica sobre esses valores, possibilitando assim uma interferência no sociocultural vivido e expresso pelos alunos, evidenciando a necessidade da cooperação, da participação responsável e do respeito mútuo. (BRASIL, MEC, 1998, p.108)

Nas falas dos técnicos o material disponível nas instituições escolares e as condições da infraestrutura da escola afetam diretamente a qualidade do trabalho deles. Mesmo que o material esteja disponível e seja de qualidade, o apoio da direção e a dedicação do professor são essenciais para um bom

trabalho desportivo com os alunos. A formação atlética dos jovens, por mais talentosos que sejam, também é atravessada por dificuldades que desafiam os professores e alunos.

**Aqui no CEU mesmo, embora tenha todo essa estrutura física, não dá para desenvolver um trabalho tão forte, porque faltam equipamentos. No xadrez, como eu estou isolado e tenho a minha salinha, dá para fazer meu trabalho, mas meus colegas, é difícil deles desenvolverem.** Tem estrutura, mas não tem como usá-la plenamente. Tem a quadra, mas a quadra é para EMEF, escola regular. Tem a piscina, só que eles têm que dividir dois, três professores. Aí é o que eu estava falando, saí uma pessoa que tem condições daqui aí tem que ir lá ao Centro Olímpico, longe demais. [Adalberto, p.10]

O CEU tem uma quadra sempre boa, quadra coberta, manda o material, não é de primeira, mas tem. A escola do estado não tem o material e umas quadras, algumas com quadras cobertas excelentes, mas geralmente é mais difícil para trabalhar. Particular tem tudo. **O professor tem que correr atrás, se ele não fizer isso, não rende. Tem que se dedicar e ir para cima.** [Breno, p.11]

**Agora tem a copa do mundo, é olimpíada, pronto, o esporte virou o boom mundial, vamos investir no esporte, no professor, na prefeitura...** Tá, investir como? Não, tem que abrir espaço para as crianças virem, aí coloca, já vamos entrar num outro assunto, aí a gente coloca os garotos, **faz uma formação esportiva e manda para onde, se aqui temos um centro olímpico que fica lá do outro lado da cidade?** [Fabiano P.7]

Algumas das razões do CEU ser alvo deste estudo foi a sua proposta educacional vinculada aos esportes, a existência de profissionais qualificados para o treinamento esportivo e uma infraestrutura necessária para a prática de várias modalidades esportivas. Estes elementos já são um enorme diferencial, já que, segundo Betti (1999) várias escolas não possuem um espaço apropriado para a prática da Educação Física sendo a restrição de material e espaço que se impõe ao próprio professor, muitas vezes, o maior empecilho à prática esportiva escolar. Esta condição pode definir, inclusive, o tipo de conteúdo a ser desenvolvido, pois se uma escola possui apenas bolas de basquetebol, o conteúdo girará somente em torno deste esporte. O acesso ao Centro Olímpico também foi um tópico discutido.

**O Top para as crianças é o centro olímpico, mas fica lá no centro de São Paulo, tem que pegar não sei quantas conduções para ir para lá. Eu me lembro de que tinha uma menina na nataçao que queria e ia lá. E ia sozinha.** Às vezes ia com os pais dos outros, mas ela pegava para ir sozinha. Eu falava, você não tem medo, tem só doze anos, mas ela falava, ah, eu vou. Pegava três conduções para chegar, demorava uma vida inteira, não tinha lanche, não ganhava nem vale transporte. Eu entendi que os professores de lá exigiam demais das crianças. Talvez porque seja um esporte de alto nível eu trabalhe mais com esporte escolar aqui, estão eu vejo o lado humano das pessoas. **Lá a menina começou a ter um monte de problema, no ombro, começou a dar uma lesão nela, porque estava forçando demais, até que ela desistiu, não tinha motivação suficiente, não tinha uma ajuda de custo, nem o vale transporte, para comer tinha que ser do bolso dela, não podia ter falta, duas faltas perdiam a vaga. Eles selecionam muito pela exclusão.** Aquela pessoa que supera essa fase ou que os pais moram mais próximos ou tem mais condições talvez esse consiga se destacar. Esse é um caso que me marcou muito. [Adalberto, p.9-10]

O Centro Olímpico da cidade de São Paulo fica no centro da cidade, uma enorme travessia para qualquer aluno ou funcionário do CEU, que se encontra em regiões mais periféricas da cidade, problemática que se agrava devido à falta de incentivos ao jovem atleta. Além da distância dos centros de treinamento e a falta de suporte para os potenciais novos atletas, Machado (2009) esclarece que muitos jovens, devido a uma fase inicial de crescimento acelerado, são inclusos em disputas de campeonatos de alto nível sem terem atingido a fase maturacional para tanto nem um nível de aprendizado da modalidade adequado para compor os quadros competitivos.

Há um trabalho muito mal feito, baseado em muito senso comum no qual muitos garotos, adolescentes que teriam condições de se desenvolverem serem excluídas do processo, e esse processo se chama treinamento a longo prazo, que é desde o início, no ingresso de treinamento sistemático até ele atingir o alto rendimento. **Essa fase que chamam de base é o treinamento a longo prazo. Porque que ocorre essa exclusão? Aí são vários fatores, profissionais mal capacitados, que se baseiam em apenas algumas variáveis ou critérios, ou só físico ou só técnico, esquecendo a questão maturacional, social, psicológica.** Então esses são alguns fatores que erram nessa exclusão. O garoto que vai jogar basquete, qual a primeira coisa que eles pensam, tem que ser alto, só que você vai pegar garotos de onze anos onde um é baixo e o outro é alto. Só que eles esquecem que estão em processo de formação maturacional. **Esse que é baixo vai ser grande lá na frente, esse que é alto provavelmente é precoce e não vai mais crescer, aí o que aconteceu, ele excluiu esse inicialmente por um critério e o outro vai ser excluído lá na frente porque ele vai ser baixo. Mas ambos**

**tinham capacidades e condições de tornarem um grande jogador, mas ele não foi avaliado.** [Fabiano P.11]

Nesta questão da formação e seleção atlética dos alunos, Machado (2009) também relata uma reflexão sobre atuação dos profissionais e pais no desenvolvimento atlético e nas exigências feitas aos alunos em prol da alta performance. A diferença entre as possibilidades do indivíduo em seu estágio de desenvolvimento e os processos de aprendizagem e demandas institucionais/dos adultos pode ocasionar desníveis que causam consequências negativas para o aluno e parecem esquecer o caráter de formação e educação que o esporte competitivo escolar deve almejar.

Tais desníveis, evidente, causam inquietações em todos os componentes da equipe, que cobram [do aluno] pelo seu desenvolvimento físico e seu técnico, que apostou muito em seu desempenho (esquecendo-se de que o desempenho atlético é um conjunto de fatores que perpassa do desenvolvimento físico ao cognitivo e emocional). É possível que, infelizmente, até os pais venham a pressionar por uma performance mais apurada, esquecendo-se que ali temos uma criança crescida, maturando-se gradativamente, sem condições de responder com precisões emocionais nem mesmo físicas. (MACHADO, 2009, p.76-77)

Considerando que o esporte competitivo pode ser constituído de uma objetividade educacional, almejar o bom desenvolvimento dos alunos e ter uma proposta de formação de cidadania e respeito, nem sempre a atividade é demarcada por este cunho. Muitas formações atléticas, segundo os técnicos, visam o esporte e a competição a partir da lógica única da vitória e do alto rendimento, dinâmicas apontadas como recorrentes em clubes e escolinhas de esporte ou na própria instituição escolar.

Aqui no Brasil tem muita, e isso é um grande problema, **a escolinha de futebol**, escolinha de não sei o que. **Quem trabalha com esses garotos? Ex-atletas, que não tem uma formação, que foi formado com esse pensamento competitivo, é só competição e treino, não com essa conotação de formação. Esses garotos vão cair. Aonde que tinha que estar essa abordagem mais influente? Na escola**, só que hoje, a Educação Física escolar, na minha visão, tá degradada. [Fabiano P.5]

A formação atlética e entrada de atletas estudantes em clubes esportivos também apresentam dificuldades aparentemente intransponíveis que desestimulam o aluno à formação profissional esportiva. Arena e Böhme (2000), ao realizarem um estudo sobre a iniciação da atividade esportiva em crianças e adolescentes, consideraram que a formação dos dirigentes, monitores, professores e técnicos na organização esportiva responsável pelos jovens, é necessariamente mais exigente do que aquela que se pede no esporte adulto. As crianças devem ter acesso a uma prática esportiva e sistema de competição diferente do esporte para adultos. As autoras consideram essencial rever o sistema e participação em competições federadas com elevados níveis de exigência técnica e física, principalmente nas primeiras categorias, promovendo maiores interferências no sistema de competição promovido para crianças e adolescentes. Deve-se almejar o desenvolvimento global e harmonioso da criança, o respeito à individualidade biológica e o conhecimento das particularidades de cada modalidade esportiva, constituindo possibilidades para o desenvolvimento saudável dos alunos assim como também permitir condições de treinamento para o rendimento de alto nível.

**Essa promoção, essa palavra que ninguém põe na cabeça, a promoção desse garoto ocorre inicialmente na escola e vai seguindo o fluxo, porque aqui nós temos uma formação esportiva onde os clubes e federações são responsáveis, então ele vai para esse clube e nesse clube ele vai continuar o processo até que ele possa atingir, ou não, o alto rendimento, mas isso não ocorre.** A escola não está preparada, os profissionais não tem essa preparação, as competições escolares não estão tendo esse cunho de formação e os clubes fecharam de uma forma absurda a militância, porque é militante quem não é sócio, hoje os clubes pegam dois militantes. **Como um garoto que na escola se destaca vai conseguir entrar em um clube? Não tem, então ele não vai ter condições de se formar esportivamente então chega uma hora que ele desanima.** [Fabiano P.12]

Fica novamente claro que a responsabilidade é do técnico, ou professor responsável pela atividade esportiva, em direcionar e coordenar as ações de seus alunos em pressupostos éticos e respeito ao próximo, lidando e

transformando as pressões da instituição escolar e das famílias em relação às vitórias.

**O grande problema é a cultura. Você apontou a coisa de lidar com a derrota.** A gente discute como fazer o garoto lidar melhor com a derrota? **O próprio professor já tem essa dificuldade**, tudo bem, isso aí podemos falar, porque ele tem que ter uma mentalidade que é um cunho de formação, tá, só que aí o coitado chega à escola, ele tem uma equipe e fez todo o trabalho, aí **chega a diretora e fala, porque vocês perderam? Você não está trabalhando direito. Tá aí dando treino e não tá ganhando por quê? A pressão já está em cima dele. Aí vai chegar um monte de pai que diz 'meu filho vem aqui, treina, treina e só faz ser humilhado lá? Alguma coisa tá errada!'**. Esse é um fator complicado. Esse para mim é o principal fator. [Fabiano P.8]

**Depende muito de quem está gerenciando o estabelecimento, às vezes a pessoa entende o papel do professor, aí não tem muita cobrança, mas dependendo da pessoa gerenciando só quer números, perguntam quantas a gente ganhou, mas não sabe que a gente ficou doze horas com as crianças na competição com as crianças, que a crianças passaram o dia inteiro com pão e água. Cobram mas não dão o suporte necessário para que você continue.** [Adalberto, p.2]

**O Clube dá mais condições e exige resultados. A escola te dá condições, mas se você ganhar, melhor, se não ganhar também é a mesma coisa.** [Breno, p.3]

Consideramos, em concordância com Simões (2009), que são as relações mantidas entre as famílias, a escola, os técnicos e os clubes esportivos que dão consistência às experiências de sucessos e insucessos infantis, portanto o meio social escolar esportivo adquire relevância pelas suas formas de organização e de argumentos em prol ou contra as competições infantis. Os técnicos participantes desta pesquisa relatam que nem sempre a família ou a direção escolar entende a proposta da atividade ou o processo de desenvolvimento do aluno, mas dentre os papéis do técnico, devido ao seu conhecimento e o direcionamento da atividade esportiva, está também sob sua responsabilidade a educação familiar em relação ao esporte e ao desenvolvimento do aluno.

As crianças, os jovens adolescentes e as lideranças adultas representam umas para as outras importantes influências quanto a maneira de encarar a vida social escolar esportiva, sendo o comportamento infantil

constituído dialeticamente por fatores socioambientais complexos. Neste cenário escolar, portanto, pode ocorrer uma *“pressão que é exercida nos estabelecimentos ou algo que é intrínseco do professor, uma necessidade ganhar a qualquer custo. Alguns colegas tem isso e dá para perceber.”* [Adalberto, p.12]. Essas ações poderiam estar reproduzindo aquilo que as lideranças adultas mais querem para os filhos ou alunos como atletas, sendo dever da escola e dos professores/técnicos a manutenção do foco educativo do esporte competitivo.

**Eu falo para os pais, eles ficam ‘meu filho parou, meu filho não está amadurecendo’, eu falo, calma, ele está amadurecendo, esse amadurecimento é o que fazer com que ele cresça. A gente tem essa visão, os pais não tem, né? Então nós temos que passar para as crianças e para os pais de que eles vão conseguir melhorar. Tem que ter a paciência e a maturação.** [Adalberto, p.8]

Apenas um dos técnicos se demonstra descrente em relação à forma como a competição esportiva escolar tem sido conduzida na escola e parte da literatura sobre o tema concorda com ele. Machado e Presoto (2009) consideram que a prática esportiva, como está sendo desenvolvida, tem o objetivo de inovar o social em que se insere, mas acaba por reproduzir aquilo que é validado e enaltecido pelo meio sociocultural. Ainda assim, o mesmo técnico que percebe falhas na execução do esporte competitivo escolar educacional nas escolas atuais, aponta as possibilidades educativas desta atividade.

**Você não tem só a competitividade no esporte, você tem a cooperação.** Como esse garoto vai aprender a agir em grupo? Como esse garoto vai aprender que aquela pessoa que está do lado dele é tão importante quanto ele, mas que com essa pessoa também vai haver uma competição, como ele vai lidar com isso? Ao mesmo tempo em que ele vai disputar uma vaga de emprego com aquele colega de classe, ao mesmo tempo esse colega de classe pode ajudar a fazer um crescimento. **São duas coisas desse trabalho que eu vejo que não são separáveis e isso às vezes isso confunde na formação do cidadão e o garoto não tem essa concepção. Como esses dois garotos, dentro dessa formação educacional, vão saber agir dentro de uma sociedade onde tem regras? Esporte tem regras.** [Fabiano P.3]

No desenvolvimento sociocultural os processos de socialização e internalização de padrões de interação surgem a partir de uma mútua constituição do sujeito em sua relação dialética com as práticas e valores socioculturais (PALMIERI; BRANCO, 2007). Desta forma é preciso apresentar e discutir criticamente os múltiplos elementos envolvidos nas atividades educacionais e orientar as ações e comportamentos das pessoas que dela participam aos princípios éticos de uma educação libertária. O objetivo do técnico não é vencer a qualquer custo, mas auxiliar o aluno ao seu pleno desenvolvimento e zelar pelas superações de suas dificuldades. O trabalho do professor com os alunos e com os pais é fundamental porque os adultos responsáveis pelas atividades “desempenham um papel importante na macro e microestrutura social do esporte, educando e orientando crianças/adolescentes a desenvolverem suas potencialidades.” (SIMÕES, 2009, p. 87).

“(...) há que se lutar para que um número maior de indivíduos se apropriem do saber científico, filosófico e artístico, de tal maneira que esse saber torne-se uma mediação na construção de uma prática social de luta contra o capitalismo, uma prática social de resistência às britais formas de alienação hoje existentes.” (DUARTE, 2006, P.282)

Nesta complexa prática esportiva que pode abarcar os objetivos e intencionalidades escolares visando o bom desenvolvimento dos alunos, um dos elementos que apareceu na maioria dos questionários e em todas as entrevistas como uma das maiores dificuldades dos alunos apontadas pelos técnicos na atividade esportiva competitiva escolar foi o fenômeno da derrota, sendo um tema constantemente trabalhado com o aluno e a família.

**A parte da derrota sim. Nós temos que estar trabalhando com eles o tempo inteiro.** Quando você ensina uma coisa, e eles se sentem preparados para estar disputando o esporte na competição e se depara com alguém que é melhor que eles, ficam frustrados. **Muitas vezes vemos em todas as escolas os que choram ou ficam nervosos, então a frustração tem que ser lidada o tempo inteiro. Mas é importante também a frustração para a criança, pois ela vai saber que não se ganha todas, não é possível ser o melhor a todo momento. Quando você está bem preparado não é**

**que você vai ganhar, mas que você tem condições de ganhar, mas que pode ter algum percalço no meio do caminho.** E isso é o que tentamos passar para as crianças que o importante não é vencer, o importante é ela estar disputando, ela estar competindo, acho que competir é muito melhor que vencer. **E ganhar ou perder faz parte e a gente mostra para elas, mostra até para as mães, às vezes.** [Adalberto, p.3]

A dificuldade de lidar com a derrota foi apontada como um dos maiores desafios ao se trabalhar o esporte competitivo escolar com os alunos. Machado e Presoto (2009) consideram que “as derrotas em competições, quando não muito frequentes, são percebidas como parte integrante do desafio total da disputa; podem até melhorar a situação de aprendizado e tornar os sucessos posteriores em feitos ainda mais satisfatórios” (p.33). Os técnicos entrevistados corroboram com a ideia que a derrota é a parte da competição que os alunos, os pais e até os próprios professores têm dificuldades em lidar.

**Eu fico feliz quando ganha, mas quando perde tem muitas lições.** Eu sempre trabalho com as crianças como foi a partida, o que te fez perder, e a gente monta o tabuleiro na hora e conversa. **A derrota mostra mais do que a vitória, porque ela é dolorida, ela faz a pessoa crescer mais do que a vitória.** [Adalberto, p.3]

Esse problema [a derrota], principalmente no começo, é muito difícil. A primeira vez que a criança vai jogar... Aconteceu comigo essa semana. Um colégio que eu treino. Foram jogar a primeira vez. **Os meninos não estranharam, as meninas estranharam, choraram e antes de começar o jogo estavam tremendo, embora eu tenha feito um trabalho psicológico com elas e tal. Agora se é outro jogo já não acontece isso. Já vai mudando, a pessoa vai vendo que a vitória e a derrota faz parte.** [Breno, p.8]

Concordamos com Simões (2009) quando relata sobre a influência da liderança adulta na execução da atividade e acreditamos que os técnicos são fundamentais nas superações dos obstáculos que surgirão na prática esportiva e na manutenção de sua proposta educacional. Segundo um dos técnicos, a forma de superar a ansiedade que ocasionalmente a atividade competitiva pode gerar nos alunos e evitar, desta forma, um dos elementos afastam os alunos das quadras, é permitir o acúmulo de novas experiências competitivas para familiarização e ressignificação dessas atividades. É a partir da experiência acumulada com o esporte, a competição e as próprias habilidades,

sob o olhar atento do técnico, que se acredita poder ajudar o aluno a superar os receios e bloqueios iniciais em relação à atividade competitiva.

**Você tem que dar experiência para ele. Você vai marcando jogo, um atrás do outro. Passou do quarto, quinto jogo, ele já não estranha mais.** Participar e competições. Perde no começo, pega experiência e ganha no futuro. [Breno, p.8]

A competição escolar tem o dever de prezar pela ética e respeito ao adversário, sendo devidamente orientada pelo técnico/professor. No entanto, segundo os técnicos, a atividade esportiva também pode ser acompanhada de uma necessidade de vitória que pode ocasionar ações ou jogadas ilegais no ato competitivo. Consideramos que nem o esporte nem a competição possuem, por si só, virtudes ou valores antissociais, mas que, dentre os vários fatores que constituem as significações dos alunos sobre a atividade esportiva, o direcionamento do professor pode ser o elemento mais influente desta atividade, exigindo dele o direcionamento ético e responsável desta.

Eu digo para as crianças que talvez eu ensine a anti-malandragem, para se precaver, porque você tem que desconfiar, infelizmente, tem que desconfiar. **Aconteceram dois casos esse ano, que a criança tinha ganhado o jogo, levantou a mão para chamar o árbitro, se distrai e nisso o adversário que é uma criança da mesma faixa etária, move a peça. Ela perdeu e ela move a peça. Ela tira uma peça do lugar, coloca o rei na frente e o jogo continua, mas não era como estava no jogo em si. E aconteceu com a mesma escola, duas crianças diferentes. Será que foram as crianças que pensaram nisso ou teve uma malícia, uma maneira não correta de se levar uma partida?** Isso aí eu não ensino, eu sempre falo para as crianças, existe derrota e vitória, a gente pode vencer ou perder se você estiver preparado e concentrado no dia do jogo, mas não vai vencer por maneiras que não seja do seu próprio meio, mas você tem que ensinar a criança a não tirar o olho do adversário, infelizmente, desconfiar um pouco, ficar de olho no tabuleiro, porque você não sabe quem pode ver e fazer uma chantagem com ele, um jogo sujo com a criança. (Adalberto, p.12)

A idade adequada para a prática esportiva e a competição escolar também é um tema em constante debate em que os técnicos também têm suas diferentes concepções. A idade de início do treinamento especializado varia de acordo com a cultura e a modalidade esportiva, sem haver um grande

consenso sobre o tema. Muitas pessoas acreditam que, quanto mais cedo a criança iniciar na modalidade esportiva, mais chances de sucesso ela terá. Apesar de a especialização precoce ser explorada amplamente no esporte contemporâneo, é desaconselhada, pois acarreta uma série de consequências negativas aos praticantes com prejuízos gerais ao desenvolvimento da criança e à formação escolar. (NUMOMURA, CARRARA, TAKSUMOTO,2010)

**Para o nível de competição que a gente faz, que é a competição escolar, qualquer idade dá, mas se ele quiser seguir competições mais difíceis, que testam mais, tem que ser desde pequeno. Por isso que eu já tenho uma basesinha e montei um horário de EMEI, cinco anos, e se você pegar a história dos grandes jogadores de xadrez eles começam nessa idade, quatro, cinco, seis anos, que eles começaram a mexer as peças com os pais, com os familiares, foram desenvolvendo, tendo criatividade e se destacaram.** Então depende do tipo de competição. Na competição escolar você consegue preparar a criança na idade escolar. Ele pode ter doze, treze anos, você consegue, às vezes com um pouquinho mais de trabalho, porque a pessoa começou tarde, mas se for uma competição mais dura, tem que ser mais cedo. [Adalberto, p.67]

[Tem uma idade para a criança começar a competir?] Tem. Em minha opinião, dez anos. Porque é o ideal, né? **Você não pode especializar uma criança com menos de dez anos.** [Breno, p.7]

Böhme (2000) relata que a ciência do esporte tem procurado determinar a faixa etária mais adequada para se iniciar um processo de treinamento esportivo para a elaboração de programas adequados para crianças e adolescentes que praticam o esporte de rendimento. As idades em que os jovens atletas começam o treinamento específico e as competições de forma regular variam de acordo com as tradições existentes em cada país, assim como a modalidade esportiva considerada. Alguns pesquisadores consideram a faixa etária de 12-14 anos como a mais indicada para que a criança comece a participar do treinamento de uma modalidade específica, assim como de eventos competitivos por não possuir, antes disso, maturidade suficiente para compreender e assimilar tudo o que está envolvido em um processo competitivo. Outros autores não estabeleceram idades específicas, mas advertem que as competições e o treinamento dos jovens não devem ser dimensionados com base apenas na idade cronológica da criança, mas nas

características físicas, emocionais e maturacionais, para que a prática esportiva se torne um aspecto favorável no seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da criança, com suas capacidades, limitações e potencialidades é um fator fundamental a ser observado pelo técnico para o bom aproveitamento dos treinamentos e ensinamentos, tornando essencial o conhecimento destes sobre o processo de desenvolvimento das crianças e jovens, principalmente considerando o âmbito escolar e sua orientação pedagógica visando o pleno desenvolvimento do aluno.

### 5.3 Núcleo 3 – O Técnico em atividade: da formação a ação.

Este núcleo busca contemplar características sobre a formação dos técnicos do Centro Educacional Unificado pesquisado na Cidade de São Paulo, sendo construído a partir dos indicadores “Problemas da formação”, “Necessidades e possibilidades da formação continuada” e “Histórico das atividades esportivas dos técnicos”. Desta forma almeja-se analisar as significações dos técnicos sobre as formações, buscando também considerar os elementos histórico-culturais destas, refletindo sobre as possibilidades de superação das dificuldades deste campo.

Todos os técnicos pareceram escolher a graduação em Educação Física devido a uma afinidade com atividades esportivas, corporais ou atléticas. A razão pela escolha do curso de Educação Física aparece como um fluxo natural em diversos momentos das falas dos técnicos devido à familiaridade destes com o mundo esportivo, sendo a escolha por este curso uma característica que parece ser o cenário comum nas graduações de Educação Física.

**Como a maioria das pessoas, eu fui atleta antes. Jogava futebol na várzea, mas jogava com bastante time, mas não segui a carreira esportiva. Para ficar na parte esportiva, continuei na Educação Física.** Acho que é o que acontecia com a maioria dos meus colegas na faculdade. Você tinha uma ideia da Educação Física, e quando você começa a estudar, começa a se aprofundar, você vê que é diferente, você começa a se tornar professor, porque tem a parte didática, de treinamento, então você começa a entender a formação de Educação Física. **Quando você é jovem você acha que vai lá para jogar bola, ser atleta, depois você começa a ter esse papel diferenciado para ajudar outras pessoas.** [Adalberto, p.1]

**Eu comecei a trabalhar no meu primeiro ano de faculdade. Aí como na faculdade eu sempre jogava vôlei lá, comecei a dar aula, comecei a montar umas equipes de vôlei, fui crescendo, crescendo, ganhando e ganhando campeonatos, consegui arrumar ótimos empregos,** estou numa situação muito boa, graças a Deus, devido ao que eu plantei. [Breno, p.1]

**Eu sempre fui esportista desde garoto,** sempre pratiquei esportes, fui até atleta amador de basquete [...] **Foi um interesse meio que por osmose a Educação Física, por ser um apaixonado pelo esporte, e eu nunca trabalhei com nada que não fosse esporte, porque eu jogava e quando entrei na educação física comecei a trabalhar, então foi essa a história, paixão.** [Fabiano P. 1]

Os técnicos percebem e citam possibilidades educativas no esporte escolar e não encontram problemas em citar propostas pedagógicas para as atividades competitivas, como relatadas nos núcleos anteriores. Chama a atenção nenhum deles ter pensado em ser educador logo no início da escolha profissional, sendo a prioridade de suas carreiras o contato com a atividade esportiva/corporal. O trabalho como técnico é resultado de uma vitória profissional competitiva. O cargo de Técnico de Educação Física de um Centro Educacional Unificado é ocupado por meio da aprovação num concurso público. Desta forma todos os técnicos passaram por uma competição e seu lugar ao pódio foi a ocupação do cargo profissional desejado, no caso, no CEU. É válido considerarmos a correlação entre as significações de sucesso profissional por meio da competição (concurso público) e a associação a uma das possibilidades positivas do esporte (prepara para a vida, que é competitiva). Ainda que a escolha pelo curso de graduação em Educação Física pareça clara, não faltam críticas à formação inicial. Dos currículos diferentes nas mais variadas universidades, ao apontamento da má qualidade do ensino básico, diversos elementos parecem apresentar consequências que se estendem à prática profissional dos técnicos e a atividade esportiva escolar.

Você vai ao médico e se ele não tem uma condição boa de exame ele vai olhar para você e dizer “toma esse remédio e vai para casa”, você está com uma doença e ele te dá remédio para outra. O professor de educação física a mesma coisa, **se esse professor não tiver esse conhecimento, não tiver essa formação, essa base boa, como ele vai ensinar o garoto? Como ele vai trabalhar com o garoto se ele não tem conhecimento, por exemplo, de educação infantil, se ele não tem o conhecimento de maturação. Logicamente ele vai pegar as crianças e não vai saber o que fazer [...]** Primeiramente **as formações nas universidades estão péssimas.** Hoje a formação do profissional nas universidades está beirando a falência. Os professores estão saindo da universidade sem condições de trabalhar, e quando saem, saem com pouquíssimos conhecimentos sobre as áreas, porque teve que estudar diferentes setores muito por cima, muito rasos, chega ao mercado de trabalho sem ter condições de trabalho, então a primeira coisa é estar na universidade. **Mas é só a universidade que está com problemas? Não. A educação básica desses profissionais também está ruim, pois eles não têm uma cultura de formação de estudo nas escolas para chegar à universidade e ter condições de se formar.** Para não ficar muito longe, dentro da universidade já é um grande problema. Quem está saindo e a formação que está acontecendo hoje não está boa,

principalmente na formação escolar. **Hoje está se formando muitos técnicos ou professores para academia e poucos professores para a escola.** [Fabiano P.5-6]

Historicamente, segundo Betti e Betti (1996) a formação profissional em Educação Física tem sido caracterizada por um modelo técnico-científico que surgiu no Brasil em meados da década de 80 e consolidou-se no início da década de 90, com a concepção da Educação Física como área do conhecimento que seria responsável pela produção de conhecimentos científicos sobre o "homem em movimento". Por conta desta concepção e por causa da ampliação e diversificação do mercado de trabalho, os currículos de Licenciatura em Educação Física, baseados neste modelo, sofreram um "inchaço", provocado pela incorporação de conteúdos ligados a novas áreas de atuação (musculação, ginástica aeróbica, educação física adaptada, etc.). É criticado pelos autores, e por um dos técnicos entrevistados, que este currículo não leva em conta as realidades comportamentais, culturais e políticas das práticas de trabalho.

**Aí você tem o problema curricular, então naquela universidade eu trabalho essas disciplinas e nessa universidade eu trabalho essas, então nessa eu vou ter a formação de um profissional e naquela vai ter outra.** Ah, mas tudo é esporte. Não é. Aqui eu trabalhei seis meses de anatomia, lá é um ano, aqui a gente trabalha estrutura curricular de Educação Física escolar, aqui a gente faz uma semana de esporte escolar. **Primeiramente tem que haver uma padronização curricular na Educação Física no Brasil.** [Fabiano P.7]

A teoria não tem a intenção nem a capacidade de responder todas as demandas das práticas pedagógico-esportivas, mas pode fornecer subsídios aos profissionais a pensarem e interpretarem a realidade a partir de um lugar de conhecimento revisitado e ampliado a partir das questões que surgem na prática. **“Aí com a formação mais completa do profissional você já começa a discutir o trabalho dentro das instituições escolares.”** [Fabiano P.7].

Nos Parâmetros curriculares Nacionais de Educação Física (BRASIL, MEC, 1998) é enfatizada a responsabilidade dos profissionais formados em

Educação Física em lidar com as questões culturais e ambientais que circundam os alunos e os esportes. Almeja-se, desta forma, tornar possível a análise crítica dos valores sociais. A proposta governamental para garantir e capacitar o profissional escolar a lidar com as atualidades a partir de uma reflexão crítica parecem ser as formações continuadas. Bernadete Gatti (2008) analisa a expansão das iniciativas de educação continuada nos últimos 10 anos e problematiza alguns de seus aspectos. Segundo a autora a educação continuada tem como base histórica condições emergentes da sociedade contemporânea e seus novos desafios no sistema de ensino.

No Brasil [...] concretamente ampliou-se o entendimento sobre a educação continuada, com esta abrangendo muitas iniciativas que, na verdade, são de suprimento a uma formação precária pré-serviço e nem sempre são propriamente de aprofundamento ou ampliação de conhecimentos. Isso responde a uma situação particular nossa, pela precariedade em que se encontram os cursos de formação de professores em nível de graduação. Assim, problemas concretos das redes inspiraram iniciativas chamadas de educação continuada, especialmente na área pública, pela constatação, por vários meios (pesquisas, concursos públicos, avaliações), de que os cursos de formação básica dos professores não vinham (e não vêm) propiciando adequada base para sua atuação profissional. Muitas das iniciativas públicas de formação continuada no setor educacional adquiriram, então, a feição de programas compensatórios e não propriamente de atualização e aprofundamento em avanços do conhecimento, sendo realizados com a finalidade de suprir aspectos da má-formação anterior, alterando o propósito inicial dessa educação posto nas discussões internacionais, que seria o aprimoramento de profissionais nos avanços, renovações e inovações de suas áreas, dando sustentação à sua criatividade pessoal e à de grupos profissionais, em função dos rearranjos nas produções científicas, técnicas e culturais. (GATTI, 2008, p. 58)

O professor, mesmo advindo de uma graduação que tenha deixado a desejar em sua qualidade, tem o direito e o dever de continuamente visitar o campo teórico para transformar a sua prática e a própria teoria, permitindo que a formação continuada possa ser um dos campos de realização da práxis, da prática social transformadora (VASQUEZ, 2011). Ao abordar o papel da prática como apresentada por Marx, Vasquez aponta sua nova dimensão, que proporciona, além do objeto de conhecimento, o critério de sua verdade. Ao considerarmos, a partir de nosso referencial teórico, a realidade como dialética e a historicidade como uma das principais categorias de análise, é difícil

considerar que as formações continuadas forneçam a totalidade do conhecimento necessário para uma prática social transformadora.

A práxis se apresenta sob diversas formas específicas, mas todas elas concordam em se tratar da transformação de uma determinada matéria-prima e criação de um mundo de objetos humanos ou humanizados. Todas são formas específicas de uma práxis total cujo resultado ou produto é, em última instância, o próprio homem social. (VASQUEZ, 2011, p.398)

Que nem quando a gente aprende na faculdade, quando **você ensina as crianças tem um salto, aprende rápido, aí tem uma fase que elas ficam niveladas, esse é o momento da aprendizagem, porque não consegue desenvolver.** É muito interessante, não consegue desenvolver. Tá jogando, mas faz erros bestas, coisas que deveriam fazer, não fizeram. Tá, estabilizou. Aí você dá alguma coisa diferente, aí sobe, aí estabiliza. Aí você vê. **Nessas horas eles estão martelando a cabeça, por que eu estou errando? Por que eu estou perdendo? O que eu fiz de errado? Eu acho que esse é o momento da aprendizagem,** quando ele está estabilizado, mas estão lutando para que se suba de nível. **É super legal isso aí porque a gente aprende isso na faculdade e eu consigo ver isso com as crianças também.** [Adalberto, p.8]

É preciso que a produção de conhecimentos esteja sempre associada às demandas e dificuldades com as quais os profissionais e os alunos irão se confrontar, capacitando-os a interferir no ambiente pela compreensão dos conhecimentos produzidos e aprendidos. Os técnicos relatam o desejo/falta de uma formação que os auxilie nos processos do conhecimento e da práxis, relatando que as formações continuadas enfrentam o problema da baixa qualidade das formações iniciais, que encontra sua base na frágil educação básica pública e seus inúmeros desafios. O conhecimento deve ser compreendido a partir da realidade sócio histórica e, mesmo que as formações continuadas surjam para suprir a má formação inicial, é uma importante ferramenta potencial para a transformação dos sujeitos e da realidade.

**Eu acredito, na minha concepção, o primeiro passo é acolher esse profissional que está na prática e dar oportunidade dele se desenvolver, aí você tem várias ferramentas do processo, cursos, capacitações, congressos, materiais, cultura, para que ele chegue ao fim e ele tenha a oportunidade de dar suporte para aquela criança no momento que ela precisa,** e um profissional bem trabalhado, um profissional bem resolvido, um profissional bem capacitado vai saber lidar com uma criança na derrota e na vitória

como vai saber lidar com o pai e como vai saber lidar com os seus superiores. Fácil não vai ser, lógico, só que eu acho que hoje esses profissionais sentem essa carência, essa carência é muito grande, então para mim esse é o processo, dar ferramentas para que esse profissional se desenvolvam dentro da área profissional. [Fabiano P.10].

**Eles [os alunos] cobram muito da gente, porque eles leem muito. Não é que nem antigamente que o professor falava era a palavra final, um deus que sabia tudo. Hoje eles questionam a gente, eles provocam, trocam ideias. A formação continuada vai te dando subsídios para que você não fique na mesmice, use as mesmas tecnologias, acho que a importância tá aí, para que você não fique estabilizado no tempo. [...] A maneira como você vai conseguir levar o conteúdo para as crianças e se surgir um empecilho, como você vai superar aquele obstáculo, então conta muito pela didática. A didática é o que faz a diferença e isso deveria ser trabalhado nas formações continuadas também, para que a pessoa veja outras maneiras de trabalhar.** [Adalberto, p.11]

Gatti (2008) considera que na última década dois movimentos foram fundamentais para a pauta mundial sobre a preocupação com a formação de professores: de um lado o mundo do trabalho apresentando novas pressões com o modelo informatizado e, por outro, os precários desempenhos escolares de grande parcela da população, gerando novas políticas públicas e movimentos políticos em relação às formações docentes. O Parâmetro Curricular Nacional de Educação Física (1998) enfatiza que, na reflexão crítica da realidade, é fundamental que o docente atente para os elementos culturais que também são constituintes das significações dos alunos e da população sobre a realidade.

Em primeiro lugar, os alunos possuem muitas informações sobre a cultura corporal de movimento em geral e sobre esportes em particular, exigindo do professor uma atualização constante. A mídia exerce uma função genérica de conhecimento sobre essa cultura, o que pode enriquecer a sua apreciação e interpretação pelos alunos. A imagem possui uma importância cognitiva na atualidade e vai ao encontro da cultura audiovisual cultivada pelos alunos. O professor precisa estar permanentemente atento à mídia, a fim de não perder um importante canal de diálogo e compartilhamento de interesses. Em segundo lugar, há um evidente descompasso entre o nível técnico difundido pelo esporte-espetáculo da TV e as reais possibilidades de alunos, professores e escola atingirem-no. (BRASIL, MEC, p.33)

As dificuldades de participar de programas de capacitação/formação continuada, importante ferramenta potencial para uma possível atividade crítica docente, atravessam tanto a atitude do professor de buscar novos elementos para a transformação de sua prática, quanto às questões institucionais que facilitam ou dificultam a participação em tais formações.

A formação também dá importância ao esporte como forma de educar, como forma de trazer a formação do garoto como cidadão dentro de uma sociedade, e existem cursos, mas não tem muito acesso. O professor não tem essa condição? Financeira? Mas **muitas vezes o curso é num sábado, o professor trabalha no sábado e muitas vezes eles não liberam o professor para fazer o curso. Como que querem uma capacitação do profissional, uma formação mais concreta do profissional se não dão nem a oportunidade dele se deslocar até o curso?** [Fabiano P.9]

A possibilidade de participar de formações exige um movimento tanto do profissional que deve desejar revisitar sua prática e ampliar as suas possibilidades de atuação, quanto das instituições que empregam estes profissionais. Muitas vezes, segundo os técnicos entrevistados, não existem as condições necessárias para a participação dos profissionais neste processo de formação, ou as próprias instituições não compreendem a importância da formação continuada para o profissional, dificultando sua participação em formações e capacitações, gerando uma sensação de desamparo destes profissionais.

**Da onde que vem o conhecimento para que o profissional se desenvolva? Das universidades, onde estão sendo feitas as pesquisas. Fora isso dar oportunidade e tempo desse professor se desenvolver, senão não adianta.** Eu trabalho 8h por dia, entro tal hora e saio tal hora, tem o curso, mas pode ir? Ah, não pode. Como que ele vai fazer um curso. **Até mesmo um livro. O professor não tem oportunidade nem de um maior desconto na compra de um livro.** Como você vai desenvolver um profissional se você não der condições desse profissional se desenvolver? **Não acho que é falta de vontade do professor, o que eu acho é que existe uma decepção do profissional dentro daquela estrutura em que ele se encontra,** isso tanto na parte pública quanto na particular, então nós temos um círculo vicioso, aí entra naquilo que eu falei inicialmente. Isso é uma cultura. E como mudar uma cultura? [Fabiano P.10]

Consideramos que as precárias condições da atividade docente relatadas pelo técnico devam ser consideradas no planejamento de políticas públicas para a melhoria das condições de trabalho destes profissionais. Acreditamos também na execução da práxis como uma das formas de lidar com as problemáticas da atividade docente. Vasquez (2011) apresenta a práxis em seu caráter criador e de alteração de uma determinada ordem, enfatizando a realidade do homem a partir da cultura e da percepção deste humano como um ser "teórico-prático que se afirma como tal *em e pela* práxis" (VASQUEZ, 2011, p.400).

(...) entendemos a práxis como atividade material humana transformadora do mundo e do próprio homem. Essa atividade real, objetiva, é ao mesmo tempo, ideal, subjetiva e consciente. Por isso insistimos na unidade entre teoria e prática, unidade que também implica certa distinção e relativa autonomia. A práxis não tem para nós um âmbito tão amplo que possa, inclusive, englobar a atividade teórica em si, nem tão limitado que se reduza a uma atividade apenas material. (VASQUEZ, 2011, p. 398)

A partir dos indicadores da pesquisa, consideramos que a Educação Física tem, por meio da práxis, a possibilidade de superação de problemáticas e assim assumir a responsabilidade de formar cidadãos capazes de se posicionar criticamente diante das novas formas da cultura corporal. Um dos técnicos, após levantar as dificuldades de lidar com o esporte sem o cunho educativo, levanta possíveis soluções para o problema:

Como lidar com isso? Capacitação? Tem pouca capacitação? Eu acredito que tenha. Eu acho que infelizmente, dentro do universo público, estadual, **existe pouca capacitação para os professores, capacitação realmente de formação. Acho que esse é um caminho, dar mais condições aos professores de uma formação mais concreta, uma extensão, ou até mesmo pós-graduações nesta área, o que eu acredito que seria um primeiro passo, uma ferramenta, mas não tem.** [Fabiano P.8-9]

Enquanto a formação surge como a grande possibilidade de se repensar os problemas e soluções que afligem os profissionais, os alunos e a instituição escolar, consideramos o posicionamento ético e exemplar do professor

essencial para a formação de bons alunos e atletas, que se espelham muitas vezes em seus técnicos e ídolos em seu desenvolvimento esportivo e pessoal. Desta forma, consideramos fundamental a existência de cursos de formação continuada e capacitação para os professores de educação física/técnicos; o apoio institucional escolar para a formação de seus profissionais e o empenho e desejo destes profissionais em participar de tais atividades. Acreditamos que desta forma estaremos realizando a prática social transformadora ao observar e considerar a teoria na realidade e a partir desta repensar e reformular o campo teórico, num movimento dialético e essencial para o avanço da ciência e transformação da realidade esportiva educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos núcleos, chegamos às considerações finais, quando realizamos as articulações e teorizações a partir do material organizado em todos os núcleos de significação. Neste movimento analítico interpretativo, buscamos iluminar aqueles elementos entendidos como mais relevantes frente ao objetivo da pesquisa.

O objetivo desta pesquisa foi apreender as significações dos Técnicos de Educação Física de um Centro Educacional Unificado da cidade de São Paulo sobre a competição esportiva escolar. A partir de nosso referencial teórico, a Psicologia Sócio-Histórica, ancorados no paradigma do materialismo histórico e dialético, consideramos que as formas de apropriação da realidade, no caso, a competição esportiva escolar, se dá nas relações entre os sujeitos e o mundo social em seus processos e movimentos históricos. Estudar tal questão só se torna possível a partir das características e processos dos diversos elementos que compõe a totalidade do tema estudado.

O método materialista histórico dialético considera essencial a análise do movimento do pensamento dos homens e as formas de organizações processuais, culturais e históricas dos fenômenos. Desta maneira torna-se fundamental compreender qual o objetivo atual da atividade esportiva educativa, seu processo histórico e a direção de sua prática pedagógica. Será que esta atividade é compreendida com suas contradições por aqueles que a executam nas escolas? Consideramos que, assim como a educação pode estar voltada a dar uma resposta direta às demandas da sociedade contemporânea e do mercado de trabalho, pode também permitir a superação de problemas e incentivar a percepção e a posição crítica frente às ideologias e contradições encontradas no social.

O esporte escolar não pode ser compreendido sem a análise de seus constituintes históricos. Do surgimento das propostas educacionais do esporte na Inglaterra à reedição dos jogos olímpicos e às diversas cartas e manifestos sobre o esporte, a escola moderna carrega em sua totalidade e historicidade esses elementos. No Brasil o discurso do esporte surge como fundamental

para o desenvolvimento dos indivíduos a partir dos anos 70, durante a ditadura militar, quando o esporte surge por meio de movimentos políticos que inseriram o esporte como uma grande prioridade na vida da população. Esta ideia do esporte e da atividade física buscava prioritariamente o alto rendimento e a formação de uma juventude atlética, movimento cercado de interesses políticos e exploração midiática. Nos anos 80 e 90 o esporte continua sendo propagado como direito e necessidade, ampliando o seu espaço na escola para crianças menores, numa busca não mais de zelar pela excelência atlética, mas pelo desenvolvimento saudável e crítico dos alunos.

O Centro Educacional Unificado (CEU) é uma escola diferenciada em sua proposta pedagógica, estrutura e localização. Primeiramente suas instalações são geralmente muito bem equipadas, com quadras, piscinas e auditórios. Com o intuito de atuar em regiões de maior vulnerabilidade social, carente de serviços públicos e culturais, os CEUs se encontram em regiões mais periféricas e pobres da cidade de São Paulo, fazendo uma enorme diferença nas comunidades em que se instalam. A proposta pedagógica do Centro Educacional Unificado inclui artes, esportes e um trabalho constante com toda a comunidade, numa tentativa de contemplar todos os indivíduos.

A proposta pedagógica do CEU contempla competições e campeonatos organizados pela Prefeitura, sendo um bom cenário para a realização desta pesquisa e, assim, para a compreensão de como os técnicos significam a atividade esportiva competitiva, suas implicações no desenvolvimento das crianças e dos jovens e quais dificuldades ou limitações que ocorrem em sua implementação e execução na instituição escolar.

As dificuldades de se implementar e executar o esporte competitivo escolar não são poucas. Algumas condições, como a disponibilidade e qualidade dos materiais necessários à atividade, assim como a estrutura física dos colégios podem ser um empecilho para muitos profissionais que trabalham com o esporte em suas aulas. O Centro Educacional Unificado possui o grande diferencial de contemplar os requisitos necessários para a execução deste tipo

de atividade e ter propostas pedagógicas e socialmente transformadoras vinculadas à atividade esportiva escolar.

A escola é o lugar, por excelência, em que as funções psicológicas são mais bem desenvolvidas ou potencializadas por meio de processos de ensino que englobam os conhecimentos elaborados historicamente. O movimento de apropriação de conceitos pelos alunos é um processo ativo. Esse fato torna necessário compreender a responsabilidade do técnico e dos demais profissionais responsáveis por atividades escolares a não só transmitir os conhecimentos necessários para o desenvolvimento cognitivo, crítico e emocional do aluno, mas agirem de acordo com seus direcionamentos éticos.

Foram percebidas nas falas dos técnicos significações possivelmente naturalizadas: do homem como um ser inexoravelmente competidor, do esporte como bom, da vida como competição e do empenho como forma de transformação da realidade. Consideramos que existe apenas a condição humana e que, tanto a escola contemporânea e seus novos desafios, quanto o esporte escolar, são incompreensíveis se não forem considerados a partir da totalidade educacional e da realidade em seus movimentos histórico-sociais.

Os técnicos, ao relatarem as possibilidades educativas do esporte escolar para o aluno, defendem sua prática citando os inúmeros benefícios da atividade esportiva para o desenvolvimento do aluno. A atividade esportiva é considerada potencialmente saudável e imbuída de possíveis dinâmicas e relações que podem auxiliar (ou prejudicar) no desenvolvimento do aluno e do social.

A competição surge, em boa parte das falas, como a motivação e o objetivo do treinamento esportivo sistemático. A competição, segundo eles, exige do aluno disciplina, força de vontade, treinamento e domínio das técnicas e dinâmicas do jogo, se tornando um dos maiores motivos do treinamento esportivo. A competição parece ser um dos norteadores do treinamento esportivo – sem que isso pareça esgotar sua possibilidade educativa, zelosa e transformadora do aluno e do social.

O sujeito se desenvolve dialeticamente com o meio e são as direções da atividade e as ações dos adultos que compõe boa parte de suas significações sobre a realidade. Ressaltamos a importância das ações dos professores/técnicos na atividade, pois suas ações serão observadas, significadas, transformadas e, de alguma forma, convertidas pelos alunos. Esta relação pode ser uma enorme ferramenta de transformação e desenvolvimento crítico ou reprodução acrítica e alienante, ainda que tenhamos a clareza de que o indivíduo, ativo, sempre converte e transforma o social em psicológico sem ser um agente passivo na internalização dessas significações. Ainda assim, a partir da perspectiva sócio-histórica, as relações humanas são fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos, sendo na e pelas atividades que os indivíduos significam, transformam e agem na realidade concreta. Desta forma, consideramos de extrema importância as ações desses adultos na direção dessas atividades, visto que são mediadores constituintes das significações feitas pelos alunos sobre a realidade.

O papel dos adultos envolvidos com o esporte, sejam eles pais, educadores ou árbitros, e a orientação do ambiente esportivo – a mediação de seus significados – estão diretamente ligados à visão adulta dos propósitos do esporte e da educação. A orientação a um ambiente excessivamente competitivo, por um lado, está ligada a visão de que o esporte tem como única finalidade a elevação do status social dos vitoriosos e a busca por recompensas extrínsecas, reconhecimento social e prêmios. Por outro lado, a prática esportiva orientada à aprendizagem relaciona-se com a motivação intrínseca de seus praticantes, considerando a educação como um processo incessante em busca tanto do crescimento individual quanto do comprometimento social de todos os envolvidos (KORSAKAS, 2009, p. 70)

A partir da pluralidade de respostas sobre a atividade esportiva escolar pelos técnicos e as inúmeras possibilidades de modo de condução da atividade esportiva por eles, consideramos que é, também, a partir das ações e mediações dos técnicos na atividade esportiva, que as crianças e jovens (re)significarão suas relações com a escola, a educação, as disciplinas, o esporte, o trabalho e a sociedade, dentre as outras infinitas significações possíveis decorrentes dessas relações. A mediação de um técnico, por exemplo, que percebe as possibilidades e dificuldades de cada aluno e os

ajuda a superarem suas limitações no esporte mediará para os alunos a atividade esportiva diferentemente de um técnico que permite situações vexatórias, almejando apenas o alto rendimento e excluindo da atividade qualquer um que não apresente o talento esportivo necessário segundo seus próprios critérios. Mesmo considerando a imensa importância dos técnicos nas significações infantis, compreendemos que ocorrem situações objetivas como a distância e inacessibilidade dos alunos do CEU ao Centro Olímpico ou a falta de material que levam os próprios profissionais a se sentirem desamparados ou incapazes em diversas situações. Todos os problemas devem ser considerados em sua complexidade, mas continuamos a afirmar que é responsabilidade de todos os adultos zelar e buscar as mudanças desejadas na educação.

A sincronia dos relacionamentos incorpora normas de condutas, regras e regulamentos referendados pelo esporte espetáculo/competitivo, tudo fazendo parte do mesmo projeto coletivo educacional esportivo. É possível que as relações de apego entre alunos/professores e pais representem uma verdadeira chave para o entendimento aprofundado dos fenômenos sociais e psicológicos que acontecem/gravitam sobre o campo dos esportes infantis. (SIMÕES, 2009, p.88)

O olhar atento para a formação ética dos alunos como cidadãos críticos e ativos na sociedade é um dos princípios norteadores da atividade escolar. A responsabilidade do direcionamento ético da atividade recai sobre as lideranças adultas, e, no caso da nossa pesquisa, especialmente o técnico. Faz-se necessário o alinhamento e compreensão escolar sobre as possibilidades pedagógicas do esporte e um planejamento educativo da atividade alinhado entre os profissionais responsáveis pela execução das atividades esportivas e a direção escolar. Acreditamos que desta forma será possível um aproveitamento da atividade esportiva para as gerações escolares.

As pesquisas sobre as características, riscos e possibilidades da competição esportiva escolar ganham importância devido à necessidade da formação de conhecimentos que auxiliem e permitam uma prática social transformadora, subsidiando e auxiliando os profissionais em suas atividades,

permitindo e incentivando uma visão crítica e contestadora do esporte competitivo escolar contextualizada em sua totalidade.

Consideramos que toda atividade escolar deve se basear em propostas que visem o melhor desenvolvimento em todos os campos da criança e do adolescente, contemplando seu desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. No esporte escolar, ouvimos dos técnicos, aqueles que conduzem as atividades e dão o suporte necessário para o desenvolvimento dos alunos, significações acerca de direcionamentos da atividade a partir de princípios pedagógicos que visam o melhor desenvolvimento do aluno. Ainda que os potenciais fossem claros os técnicos pareciam perceber os possíveis riscos do esporte, principalmente quando mal conduzidos, como o rigor excessivo, a exclusão dos alunos não talentosos, a não abordagem do ensino de bons valores atrelados ao esporte e as possíveis dificuldades que ocasionalmente podem ocorrer na relação com a direção escolar ou com os familiares dos alunos.

Apoiados nas significações dos técnicos, foi percebido que as atividades competitivas são apresentadas como um efetivo chamariz para o esporte escolar, e este, por sua vez, foi apontado pelos sujeitos da pesquisa como uma possibilidade de estreitar positivamente a relação do aluno com a escola. Vimos ser corroborada nossa hipótese inicial acerca da importância da competição no panorama da educação escolar.

Por sua vez, os indícios também obtidos neste estudo apontaram na direção do prazer que pode ser despertado na e pela a atividade esportiva, os laços e vínculos positivos e possíveis com a equipe desportiva e a percepção da melhoria das próprias habilidades atléticas dos alunos como potenciais para tornar a escola mais atrativa e interessante para estes, desde que estas atividades sejam dirigidas por um técnico responsável que garanta o caráter educativo desta atividade e atente a exclusão e desmotivação que as competições e o foco no alto rendimento podem ocasionar.

Ao considerarmos o esporte escolar a partir das significações dos técnicos, percebemos que estes se sentem limitados quanto às possibilidades

de formação atlética dos alunos que potencialmente poderiam se tornar atletas profissionais. As causas mais comuns são a distância e o rigor do centro olímpico e a dificuldade de entrada em clubes esportivos que geralmente apenas aceitam sócios em seu elenco. Vale ressaltar que os clubes de esporte, enquanto possibilidades de profissionalização do jovem na carreira esportiva não têm, necessariamente, a intencionalidade educacional do esporte escolar, prezando pelo alto rendimento e captação dos melhores jogadores para a composição dos times sem que isso seja atravessado por qualquer proposta pedagógica. É preciso que um técnico esteja preparado para a direção da atividade competitiva escolar e que zele pelo desenvolvimento da criança/adolescente com suas possibilidades e dificuldades e forneça meios para que ele possa superá-los, sendo o dever de todos envolvidos nas atividades escolares garantirem este cuidado.

Claro está que o meio social em que vive colabora para que a criança aprenda e desenvolva seus padrões de comportamento, no entanto, este mesmo meio social não estimula apenas a competir como colaborar, a assumir como repudiar, e a liderança de adultos competentes tem muita influência no desenvolvimento de nossos jovens esportistas. A busca pelo prazer de praticar esportes, ou viver em constante movimento, a melhora das relações humanas e o convívio com os amigos, a possibilidade de se emocionar e aprender as habilidades motoras precisam ser trabalhadas pelos líderes, profissionais habilidosos no trato com jovens em fase de estabelecer o auto-conceito, sem cobranças demasiadas que possam vir a deteriorar a auto-confiança e comprometer a motivação (MACHADO; PRESOTO, 2009, p. 42)

A realidade escolar brasileira enfrenta inúmeros desafios, entre eles a cobrança de se executar uma ação pedagógica envolvendo o esporte, o desenvolvimento dos alunos, a competição e o direcionamento ético e crítico-reflexivo das atividades escolares/esportivas/competitivas, preocupações estas que os técnicos parecem tentar contemplar em suas atividades. A instituição escolar, cobrada pela sociedade e pelas autoridades por processos e resultados que sejam bem sucedidos em seus planos pedagógicos, exige, por sua vez dos seus profissionais, ações efetivas que contemplem todas as demandas que recaem sobre a escola. Mas como podemos auxiliar este profissional atuante a responder criativamente, criticamente e com qualidade

todas as exigências e obrigações de sua atividade ao invés de simplesmente reproduzir aquilo que é enaltecido pelo meio cultural?

As formações continuadas são uma possível resposta e ganharam nos últimos dez anos consideráveis espaços na agenda pública e nas discussões e pautas sobre a qualidade da educação mundial. A proposta das formações continuadas é “o aprimoramento de profissionais nos avanços, renovações e inovações de suas áreas, dando sustentação à sua criatividade pessoal e à de grupos profissionais, em função dos rearranjos nas produções científicas, técnicas e culturais” (GATTI, 2008, p. 58). O que percebemos são tentativas coletivas de suprir, por meio destas formações, as graves lacunas deixadas pelos cursos de graduação e pela educação básica. Ainda assim, acreditamos que as formações sejam uma das formas de tentativa de superação das dificuldades apresentadas pelos professores e que as formações possam ser um espaço privilegiado para a possibilidade de uma ação socialmente transformadora e de construção da unidade entre teoria e prática.

Na tarefa da transformação social, os homens não podem se dividir em ativos e passivos; por isso não se pode aceitar o dualismo de “educadores e educandos”. A negação desse dualismo – assim como da concepção de um sujeito transformador que permanece ele próprio subtraído à mudança – implica a ideia de uma práxis incessante, contínua, na qual se transforma tanto o objeto como o sujeito. Ao transformar a natureza – dirá Marx em outro lugar – o homem transforma sua própria natureza, em um processo de autotransformação que jamais pode ter fim. Por isso, jamais poderá haver educadores que não requeiram, por sua vez, ser educados. (VASQUEZ, 2011, p.151).

Concordamos com Lovisolo (2001) que não podem ficar fora da escola as artes, os esportes e as ciências, assim como fundamentos como cuidar da natureza, da cidade, do lar, das crianças e dos idosos. Consideramos, no caso do esporte competitivo escolar, necessária uma regência constante pela ética e boa conduta, desenvolvendo a reflexão crítica e transformando as formações, praticas e treinamentos escolares em direção à apropriação de processos que reforcem o movimento de autonomia e cooperação.

(...) o profissional que trabalha com o treinamento de crianças e adolescentes deve ter um bom conhecimento sobre o processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial do ser humano e também sobre princípios pedagógicos e métodos de treinamento (BÖHME; RÉ, 2009, p.183)

Consideramos de extrema importância novas pesquisas referentes ao esporte escolar e a competição devido a sua execução constante em praticamente todas as escolas do território nacional, visto que o esporte é um direito legal e um dever escolar. A necessidade de mais estudos sobre o esporte escolar deve-se também ao crescimento do esporte no cenário nacional, impulsionado por eventos mundiais no Brasil (e suas consequências econômicas). Gera-se, desta forma, a necessidade de conjecturarmos processos educacionais e pedagógicos na atividade esportiva escolar (competitiva ou não), além de formas de acolher, capacitar e ajudar os profissionais responsáveis pelas atividades esportivas escolares a realizarem atividades cada vez mais benéficas à sociedade e voltadas ao pleno desenvolvimento dos alunos.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGUIAR, Wanda M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-história. In: BOCK, Ana. M. B; GONÇALVES, Maria. G. M; FURTADO, Odair. (org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

AGUIAR, Wanda. M. J; OZELLA, Sérgio. Núcleo de Significação como Instrumento para Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 26(2), p.222-245. 2006.

AGUIAR, Wanda M. J; ALVES-MAZZOTTI, Alda J; DAVIS, Claudia. L. F. Psicologia sócio histórica, clínica da atividade e teoria das representações sociais: uma articulação possível. In: ALVES-MAZZOTTI, Alda. J; AGUIAR, Wanda. M. J; FUMES, Neiza. L. F. (org.) **Estudos sobre a atividade docente: Aspectos teóricos e metodológicos em questão**. São Paulo/Maceió: EDUC; EDUFAL, 2010.

ALVES, Rodrigo N.; COSTA, Leonardo O. P.; SAMULSKI, Dietmar M. Monitoramento e prevenção do supertreinamento em atletas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 12, n. 5, p.291-296. out. 2006.

ASBAHR, F. S. F. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade. **Revista Brasileira de Educação**, nº 29: 108-118, Maio/Jun/Jul/Ago 2005.

ALVES, Rodrigo N.; COSTA, Leonardo O. P.; SAMULSKI, Dietmar M. Monitoramento e prevenção do supertreinamento em atletas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 12, n. 5, p.291-296. out. 2006.

AZEVEDO, Marco A. O.; GOMES FILHO, Arnóbio. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v.33, n. 3, p. 589-603. set. 2011.

BALBINO, Hermes F. PAES, Roberto R.; A pedagogia do esporte e os jogos coletivos In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e**

**na adolescência:** uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

BARA FILHO, Maurício G.; GARCIA, Félix G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 22, n. 4, pp.293-300. dez. 2008 .

BARRETO, J. A. **Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento**. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2003.

BETTI, Irene C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? **Motriz**, v.1,n.1, p.25-31,1999.

BETTI, M; BETTI, R. Novas perspectivas na formação profissional em educação física. **Revista Motriz**. Rio Claro/SP, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun. 1996.

BRANCO, Angela U.; SALOMAO, Sanmya J. Cooperação, competição e individualismo: pesquisa e contemporaneidade. **Temas em psicologia**., Ribeirão Preto, v. 9, n. 1, abr. 2001 .

BRANCO, Angela, U.; PALMIERI, Marcília W. A. Educação Infantil, cooperação, e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural.**Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. V. 11, n.2, p.365-378. Julho/dezembro. 2007.

BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES, Maria G. M.; FURTADO, Odair (org.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

BOCK, Ana M. B. **Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia**. São Paulo: EDUC; Cortez Editora, 1999.

BÖHME, Maria T. S. O treinamento a longo prazo e o processo de detecção, seleção e promoção de talentos esportivos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. N.21 (2/3). jan/maio. 2000.

BÖHME, Maria T. S.; RÉ, Alessandro H. N. O Talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência:** uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

BRASIL - **Por dentro do Brasil** - Esportes - Secretaria de comunicação Social da Presidência da República. 2012. Disponível em [http://www.brasil.gov.br/navegue\\_por/noticias/textos-de-referencia/politica-de-esportes](http://www.brasil.gov.br/navegue_por/noticias/textos-de-referencia/politica-de-esportes)

BRASIL. MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries): Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, L. **Políticas públicas do esporte no Brasil**: razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. Tese de doutorado em Administração Pública e Governo. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo.

CARVALHO, Maria V. C; IBIAPINA, Inês M. L. M. **A abordagem histórico-cultural de Vigotski**. In: CARVALHO, M. V. C; MATOS, K. S. A. L. (org.) Psicologia da Educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão. 2ª edição. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

COELHO, L. M; HORA, D. M. Diversificação curricular e Educação Integral. Núcleo de Estudos - Tempos Espaços e Educação Integral – NEEPHI – Universidade Feral do Estado do Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: [http://www.unirio.br/cch/neephi/textos/ligiaedayse\\_educacaointegral.pdf](http://www.unirio.br/cch/neephi/textos/ligiaedayse_educacaointegral.pdf)

DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

DE ROSE JR. A Competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v.10, n.4, p. 19-26. outubro. 2002.

DE ROSE JR. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e adolescência In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

DÓRIA, Og R; PEREZ, Maria A. (org). **Educação, CEU e cidadania**: Breve história da educação pública brasileira nos 450 anos da cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo, 2007.

DUARTE, Newton. Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: O Ser Humano na Psicologia de A. Leontiev. **Caderno Cedes**, vol. 24, n. 62: 44-64,

Campinas: abril 2004.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 4ª edição. Campinas, SP: Autores Associados. 2006.

EVANGELISTA, Fabiana D. Atividade física e peso corporal na infância e na adolescência. In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

FORJAZ, Claudia L. M.; PRISTA, Antônio; CARDOSO JR. Crivaldo G. Aspectos Fisiológicos do crescimento e do desenvolvimento: influência do exercício físico In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

GATTI, Bernadete, A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**. V.13 n.37 jan. abr. 2008.

GONÇALVES, Maria G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana. M. B; GONÇALVES, Maria. G. M; FURTADO, Odair. (org.) **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GONZALEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

GONZALEZ REY, F. L. La subjetividad: su significación para la ciencia psicológica. In: GONZALEZ REY, F. L; FURTADO, O. (org) **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

HOLZMAN, L; NEWMAN, F. **Lev Vygotsky**: cientista revolucionário. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

- KOLYNIAK, C. O esporte como objeto da educação física ou da ciência da motricidade humana. *Discorpo*, 7, 31-46, jul/dez. São Paulo 1997
- KORSAKAS, Paula. Esporte e Atividade Física na infância e na adolescência In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.
- LABRONICI, RITA H. D. D. et al. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 58, n. 4, pp.1092-1099. Dez. 2000
- Larocca, P. (1999). *A Psicologia na formação docente*. Campinas: Alínea. Simão, L.M. (1989). Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento. **Ciência e Cultura**, 41, 1195-1202.
- LOVISOLO, Hugo R. VIANNA, José A. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, pp.285-296. jun. 2011 .
- LOVISOLO, H. R.. Mediação: esporte rendimento e esporte na escola. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. VII, n.15, p. 107-116, 2001.
- MACHADO, A. A. *Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- LURIA, Alexander R. Vigotskii In: LEONTIEV, Alexis N; LURIA, Alexander R; VIGOTSKII, Lev S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11ª edição. São Paulo: Ícone, 2010.
- MACHADO, Afonso A. Agressão e ansiedade em esportistas adolescentes. In: BURITI, Marcelo A.(org) **Psicologia do Esporte**. 3ª Edição. Campinas, SP. Alínea Editora. 2009.
- MACHADO, Afonso A.; PRESOTO, Daniel. Iniciação Esportiva: Seu redimensionamento psicológico. In: BURITI, Marcelo A.(org) **Psicologia do Esporte**. 3ª Edição. Campinas, SP. Alínea Editora. 2009.
- MACHADO, Afonso A. **Psicologia do Esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARTINS, Lígia M. A natureza histórico-social da personalidade. **Caderno Cedex**, vol. 24, n.52, p.82-99, Campinas: abril 2004.

MATSUDO, Vitor. Lesões e alterações osteomusculares na criança e no adolescente atleta In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

MENDES, Alessandra D.; AZEVEDO, Paulo H. Políticas públicas de esporte e lazer & políticas públicas educacionais: promoção da educação física dentro e fora da escola ou dois pesos e duas medidas? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, pp.127-142 set. 2010

MILLEN NETO, Álvaro R; FERREIRA, Alexandre C; SOARES, Antônio J. G. Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de educação física. **Motriz: Revista de Educação Física**, v.17, n.3, p.416-423, jul./set. 2011

NOGUEIRA, Quéfren W. C. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, pp.103-117. mar. 2011

NUNOMURA, Myrian, CARRARA, Paulo D. S.; TSUKAMOTO, Mariana H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 24, n. 3, pp. 305-314. set. 2010.

OLIVEIRA, E. S. e VERENGUER, R. C. G. Esporte, Educação e Exercício da Cidadania. In: RUBIO K. (org.) **Educação Olímpica e Responsabilidade Social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. 4ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

OTUKA, Flávia S. **A Dimensão Subjetiva da Escolha Moral na Adolescência**. Dissertação de Mestrado em Educação: Psicologia da Educação - Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.2009.

PINO, Angel. A Psicologia Concreta de Vigotski: Implicações para a Educação.(pp.33-61) In PLACCO, Vera M. N. S. **Psicologia e Educação: Revendo Contribuições**, EDUC/FAPESP, 2000.

REVERDITO, Riller S.; SCAGLIA, Alcides J. et al. Competições Escolares: reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na escola. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v.11, n.1. 2008.

RUBIO, Kátia. **O imaginário contemporâneo: o atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, Kátia. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia Social**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, abr. 2006.

SANCHES, Simone M.; RUBIO, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, dez. 2011.

SANTOS, Marco A. G. N; NISTA-PICOLLO, Vilma L. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 65-78. Mar, 2011.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 12ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

SEVERINO, Antônio J. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

SIMÕES, Antônio C. A Psicossociologia do vínculo do esporte: adultos, crianças e adolescentes: análise das influências In: DE ROSE JR. (org) et al. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed. 2009.

SOARES, Júlio R. **Atividade docente e subjetividade: sentidos e significados constituídos pelo professor acerca da participação dos alunos em atividades de sala de aula**. 2011. 327f. Tese de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SOUZA, M. S. **Esporte escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal**. São Paulo: Ícone, 2009.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte**: ênfase no esporte educação. Maringá: Eduem, 2010.

VÁSQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da Práxis**. 2ª edição. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso; São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

VIGOTSKI, Lev S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, Lev S. **Teoria e Método em Psicologia**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, Lev S. **Obras Escogidas**: Tomo III. Madri: Visor, 1996.

**ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO****PARTE 1**

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?

\_\_\_\_\_

4. Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?

\_\_\_\_\_

5. Quais as séries em que atua neste ano?

\_\_\_\_\_

6. Já atuou com outras faixas etárias? Quais?

\_\_\_\_\_

7. Qual a sua carga horária atual?

\_\_\_\_\_

8. Como foi sua escolha pela Educação Física? Po que escolheu esta área?

\_\_\_\_\_

**PARTE 2**

1. Defina a competição.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. Você utiliza a competição em suas aulas? ( ) SIM ( ) NÃO  
Porque? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?

---

---

---

---

---

---

4. O que você acha da competição esportiva na educação? Qual o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?

---

---

---

---

---

5. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?

---

---

---

---

---

---

6. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( ) SIM ( ) NÃO

## **ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos questionários**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) da pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”. Entendi que a pesquisa a ser realizada é sobre o que os professores treinadores (Técnicos de Educação Física) que ministram aulas e atividades esportivas no ensino fundamental, do CEU XXXX, da diretoria regional de ensino de XXXX/SP, pensam e fazem sobre a competição esportiva em suas aulas e atividades. Afirmando ter sido esclarecido que este estudo será conduzido por meio de um questionário, garantido o sigilo dos dados e sem eventuais despesas. Concordo em ter os resultados deste estudo divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados. Declaro que obtive todas as informações e esclarecimentos necessários quanto às dúvidas por mim apresentadas para a participação nesta pesquisa.

Estou ciente de que:

- 1) Tenho a liberdade de desistir ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que eu desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- 2) A desistência não causa nenhum prejuízo a minha saúde física ou mental;
- 3) Tenho a garantia de tomar conhecimento e obter informações, a qualquer tempo, dos procedimentos e métodos utilizados neste estudo, bem como dos resultados, parciais e finais, desta pesquisa, pelo contrato com o pesquisador responsável, abaixo identificado.

São Paulo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Pesquisador: Vinícius Costa Fontes**

**Orientadora da pesquisa: Prof. Dr. Wanda Maria Junqueira de Aguiar**

**Programa de Estudos Pós-Graduados e Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

### **ANEXO 3 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das entrevistas**

Eu, \_\_\_\_\_, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) da pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”. Entendi que a pesquisa a ser realizada é sobre o que os professores treinadores (Técnicos de Educação Física e Coordenador de Esportes) que ministram aulas e atividades esportivas no ensino fundamental, do CEU XXXX, da diretoria regional de educação de XXXX/SP, pensam e fazem sobre a competição esportiva em suas aulas e atividades. Afirmo ter sido esclarecido que este estudo será conduzido por meio de entrevistas, garantido o sigilo dos dados e sem eventuais despesas. Concordo em ter os resultados deste estudo divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados. Declaro que obtive todas as informações e esclarecimentos necessários quanto às dúvidas por mim apresentadas para a participação nesta pesquisa.

Estou ciente de que:

- 1) Tenho a liberdade de desistir ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que eu desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- 2) A desistência não causa nenhum prejuízo a minha saúde física ou mental;
- 3) Tenho a garantia de tomar conhecimento e obter informações, a qualquer tempo, dos procedimentos e métodos utilizados neste estudo, bem como dos resultados, parciais e finais, desta pesquisa, pelo contrato com o pesquisador responsável, abaixo identificado.

São Paulo, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

**Pesquisador: Vinícius Costa Fontes**

**Orientadora da pesquisa: Prof. Dr. Wanda Maria Junqueira de Aguiar**

**Programa de Estudos Pós-Graduados e Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.**

### **ANEXO 3 – Questionário Técnico “A”**

**Questionário da Pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”.**

#### **PARTE I**

9. **Nome:** TÉCNICO “A”

**Telefone:**

**email:**

10. **Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?**

17 anos

11. **Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?**

3 anos (rede municipal)

12. **Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?**

Graduado na FMU em 1999.

13. **Quais as séries em que atua neste ano?**

Trabalho com a comunidade com todas as faixas etárias de 6 a 80 anos.

14. **Já atuou com outras faixas etárias? Quais?**

(Em branco)

15. **Qual a sua carga horária atual?**

8h diárias de 3ª a 6ª e aos domingos

16. **Como foi sua escolha pela Educação Física? Po que escolheu esta área?**

Sempre fui atleta e entrei na área pela faculdade que tinha com as modalidades esportivas.

**PARTE 2****7. Defina a competição.**

Por a prova ser o melhor.

**8. Você utiliza a competição em suas aulas? ( X ) SIM ( ) NÃO**

**Por quê?** Os alunos se motivam e querem melhorar sempre para a próxima oportunidade.

**9. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?**

Uma minoria dos alunos podem levar competição como resultado e quando não ganham se desmotivar.

**10. Qual você acha que é o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?**

A competição tem que ser pessoal, mostrar ao aluno sua evolução sem se preocupar com o resultado.

**11. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?**

Benefícios: melhorar a auto estima, proporciona ao aluno querer melhorar sempre o que ele realizou.

Prejuízos: O aluno só terá prejuízo se ele analisar o resultado final de uma competição que não for favorável a ele.

**12. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( X ) SIM ( ) NÃO****PARTE 3****Anotações / Comentários sobre a competição esportiva escolar (opcional).**

Quando falo em melhora, quero dizer em evolução individual, por exemplo, uma competição de natação. Um aluno ficou em 2º lugar em uma prova com o tempo de 25 segundos, um mês depois este mesmo aluno ficou em 3º lugar em outra prova, mas com o tempo de 24 segundos.

Tento mostrar a este aluno que ele evoluiu apesar do resultado ser menor e se ele continuar treinando, conseqüentemente irá sempre melhorar seu tempo e um dia ele vencerá uma prova, mas o importante é sempre sua evolução.

**ANEXO 4 – Questionário Técnico “B”**

**Questionário da Pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”.**

**PARTE I**

**17.Nome: TÉCNICO “B”**

**Telefone:**

**email:**

**18. Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?**

Há 18 anos, somente na Educação Física Escolar.

**19.Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?**

Na rede estadual 9 anos, na rede municipal 9 anos e neste CEU a 3 anos.

**20.Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?**

Sou formado na ESEF de Jundiaí 1996. Tenho pós graduação em Educação Social pela UNISOL e pós graduação em Esporte Escolar pela UnB.

**21.Quais as séries em que atua neste ano?**

Tenho turmas de EMEI e Ensino Fundamental.

**22.Já atuou com outras faixas etárias? Quais?**

Também trabalho com adultos.

**23.Qual a sua carga horária atual?**

8 horas diárias.

**24.Como foi sua escolha pela Educação Física? Po que escolheu esta área?**

Eu escolhi por sempre gostar muito de esporte.

**PARTE 2**

**13.Defina a competição.**

É o ápice do treinamento desportivo, é onde as crianças poderão colocar em prática seus aprendizados.

**14. Você utiliza a competição em suas aulas? ( X ) SIM ( ) NÃO**

**Por quê?** Para motivar os alunos e ter um “norte” para sua aula, pois quando você compete você compara rendimentos.

**15. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?**

O medo dos alunos em se confrontar com outras crianças. O medo de se expor.

**16. Qual você acha que é o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?**

Pela motivação dos alunos a respeito de melhorar seu desempenho.

**17. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?**

Benefícios: desenvolver a autonomia da criança, o pensamento lógico e a resolução de problemas.

**18. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( X ) SIM ( ) NÃO**

### **PARTE 3**

#### **Anotações / Comentários sobre a competição esportiva escolar (opcional).**

O meu trabalho na competição dos alunos é feito pelo xadrez e se dá de forma individual.

Obs\*: O meu cargo no CEU é de especialista de Educação Física e não de professor de Educação Física e dou aulas fora do horário escolar.

## **ANEXO 5 – Questionário Técnico “C”**

**Questionário da Pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”.**

### **PARTE I**

**25.Nome: TÉCNICO “C”**

**Telefone:**

**email:**

**26. Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?**

Escolar a 8 anos, mas ao todo são 11 anos e já atuei em clube e academia.

**27.Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?**

Há 8 anos, nesta escola o mesmo tempo.

**28.Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?**

Pós-Graduado em treinamento desportivo USP. Graduação Ed. Física ESEFJ, 2001.

**29.Quais as séries em que atua neste ano?**

Atuo por idade, dos 6 anos em diante.

**30.Já atuou com outras faixas etárias? Quais?**

Todas

**31.Qual a sua carga horária atual?**

10 horas diárias.

**32.Como foi sua escolha pela Educação Física? Po que escolheu esta área?**

Afinidade, paixão pelo esporte.

### **PARTE 2**

**19. Defina a competição.**

É uma disputa onde se busca a vitória, superar seus limites para ser o primeiro ou o campeão.

**20. Você utiliza a competição em suas aulas? ( X ) SIM ( ) NÃO**

**Por quê?** Porque é motivador e os alunos já se familiarizaram com ela.

**21. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?**

Na hora da derrota saber lidar com os alunos que perderam, explicar que a derrota faz parte da competição.

**22. Qual você acha que é o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?**

Prepara-los para a vida fora da escola, pois aqui fora a vida é uma competição constante.

**23. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?**

Os benefícios são os alunos serem competitivos entre eles, saberem ganhar e perder, saber que se querem ganhar tem que se preparar. Não vejo prejuízos, somente orientações erradas sobre a vitória e a derrota, fazendo com que eles não saibam perder.

**24. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( X ) SIM ( ) NÃO****PARTE 3****Anotações / Comentários sobre a competição esportiva escolar (opcional).**

(Em branco)

## **ANEXO 6 – Questionário Técnico “D”**

**Questionário da Pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”.**

### **PARTE I**

**33.Nome:** TÉCNICO “D”

**Telefone:**

**email:**

**34. Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?**

Nunca atuei na Educação Física Escolar.

**35.Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?**

No CEU a 9 anos.

**36.Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?**

Licenciatura Plena Ed. Física UMC. Mestrado Estudos do esporte USP.

**37.Quais as séries em que atua neste ano?**

Não trabalho com idade escolar.

**38.Já atuou com outras faixas etárias? Quais?**

Adultos.

**39.Qual a sua carga horária atual?**

Jornada 40hs

**40.Como foi sua escolha pela Educação Física? Po que escolheu esta área?**

Paixão.

### **PARTE 2**

**25. Defina a competição.**

Disputa entre duas equipes, para atingir um objetivo comum.

**26. Você utiliza a competição em suas aulas? ( ) SIM ( X ) NÃO**

**Por quê?** (Em branco)

**27. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?**

Controlar as ações dos alunos.

**28. Qual você acha que é o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?**

Desenvolver o espírito competitivo, responsabilidade e companheirismo.

**29. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?**

Benefícios – Desenvolvimento competitivo, responsabilidade e cooperação.

Prejuízos – Especialização precoce e desilusão.

**30. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( ) SIM ( X ) NÃO****PARTE 3****Anotações / Comentários sobre a competição esportiva escolar (opcional).**

A competição física escolar é uma importante ferramenta que o professor tem para formar seu aluno para o esporte e para a vida, mas da forma como é utilizada hoje ela está servindo como forma de promoção de professores e desilusão para os alunos, já que não conseguem se tornar atletas e muito menos assimilar a importância dos jogos como forma de crescimento pessoal. Na minha visão, hoje, a competição esportiva escolar é completamente inútil já que não está servindo nem para formar novas gerações de atletas e muito menos cidadãos com consciência da importância da prática esportiva durante a vida.

## **ANEXO 7 – Questionário Técnico “E”**

**Questionário da Pesquisa “Um estudo sobre os sentidos e significados de professores treinadores sobre a competição esportiva escolar”.**

### **PARTE I**

**41.Nome:** TÉCNICO “E”

**Telefone:**

**email:**

**42. Há Quantos anos atua na Educação Física escolar? Atua ou atuou em outro segmento da Educação Física?**

Não atuo na área de Ed. Física escolar. Atuo na área de fitness e prevenção a saúde.

**43.Há quanto tempo atua na rede estadual? E nesta escola?**

Não trabalho na rede estadual. Pela Prefeitura SP, atuo neste CEU a 3 anos.

**44.Qual a formação acadêmica? Em qual ano e instituição concluiu a formação?**

Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pela FIG – Faculdades Integradas de Guarulhos – 2002.

**45.Quais as séries em que atua neste ano?**

Meu trabalho é voltado para a comunidade em geral.

**46.Já atuou com outras faixas etárias? Quais?**

(Em branco)

**47.Qual a sua carga horária atual?**

40hs / semana

**48.Como foi sua escolha pela Educação Física? Por que escolheu esta área?**

Pela diversidade de trabalho na área, por gostar de trabalhar com o corpo no que diz respeito a qualidade de vida e saúde.

**PARTE 2****31. Defina a competição.**

Forma de colocar duas ou mais pessoas em disputa para ver quem tem o melhor preparo físico, técnico e psicológico na realização da tarefa.

**32. Você utiliza a competição em suas aulas? ( X ) SIM ( ) NÃO**

**Por quê?** Nas aulas de natação, para estimular as crianças a melhorar e ao mesmo tempo analisar rendimentos. Lembrando aos alunos que competir não significa apenas vencer.

**33. Quais as dificuldades que você encontra ao trabalhar com a competição nas suas atividades?**

No caso das minhas aulas de natação, o “entra e sai” constante de alunos fazendo com que a entrada de um aluno iniciante acabe por atrasar a evolução de um que já está mais avançado, além de outras questões físicas do equipamento “piscina/CEU”, que acabam por atrasar o aprendizado do aluno.

**34. Qual você acha que é o objetivo de trabalhar com a competição esportiva na escola?**

Trabalhar as habilidades e capacidades físicas dos alunos e nesse desenvolvimento o uso dos jogos ajuda nessa formação. A competição manifesta-se naturalmente e cabe ao professor ensinar os alunos a lidar com os resultados.

**35. Quais são os maiores benefícios ou prejuízos para os alunos em relação a competição esportiva na escola?**

Desenvolver valores como cooperação/respeito/sociabilização. O problema é quando a criança torna-se muito competitiva achando que deve ganhar a qualquer preço, nesses casos o diálogo entre professor-aluno faz-se muito necessária.

**36. Você se disporia a participar de uma entrevista, a fim de ser analisado o que você pensa sobre a competição esportiva escolar, tema de minha dissertação de mestrado? ( ) SIM ( X ) NÃO****PARTE 3**

**Anotações / Comentários sobre a competição esportiva escolar (opcional).**

(Em branco)

## ANEXO 8 – ENTREVISTA TÉCNICO ADALBERTO

**Pesquisador:** Olá Professor. Como foi explicado, o meu trabalho visa compreender como os técnicos de Educação Física de um CEU entendem e atuam o esporte competitivo escolar. Iniciamos o processo com aqueles questionários e estamos hoje aqui para aprofundarmos o tema. Eu gostaria, professor, que você me contasse um pouco como foi o seu início no esporte, e a escolha pela formação.

**Adalberto:** Nós somos Especialistas, Técnicos, e eu já estou a um bom tempo dando aula, no Estado, a Prefeitura, por volta de uns 17 ou 18 anos dando aula. A minha parte de treinamento nesse momento é a de xadrez, porque eu dou aula de alongamento e hidroginástica para a comunidade, mas a parte de treinamento é xadrez. Tenho criança de cinco anos até a idade adulta, tudo é contemplado nesse trabalho com o xadrez.

**Pesquisador:** E como foi a escolha pelo curso de formação?

**Adalberto:** Como a maioria das pessoas, eu fui atleta antes. Jogava futebol na várzea, mas jogava com bastante time, mas não segui a carreira esportiva. Para ficar na parte esportiva, continuei na Educação Física. Acho que é o que acontecia com a maioria dos meus colegas na faculdade. Você tinha uma ideia da Educação Física, e quando você começa a estudar, começa a se aprofundar, você vê que é diferente, você começa a se tornar professor, porque tem a parte didática, de treinamento, então você começa a entender a formação de Educação Física. Quando você é jovem você acha que vai lá para jogar bola, ser atleta, depois você começa a ter esse papel diferenciado para ajudar outras pessoas.

**Pesquisador:** E como fica a ligação entre o esporte, em sua competição ou não, e escola em sua proposta educacional?

**Adalberto:** O esporte eu entendo que ele tem um papel fundamental e é meio que silencioso. Se tratando de escola normal, você forma o aluno, como Matemática, português. Mas a parte de esporte, lidar com a criança, no sentido de cidadania e valores que complementam a escola e o esporte faz isso. Você não precisa estar jogando isso o tempo todo na cara da criança, porque para ser esportista a criança têm que ter um ritmo diferente, tem que ter disposição para o treino, horários para chegar, porque senão não dá para encaixar na equipe se a criança vai chegando sempre atrasada... Então isso vai dando valores que vão agregando as da escola. São valores invisíveis, silenciosos, mas que vai agregando a escola em sua função.

**Pesquisador:** E quais as grandes vantagens ou os de trabalharmos com o esporte a competição na escola?

**Adalberto:** Eu acho que o esporte dá motivação. A vida da gente é sempre feito de... Se você tem uma competição você se compara, se tem dez jogadores vai ser o décimo ou o primeiro. Eu entendo muito pela motivação. Quando eu estava dando as minhas aulas na escola com o esporte escolar, você está dando os diferentes esportes, mas você tinha uma meta, um torneozinho para participar, uma competição, isso que motivava. Porque não adianta treinar e ficar no mesmo lugar, você precisa pôr isso para fora, precisa externar isso e através do esporte, que tem a competição, você tem a comparação se está indo bem ou mal. As crianças

também tem a motivação para melhorar, e é um aprendizado para a vida, porque a vida inteira vai ser de competição. Isso nada mais é que um auxílio que ela vai ter, que a vida dela é feita de vitórias e derrotas.

**Pesquisador:** E quais as dificuldades de se trabalhar isso?

**Adalberto:** Na parte do esporte, a competição é o que menos dá trabalho, o problema são as outras coisas, quantidade de aluno, material escasso, a direção da escola que não entende a sua ideia, não compra, querem números, mas não te dão o suporte necessário, são os maiores empecilhos. A criança é o menor empecilho, talvez seja uma coisa da parte administrativa.

**Pesquisador:** E existe uma preocupação maior das escolas com os resultados ou fica uma coisa no esporte como desenvolvimento?

**Adalberto:** Depende muito de quem está gerenciando o estabelecimento, às vezes a pessoa entende o papel do professor, aí não tem muita cobrança, mas dependendo da pessoa gerenciando só quer números, perguntam quantas a gente ganhou, mas não sabe que a gente ficou doze horas com as crianças na competição com as crianças, que as crianças passaram o dia inteiro com pão e água. Cobram mas não dão o suporte necessário para que você continue.

**Pesquisador:** Uma das coisas que mais apareceu nos questionários é a dificuldade de lidar com o aluno no momento da derrota, o que acha disso?

**Adalberto:** A parte da derrota sim. Nós temos que estar trabalhando com eles o tempo inteiro. Quando você ensina uma coisa, e eles se sentem preparados para estar disputando o esporte na competição e se depara com alguém que é melhor que eles, ficam frustrados. Muitas vezes vemos em todas as escolas os que choram ou ficam nervosos, então a frustração tem que ser lidada o tempo inteiro. Mas é importante também a frustração para a criança, pois ela vai saber que não se ganha todas, não é possível ser o melhor a todo momento. Quando você está bem preparado não é que você vai ganhar, mas que você tem condições de ganhar, que pode ter algum percalço no meio do caminho, e isso é o que tentamos passar para as crianças que o importante não é vencer, o importante é ela estar disputando, ela estar competindo, acho que competir é muito melhor que vencer. E ganhar ou perder faz parte e a gente mostra para elas, mostra até para as mães, às vezes. Eu fico feliz quando ganha, mas quando perde tem muitas lições. Eu sempre trabalho com as crianças como foi a partida, o que te fez perder, e a gente monta o tabuleiro na hora e conversa. A derrota mostra mais do que a vitória, porque ela é dolorida, ela faz a pessoa crescer mais do que a vitória.

**Pesquisador:** Aproveitando que você mencionou as mães, existe uma ligação entre a família e a competição, sobre vitória ou derrota, aparecem para cobrar ou agradecer, algo assim?

**Adalberto:** Existe. O xadrez é um esporte individual e é um esporte diferenciado, é muito de intelectual, então as crianças que vêm fazer xadrez são crianças diferenciadas na escola. Dificilmente o Zé Mané lá, que não quer saber de nada vai fazer xadrez. É uma criança que quer alguma coisa, que tem um objetivo, que tem um raciocínio lógico mais rápido do que os demais, diferenciado. Na maioria das vezes tem acompanhamento familiar, no xadrez também. Há mães que se interessam, teve uma vez que a mãe foi de condução para a

competição porque não podia ir no ônibus com a gente. Perguntam sobre vitórias e derrotas, mas dentro desse processo que eu te falei, a gente vai moldando as crianças e os pais também. Eu sinto sim que tem um acompanhamento maior do que nos outros esportes.

**Pesquisador:** E você acha que o esporte tem um caráter de inclusão? De alunos com necessidades especiais, por exemplo?

**Adalberto:** Tem, o xadrez principalmente. Tinham alunos... Esse CEU aqui é um CEU mais nivelado pelo bairro, pode ser a classe C, mas tem um nível já. Outro CEU que eu estava, o CEU é colado na favela, fiquei cinco anos lá. E foi uma briga quando eu quis implementar o xadrez porque o povo lá só queria saber de futebol e Vôlei, era o que era oferecidos para eles até o momento, esportes coletivos, esportes de massa e eu quis implementar um esporte intelectual. Foi difícil com a gestão, com as pessoas, mas sempre teve umas duas coordenadoras que ganharam a minha ideia e me ajudaram a conseguir implantar e foi apresentada pelas crianças. Tinha uma garota lá, "Laurinha", de família muito pobre. Cinco ou seis irmãos, o pai foi assassinado, viviam só com a mãe, passavam fome, e essa menina ia muito mal na escola. Essa menina não conseguia escrever, não conseguia ler, ainda estava na segunda série, não tinha noção nenhuma e ela começou a fazer xadrez com a gente e ela conseguiu entender, e lá tinha letras e números, e ela conseguiu entender a mensagem, conseguiu jogar muito bem, teve destaque, foi campeã regional, tinham poucas crianças, mas era a categoria dela, foi o primeiro troféu do CEU, e todo mundo tirou foto com ela. Gestor tirou foto, na escola fizeram entrevista com e a partir daí ela mudou na escola, ela começou a se interessar e começou a entender, os professores começaram a entender ela também. Foi muito legal, porque o Xadrez resgatou essa menina para a sociedade. Através do esporte ela foi resgatada, porque ela teve um momento de destaque e a vida dela era muito sofrida, só tinha coisas negativas. Eu acho que ela não acreditava que seria possível ela ganhar alguma coisa, possível ela ter destaque na vida, possível ela ver que ela era importante também. A partir daquele momento a menina deslanchou, foi bem, ganhou outras competições, perdeu outras, mas ela se inseriu na escola através do esporte. Essa é uma história, têm milhares de histórias assim, várias outras histórias parecidas com a dela, mas a dela marcou muito para a gente, porque ela era um bichinho do mato, ela mal olhava para nós. Eu ia dar aula ela vivia se escondendo embaixo do banco, tinha conversar, conversar, conversar com ela até... Hoje você vê a menina, tem uma postura, olha no olho das pessoas, e foi o xadrez, porque ela não tinha outra coisa, ela não fazia outra coisa, fazia xadrez conosco e a escola.

**Pesquisador:** O esporte então o tem esse potencial de incluir, de fazer a pessoa crescer, mas você acha que ele também tem o potencial de excluir, de criar diferenças?

**Adalberto:** O papel do professor é importante nesse processo. Quando você está dando o esporte, o xadrez, você percebe o diferenciado, você sabe de 50 crianças quatro cinco são diferenciadas, e as 45? Eles não vão ser jogadores de xadrez, ganhar dinheiro, não vão ser atletas competidores de xadrez, mas vão ser cidadãos. Então eles vão ter derrotas na vida, talvez mais do que esses meninos, que já se destacam, aí que entra o papel do professor de não levar a competição a cabo. Você tem que moderar e saber, eles estão competindo, vão ter vitórias e derrotas, e você tem que estar mostrando para eles. É importante estar melhorando,

é importante estar estudando, porque o estudo ele faz você ser uma pessoa melhor, um jogador melhor, mas talvez tenha um limite e se eu não conseguir passar daquele limite não tem problema.

**Pesquisador:** Você acha que existe algum talento do aluno ou no aluno, algo que parece ser natural, que o professor logo percebe?

**Adalberto:** É do aluno, mas o professor tem que ter o feeling de observar, então são os dois casos. Você pode ter um talento na sua mão, mas se você não está aberto para o crescimento da pessoa você não vai ajudar ele. Tem um aluno meu aqui que está indicado, que está fazendo aula particular, está além de mim já. Tá fazendo aula particular com outros professores, porque ele tem um talento bruto, porque ele tem doze anos e a gente não sabe no que pode dar, mas ele tem condições tem todo o biótipo para se tornar um jogador de xadrez e consiga viver a vida do xadrez, então ele foi indicado, falei com a família, ela aceitou, então além de fazer aula comigo, ele faz particular, é um caso diferenciado já, já está direcionado. O que eu posso fazer eu faço, mostro sites de internet, para ensinar ele a buscar, para que a pessoa seja talvez auto-desenvolvida, para que não fique só na orientação do professor. Eu falo para os meus colegas de xadrez, gente, a gente ensina até certo ponto e você tem que dar condições para que a pessoa cresça. Não adianta ele ficar sempre na sua mão, sempre dependendo de você, você tem que criar ele, tem que dar subsídios para que ele também procure, cresça e faça além do que você poderia ensinar para ele, que ele seja melhor.

**Pesquisador:** E você acha que tem uma idade certa para começar a inserir a criança na competição?

**Adalberto:** No caso do xadrez, existem níveis diferentes de competição. Para o nível de competição que a gente faz, que é a competição escolar, qualquer idade dá, mas se ele quiser seguir competições mais difíceis, que testam mais, tem que ser desde pequeno. Por isso que eu já tenho uma basesinha e montei um horário de EMEI, cinco anos, e se você pegar a história dos grandes jogadores de xadrez eles começam nessa idade, quatro, cinco, sei anos, que eles começaram a mexer as peças com os pais, com os familiares, foram desenvolvendo, tendo criatividade e se destacaram. Então depende do tipo de competição. A competição escolar você consegue preparar a criança na idade escolar. Ele pode ter doze, treze anos, você consegue, às vezes com um pouquinho mais de trabalho, porque a pessoa começou tarde, mas se for uma competição mais dura, tem que ser mais cedo. O xadrez é muito abstrato, então existe uma coisa rústica, mas que dá para entender. A gente diz que se a criança consegue dar um laço no tênis, ela já está pronta para entender o xadrez, porque dar o laço do tênis é na forma abstrata, então ela consegue, senão ela não está madurecida ainda para o xadrez. O xadrez é muito abstrato, você tem que desenvolver técnicas, táticas, montar armadilhas, tem que ter números superiores de peças ao adversário, então tudo isso conta. Cinco, sei anos, eu acho que já está começando a amadurecer a cabeça da criança e irá ajudar em todos os segmentos, na escola, na família, na sociedade, porque ela vai amadurecendo nos dois lados, na escola e no esporte.

**Pesquisador:** O xadrez é um esporte individual, mas você acha que existe alguma diferença entre os esportes individuais e os coletivos?

**Adalberto:** Ah, tem. Tem muita, porque ele tá ali e sabe que só depende dele. No xadrez, quando vai para a competição, a gente põe as crianças sentadinhas no lugar e ela sabe que é ela ali contra o adversário, agora no coletivo é diferente, você tem que preparar outros esquemas para se preparar ataque, defesa, outra linguagem. Para atingir o grupo você precisa de outra didática e outra dinâmica, porque o coletivo não depende de uma pessoa só, todos tem que estar focados naquele objetivo. A parte individual é a pessoa em si. Às vezes eu estou dando aula, tem uma criança conversando com outra, você fala, vai depender só de você na hora, não depende de outras pessoas, se você não estiver focado... Então tem diferenças sim.

**Pesquisador:** E como você acha que os alunos ou os outros professores percebem a competição esportiva escolar?

**Adalberto:** A competição é aguardada, eles esperam a competição. Acho que é intrínseco do ser humano competir, ele já está no sangue das pessoas, e a competição é o que faz a motivação. Aí você tem uma ideia como eles estão. Que nem quando a gente aprende na faculdade, quando você ensina as crianças tem um salto, aprende rápido, aí tem uma fase que elas ficam niveladas, esse é o momento da aprendizagem, porque não consegue desenvolver. É muito interessante, não consegue desenvolver. Tá jogando, mas faz erros bestas, coisas que deveriam fazer, não fizeram. Tá, estabilizou. Aí você dá alguma coisa diferente, aí sobe, aí estabiliza. Aí você vê. Nessas horas eles estão martelando a cabeça, por que eu estou errando? Por que eu estou perdendo? O que eu fiz de errado? Eu acho que esse é o momento da aprendizagem, quando ele está estabilizado, mas estão lutando para que se suba de nível. É super legal isso aí porque a gente aprende isso na faculdade e eu consigo ver isso com as crianças também. Eu falo para os pais, eles ficam 'meu filho parou, meu filho não está amadurecendo', eu falo, calma, ele está amadurecendo, esse amadurecimento é o que fazer com que ele cresça. A gente tem essa visão, os pais não tem, né? Então nós temos que passar para as crianças e para os pais de que eles vão conseguir melhorar. Tem que ter a paciência e a maturação.

**Pesquisador:** E você acha que a competição ajuda a dar esses saltos?

**Adalberto:** Ajuda porque estimula você a ser cada vez melhor.

**Pesquisador:** Como que é a relação com as políticas públicas, vocês recebem um direcionamento, como funciona isso?

**Adalberto:** Diferente dos outros esportes, o xadrez ele consegue, os outros esportes a gente vê o pessoal sofrendo ou pastando mais. Mas o xadrez, na secretaria municipal de educação, ele virou programa, então para as competições da prefeitura nós temos o mínimo para as crianças. Vêm um lanchinho três vezes por dia para as crianças, para eles poderem comer durante o dia e tem o ônibus. Por ano tem duas formações para professores. A primeira desta Diretoria Regional de Ensino fui eu quem formou os professores. Então tem uma estrutura mínima da parte das políticas públicas que tem ajudado a gente e mantém a competição de

xadrez, e a de São Paulo é talvez a maior da América Latina, pelo número de crianças e pelo tamanho da cidade. São 31 Diretorias de ensino, em cada uma delas tem mais de mil crianças jogando. Eles jogam primeiro regionalmente, como se fosse uma peneira e de lá saem dez classificados de diversas categorias, sub-8, sub-10, sub-12, sub-14 e aí vão jogar a fase municipal, lá no Ginásio Pacaembu. Aí você enfrenta as feras, você enfrenta os dez melhores de cada DRE para ver quem é o campeão municipal. E é difícil, algumas estão bem mais avançados que nós e outras começaram a pouco tempo. Tem diretorias regionais que tem xadrez a mais de 15 anos, mas nós temos conseguindo bons resultados. Tivemos um campeão municipal sub-14, atingimos objetivos e conseguimos passar de jogadores que eram bem difíceis.

**Pesquisador:** Uma das coisas que aparecia nos questionários era a visão de certa desilusão, ou expectativa do aluno em relação à profissionalização na modalidade, você percebe isso?

**Adalberto:** Acho que a desilusão acontece mais pelos esportes coletivos, porque no individual ele vai ter que procurar por si. Tem as competições, tem torneios pela internet, mas o coletivo é mais complicado. O Top para as crianças é o centro olímpico, mas fica lá no centro de São Paulo, tem que pegar não sei quantas conduções para ir para lá. Eu me lembro de que tinha uma menina na natação que queria e ia lá. E ia sozinha. Às vezes ia com os pais dos outros, mas ela pegava para ir sozinha. Eu falava, você não tem medo, tem só doze anos, mas ela falava, ah, eu vou. Pegava três conduções para chegar, demorava uma vida inteira, não tinha lanche, não ganhava nem vale transporte. Eu entendi que os professores de lá exigiam demais das crianças. Talvez porque seja um esporte de alto nível e eu trabalhe mais com esporte escolar aqui, estão eu vejo o lado humano das pessoas. Lá a menina começou a ter um monte de problema, no ombro, começou a dar uma lesão nela, porque estava forçando demais, até que ela desistiu, não tinha motivação suficiente, não tinha uma ajuda de custo, nem o vale transporte, para comer tinha que ser do bolso dela, não podia ter falta, duas faltas perdiam a vaga. Eles selecionam muito pela exclusão. Aquela pessoa que supera essa fase ou que os pais moram mais próximos ou tem mais condições talvez esse consiga se destacar. Esse é um caso que me marcou muito.

**Pesquisador:** A competição então pode causar um stress ou uma tensão que precisa ser trabalhada com a criança, como uma característica do esporte competitivo?

**Adalberto:** Eu acho que sim, mas talvez pela falta de estrutura, falta de condições é o que faz a pessoa acabar desistindo. Aqui no CEU mesmo, embora tenha todo essa estrutura física, não dá para desenvolver um trabalho tão forte, porque faltam equipamentos. No xadrez, como eu estou isolado e tenho a minha salinha, dá para fazer meu trabalho, mas meus colegas, é difícil deles desenvolverem. Tem estrutura, mas não tem como usá-la plenamente. Tem a quadra, mas a quadra é para EMEF, escola regular. Tem a piscina, só que eles têm que dividir dois, três professores. Aí é o que eu estava falando, sai uma pessoa que tem condições daqui aí tem que ir lá ao Centro Olímpico, longe demais. Talvez esse seja um dos maiores percalços, né? Tanto que o professor enfrenta quanto o aluno enfrenta.

**Adalberto:** Você deu aula em escolas do estado, correto?

**Pesquisador:** Isso, no começo eu dei aula em escolas estaduais.

**Adalberto:** e qual a diferença que você acha que é estar lá e estar aqui no CEU?

**Pesquisador:** Lá era parte da grade curricular, eu era um professor. Aqui na parte de xadrez, mesmo sendo professor, é um lado mais técnico mesmo. Lá nós tínhamos que cumprir um programa para o governo, na escola estadual, às vezes os conteúdos programáticos que você tinha que dar vinham fechados e você não tinha como escapar muito daquilo. Aqui você faz seu planejamento de aula, vê as aulas que vai dar e tem mais liberdade. Não é um conteúdo da prefeitura que você tem que cumprir as etapas senão o aluno reprova de ano, senão você não atingiu sua meta. Aqui não tem isso, aqui é você que tem que fazer o seu diferencial, porque senão você se acomoda e fica na mesmice. Aqui você tem que correr atrás, mas para quem trabalha certo é mais uma vantagem, porque você tem mais liberdade.

**Pesquisador:** Tentando pensar na formação de professores, o que você acha importante ser considerado ou abordado na formação inicial ou continuada? A partir da sua experiência, o que você considera que precisa ser contemplado na formação sobre a competição esportiva escolar?

**Adalberto:** A importância é porque o mundo está muito dinâmico. Está sempre sendo formado, sempre uma nova formação. Hoje em dia não é só a fala do professor. Você tem que estar buscando novas coisas porque o mundo oferece bastante coisa para as crianças. Eles cobram muito da gente, porque eles leem muito. Não é que nem antigamente que o professor falava era a palavra final, um deus que sabia tudo. Hoje eles questionam a gente, eles provocam, trocam ideias. A formação continuada vai te dando subsídios para que você não fique na mesmice, use as mesmas tecnologias, acho que a importância tá aí, para que você não fique estabilizado no tempo.

**Pesquisador:** E existem elementos devem ser contemplados?

**Adalberto:** Uma coisa que eu vejo que é muito importante é a forma como você vai trabalhar, a didática, isso é muito importante. Você vê em outros cantos, são excelentes profissionais, mas não sabem passar. Eu tive professores médicos, advogados, eu sabia que o cara sabia das leis, sabe a parte de medicina, mas não teve didática e essa é a diferença fundamental dos outros profissionais para o professor. A maneira como você vai conseguir levar o conteúdo para as crianças e se surgir um empecilho, como você vai superar aquele obstáculo, então conta muito pela didática. A didática é o que faz a diferença e isso deveria ser trabalhado nas formações continuadas também, para que a pessoa veja outras maneiras de trabalhar. Eu gosto de trabalhar na parte humanitária, não sou aquele cara que cobra 100%, vai, briga, fica de mau humor se perde, eu conto muito pela parte didática, eu tive uma boa didática e acho que isso faz a diferença.

**Pesquisador:** aproveitando os exemplos, o que você acha que seria um mal professor, ou um anti-exemplo, que atuasse de forma desfavorável ao aprendizado da criança?

**Adalberto:** Talvez pela pressão que é exercida nos estabelecimentos ou é intrínseco do professor a necessidade ganhar a qualquer custo. Alguns colegas tem isso e dá para perceber.

Em todos os esportes, inclusive no xadrez, você tem como ensinar corretamente e tem como ensinar a malandragem. Eu digo para as crianças que talvez eu ensine a anti-malandragem, para se precaver, porque você tem que desconfiar, infelizmente, tem que desconfiar. Aconteceram dois casos esse ano, que a criança tinha ganhado o jogo, levantou a mão para chamar o árbitro, se distrai e nisso o adversário, que é uma criança da mesma faixa etária, move a peça. Ela perdeu e ela move a peça. Ela tira uma peça do lugar, coloca o rei na frente e o jogo continua, mas não era como estava no jogo em si. E aconteceu com a mesma escola, duas crianças diferentes. Será que foram as crianças que pensaram nisso ou teve uma malícia, uma maneira não correta de se levar uma partida? Isso aí eu não ensino, eu sempre falo para as crianças, existe derrota e vitória, a gente pode vencer ou perder se você estiver preparado e concentrado no dia do jogo, mas não vai vencer por maneiras que não seja do seu próprio meio, mas você tem que ensinar a criança a não tirar o olho do adversário, infelizmente, desconfiar um pouco, ficar de olho no tabuleiro, porque você não sabe quem pode ver e fazer uma chantagem com ele, um jogo sujo com a criança. Isso também ensina para a vida porque esse jogo em si, nesse momento da essa competição, nada mais é do que uma representação da vida que essa criança vai ter, vão ter pessoas boas e ruins no convívio com a gente e tem que desconfiar.

**Pesquisador:** Muito bom. Tem mais alguma coisa que você pensa, sente ou considera sobre o esporte, a competição e a escola?

**Adalberto:** eu acho que o esporte é fundamental, porém é difícil de mensurar os benefícios que causa para a criança e para a sociedade em geral. Na escola existem as matérias que você tem como comprovar, tá lá, tem nota, tudo e o esporte é uma coisa que ganha dentro dele, ele melhora por dentro, ele fica mais responsável, com o raciocínio lógico mais rápido, mas é difícil de você provar isso. O esporte é fundamental, só que é difícil de mostrar para a criança e para os pais que foi determinado esporte que ajudou na formação da criança. Mas o professor que tem essa consciência, e não espera aplauso todo dia, ele está consciente que o papel dele foi importante, que as crianças melhoraram e ele foi importante para aquilo. Então quando você não espera todo dia uma batida nas costas, um agradecimento, você está tranquilo, você sabe que seu papel foi importante. Agora se a pessoa espera aquele reconhecimento talvez se frustrar. Fora isso, se você está consciente da sua importância perante o grupo de aluno e perante o grupo de professores, perante os pais, você já está preparado para dar suas aulas, seu treinamento e sabe que você é importante nesse meio.

## ANEXO 9 – ENTREVISTA TÉCNICO BRENO

**Pesquisador:** Professor, gostaria que me contasse um pouco como foi a sua história com o esporte, com a educação física e como você chegou até aqui, o CEU.

**Breno:** Eu comecei a trabalhar no meu primeiro ano de faculdade. Aí como na faculdade eu sempre jogava vôlei lá, comecei a dar aula, comecei a montar umas equipes de vôlei, fui crescendo, crescendo, ganhando e ganhando campeonatos, consegui arrumar ótimos empregos, estou numa situação muito boa, graças a Deus, devido ao que eu plantei. Eu semeei e estou colhendo tudo o que eu plantei, mesmo depois de velho, o pessoal me chama para trabalhar, acha ainda muitas qualidades em mim. Sendo assim, eu procuro fazer tudo da melhor maneira possível, procuro ser amigo dos especialistas e nas escolas, que eu dou treino, procuro dar da melhor maneira possível. Hoje em dia há outra visão do professor, ou ele trabalha ou trabalha, senão... Como está sobrando gente no mercado, né, então eles poderão colocar outro a hora que eles quiserem. Você trabalhando bem tem o emprego garantido.

**Pesquisador:** Você então começou com essa paixão pelo esporte. Você sempre sentiu isso?

**Breno:** Sempre gostei. Trabalhei com futebol de salão, handebol, vôlei, basquete, mas, especificamente, me aprofundei no vôlei. Fui técnico do Pinheiros, do Palmeiras, do Tietê, do AABB e um monte de clubes.

**Pesquisador:** E chegar até a coordenação do CEU como foi?

**Breno:** No CEU é o seguinte... Eu sou muito conhecido na área de Educação Física. Aí o C. achou de me indicar pra cá. No começo eu tive algumas dificuldades, mas agora me adaptei bem, a E. me ajudou muito, e eu agora trabalho direitinho, não tem mais segredos. Desvendei todos os segredos e agora é só tocar a bola para frente.

**Pesquisador:** E como você vê essa questão, professor, do esporte competitivo escolar, a competição na escola, como você vê esse elo de esporte, competição a proposta da escola?

**Breno:** A prefeitura organiza os campeonatos, só que a gente tem que fazer as turmas de treinamento e trabalhar em cima delas. Amanhã vamos jogar a final do Pré-mirim, mas foi um trabalho meio difícil, mas no ano que vem deve ser melhor ainda.

**Pesquisador:** Difícil por quê?

**Breno:** Porque cada um estuda num horário, um estuda de manhã, outro à tarde, fica complicado por causa do horário. À noite aqui, depois das cinco horas, o pai já não deixa, a mãe não deixa. Em todos os lugares tem o mesmo problema, todos os CEUs... Colégio é diferente, principalmente o particular, que já estuda o horário que cada aluno pode e encaixa ele. É muito mais fácil trabalhar. E tem muito material também. Aqui tem material também, mas não é de primeira linha, é material que dá para trabalhar.

**Pesquisador:** E o esporte você acha que ele contribui para a educação do aluno?

**Breno:** Ah, não tenho nem dúvida. Eu trabalho há quase cinquenta anos. Quantos alunos eu tirei do vício, de fumar, de beber, de drogas. Hoje todos eles me agradecem, tudo advogado, médico. Eu dei, nesses cinquenta anos, uma contribuição enorme para a vida desses rapazes. Inclusive no meu facebook têm três mil e cem e eles me agradecem diariamente, isso eu acho gratificante.

**Pesquisador:** E como você acha que a competição funciona na cabeça do aluno?

**Breno:** A competição é o top da educação física. O máximo que eles podem é a hora que eles estão competindo. Nós temos até uma equipe muito boa aqui de Xadrez, com o professor A. , muito bom. O máximo para eles é participar de competições fora do CEU.

**Pesquisador:** E dentre essas dificuldades de trabalhar com o esporte, o que mais podemos pensar? Você levantou algumas dificuldades de se trabalhar com o esporte, tem o material, os horários dos alunos...

**Breno:** O principal é local e material. Tendo o material e o local apropriado, aí é você que tem que fazer... Aí chega até o máximo, você querendo, vai até em cima. É só se dedicar, aprofundar. Porque os professores já querem montar time, mas primeiro tem que aperfeiçoar a técnica individual de cada aluno. Depois da técnica individual você parte para o físico, depois o técnico e tático. Para chegar ao tático tem que passar muito bem pelo técnico e para isso tem que fazer muitas repetições dos fundamentos. Isso é importantíssimo. O Voleibol chegou ao alto nível justamente pela estrutura que criou e hoje desfruta dessa estrutura. Então tem um trabalho de base muito bem feito no Brasil e daí pra frente, é só trabalho.

**Pesquisador:** Você me contou que já treinou clubes, como o Pinheiros e o Palmeiras e hoje você está numa escola, quais são as diferenças em trabalhar nesses lugares?

**Breno:** O Clube dá mais condições e exige resultados. A escola te dá condições, mas se você ganhar, melhor, se não ganhar também é a mesma coisa. No clube tem que ter resultados, se não tiver... Em uns dois ou três anos você é substituído.

**Pesquisador:** Quando eu entreguei os questionários para os técnicos de educação física daqui, uma coisa que apareceu certa desilusão dos alunos, certa expectativa...

**Breno:** Quando você faz uma seleção num clube, só passa quem tem condições de ficar craque, chegando ao alto nível. Nas escolas, você precisa também pegar o melhor, porque você quer obter resultado. No meu caso eu deixo o aluno ir competir, jogar um pouquinho, mas principalmente se o treinamento é pago, você tem que pôr. Você ganha o primeiro set, pôr eles, se perder o segundo, ganhar o terceiro. Você tem que usar a malandragem para usar essas crianças.

**Pesquisador:** E você acha que o esporte pode ter então esse caráter de exclusão, ou seja, assim como ele pode incluir ele pode excluir?

**Breno:** Primeiro o professor tem que ver o lado humano, tem que ver a formação da criança. Se você for excluir, você se queima, porque aquele que você excluiu nunca mais vai se

esquecer de você e vai fazer uma má propaganda sua, “é, tá vendo, eu tive aula com o professor B. e ele nunca deixou eu jogar, me tirou fora” e joga na tua cara a vida inteira, ao passo que se ele disser “eu fiquei de fora mas ele me deu uma força e tal e hoje eu melhorei muito”, e têm muitos que eu consegui melhorar por causa do conhecimento que eu tenho do voleibol, eles me agradecem até hoje. Então o que importa é que não pode excluir. Excluir você põe a tua cabeça a prêmio.

**Pesquisador:** E pensando na inclusão de alunos com necessidades especiais, como funciona isso aqui no CEU?

**Breno:** Aqui tem o professor R. que ele faz um trabalho excelente com o pessoal deficiente. Os esportes que eles mais praticam são a natação, alongamento, caminhada, dá aulas teóricas nos ateliês, bibliotecas, passa filme. Eles estão num grande desenvolvimento e isso não é uma coisa que ele nem é obrigado a fazer, mas ele faz assim porque gosta, porque tem espontaneidade e procura fazer de uma maneira aplicada, faz porque gosta e põe o coração mesmo a trabalho dos garotos, e eles estão evoluindo muito. Garotos e garotas, tem senhoras. Aqui tem de todas as idades e todo mundo é bem recebido. Isso é até uma das normas do CEU, né? Receber bem a comunidade.

**Pesquisador:** O CEU tem esse projeto de incluir a comunidade, de abrir os muros da escola para a comunidade...

**Breno:** Esse é um projeto que tem dado muito certo. Depois que eu entrei eu tentei melhorar muito. No EMEI, na EMEF, chama o garoto, faz um campeonato com ele. Aí eles se atraem ao esporte. Aqui tá, graças a Deus, tá muito bom.

**Pesquisador:** E quais seriam os benefícios de praticar o esporte, a competição com os alunos?

**Breno:** O aluno cresce com outra visão de vida, ele se adapta muito mais fácil à sociedade e para ele, individualmente, ele vai crescer muito, tanto na parte de estudos quanto na parte esportiva. Então, se dedicando ao esporte ele vai fugir de drogas, de beber, de fumar e isso aí é muito importante. Quanto mais ele se dedicar ao esporte, mais ele foge de tudo o que é errado. Aí a importância do esporte. O Judô, por exemplo, educa muito bem o aluno, é um dos que mais educam, dá muita disciplina para o aluno, ainda mais aqui para o aluno da periferia, o esporte para ele é coisa do céu... (Risos) é coisa do CEU mesmo!

**Pesquisador:** E a questão das políticas públicas? O CEU tem a proposta da escola, e está sob a Diretoria de Ensino regional, mas como funciona esse contato de vocês com as políticas públicas?

**Breno:** A prefeitura determina as normas e você tem que segui-las. Eles enviam diariamente emails para a gente, a gente pega, olha, eles soltam os regulamentos de como deve ser feito, a gente vai e faz.

**Pesquisador:** E o que constitui, mais ou menos, esses diálogos?

**Breno:** Você vai a reuniões, tem o regulamento de todas as modalidades, possíveis alterações e você se adaptar a elas e pôr em prática e aí dá direitinho.

**Pesquisador:** E se pensarmos nesse professor que chega, que vai ter a vida dele, a história dele, as questões dele, quais, você acha, que são os maiores problemas ou dificuldades para ele?

**Breno:** A dificuldade mesmo é só no começo. Você montar a equipe de treinamento. Depois que montou, a coisa vai fluindo normalmente. É só chamar, montar, selecionar, determinar as normas, seguir as normas e eles já seguem.

**Breno:** Se pensarmos na questão da formação de professores, você acha que a questão da competição, na formação continuada, na graduação, a questão do esporte competitivo escolar é abordado?

**Pesquisador:** O segredo aí é a dedicação do professor. Se ele dedicar e fizer tudo direito, ele nunca vai ter problema. Eu trabalho há cinquenta anos com treinamento e nunca tive problema, porque sempre me dediquei você tem que se atualizando da modalidade. Surgiu alguma coisa nova, um treinamento novo... Inclusive eles vieram fazer uma clínica aqui essa semana, o Pinheiros, e o rapaz ficou até assustado, falando “pô, como você tá atualizado”. Eu respondi que é porque eu nunca descuidei, não é porque eu to velho que eu vou abandonar o que tem de novidade, o que aparece no condicionamento físico, parte técnica, parte tática, tem vários segredos, vai mudar a regra do voleibol ano que vem. Tem que estar em cima da bola, se não complica.

**Pesquisador:** E nessa sua experiência de cinquenta anos como o senhor acha que é lidar com o esporte e lidar com o aluno?

**Breno:** Pra mim é fácil porque eu já jogava. E eu já tive a sorte de começar sendo campeão da capital, e você vai se aperfeiçoando, se entusiasmando. Tem uma malandragem que você vai adquirindo com o tempo e você vai usá-la como eu uso agora. Você pega um adversário igual ao meu, só que com a experiência que eu tenho eu consigo ganhar o jogo. Você vai amadurecendo e chega uma época que você domina tudo, aí fica bem mais fácil.

**Pesquisador:** Hoje como coordenador você lidera esse grupo de técnicos...

**Breno:** O grupo aqui é excelente. Trabalha com basquete, vôlei, handebol, natação, alongamento, caminhada, ginástica artística, ginástica rítmica. Todo mundo que trabalha aqui... Foi uma sorte, eles trabalham direitinho. O trabalho com a terceira idade é muito bem feito, chama aqui melhor idade. Eles todos estão desafiados e com um bom conhecimento, já tem pós-graduação, quase todos. Estão ajudando bastante.

**Pesquisador:** Já deu algum problema entre algum professor e equipe?

**Breno:** Não, não. Demos sorte, todos trabalham direitinho. Eles são bem atentos ao trabalho e exigentes. Você cria a criança, do teu jeito, aí você leva, vai desenvolvendo.

[Entra uma funcionária do CEU servindo duas garrafas de café. Uma sem açúcar.]

**Pesquisador:** E se você tivesse que dar uma sugestão, professor, de trabalhar com um pessoal que está formando professores, qual um plano para esse mundo que eles vão ter que lidar com?

**Breno:** Nos esportes, individuais e coletivos, tem clubes em São Paulo que tem um trabalho de alto nível. E tem a parte de iniciação. O professor que quiser crescer tem que ir atrás, vai ao Paulistano, no Pinheiros, no Tietê e vê as modalidades que tem e acompanha tudo e vai amadurecendo. Se ele não fizer isso, o desenvolvimento é muito lento. A universidade dá a base, agora o resto...

**Pesquisador:** Mas você acha que tem alguma coisa que seja fundamental, mesmo que seja na faculdade, com a competição. Não sei. Por exemplo, tem uma idade para a criança começar a competir?

**Breno:** Tem. Em minha opinião, dez anos. Porque é o ideal, né? Você não pode especializar uma criança com menos de dez anos. [A funcionária nos serve café.] Dez anos é ideal, você começa a fazer um trabalho com ela, aí a criança vai embora. Eu venci na vida assim. Hoje eu tenho casa, casa boa, nova, tenho carro, minha filha é formada em hotelaria a outra vai fazer engenharia agora, mas tudo graças ao vôlei, que eu me especializei. Outra coisa, o aconselhamento profissional começa ao abraçar uma modalidade, se não ele dança.

**Pesquisador:** Uma coisa que eu me lembro de que apareceu bastante nos questionários entregues aos técnicos daqui foi a questão da derrota.

**Breno:** Esse problema, principalmente no começo, é muito difícil. A primeira vez que a criança vai jogar... Aconteceu comigo essa semana. Um colégio que eu treino. Foram jogar a primeira vez. Os meninos não estranharam, as meninas estranharam, choraram e antes de começar o jogo estavam tremendo, embora eu tenha feito um trabalho psicológico com elas e tal. Agora se é outro jogo já não acontece isso. Já vai mudando, a pessoa vai vendo que a vitória e a derrota faz parte.

**Pesquisador:** Você acha que existe um stress, uma ansiedade...

**Breno:** É ansiedade

**Pesquisador:** ...que varia com entre meninos e meninas?

**Breno:** Varia. O sexo masculino nesse ponto não sente a pressão.

**Pesquisador:** E como você faz para lidar com essa ansiedade?

**Breno:** Você tem que dar experiência para ele. Você vai marcando jogo, um atrás do outro. Passou do quarto, quinto jogo, ele já não estranha mais. Participar e competições. Perde no começo, pega experiência e ganha no futuro. Às vezes dá sorte de você pegar três ou quatro moleques bons. É que as meninas jogam bem, mas são muito novinhas, dez anos. O dos meninos é grande e eu peguei e já ganhou, não estranhou, catorze, quinze anos. Tem que saber levar. Quando você tem a experiência tem que aplicar em cima dos alunos para não ter problemas futuramente, mas eu nunca tive, graças a Deus eu sempre me dei bem.

**Pesquisador:** E uma coisa dos alunos acharem que vão se tornar atletas profissionais?

**Breno:** O M., por exemplo, foi meu aluno. Todo programa que ele vai na televisão ele fala de mim. Todo. Palestras. Ele dá palestras, inclusive para uma turma que treina comigo, ele fala de mim, que ele começou comigo, que eu peguei ele na Caixa e insistia, pedia para a professora... Até hoje ele agradece. Ele é um cara excepcional.

**Pesquisador:** Você acha que tem um olhar do professor que percebe algo no aluno que ele não percebe?

**Breno:** Lógico. Você bate a mão no aluno, se ele dá um toque você já sabe se ele é bom ou não. Na primeira aula você sabe se o cara é bom ou não. Você vê o potencial e ele em dois três meses já está jogando melhor que os outros. Eu adoro esse trabalho de iniciação. Eu sempre trabalhei... Eu trabalhei no Palmeiras, e fui técnico do adulto, mas sempre gostei de trabalhar com o trabalho de base, porque você vê o teu trabalho crescer.

**Pesquisador:** E tem um jeito do aluno, uma habilidade com a modalidade...

**Breno:** O R., que foi o primeiro jogador de vôlei no Brasil, entrou no meu facebook e colocou duas fotos dele quando ele jogava. E ele que me levou, e eu não sou o melhor técnico, quem sou eu para ele me chamar? Mas do que posso me queixar? Ele me levou para o Pinheiros e depois eu saí pelo Palmeiras, mas se eu tivesse ficado no Pinheiros eu tava rico, que ele ia largar na minha mão. E eu não fiquei por causa do Palmeiras, que não deixou sair. Aí o Palmeiras teve que ter futebol e acabaram com o vôlei.

**Pesquisador:** E qual foi um de seus maiores momentos no esporte e na competição?

**Breno:** Já fui campeão da capital de voleibol, copa Dannup, olimpíada infanto-juvenil, campeonato colegial de esportes, jogos mirins de São Paulo, Campeonato H2 Esportiva, Jogos Mirins de São Paulo, Campeonato paulista da Federação, lá ganhei vários anos, várias modalidades, eu ganhei todos os campeonatos que tem em São Paulo, ganhei mais de 400 campeonatos. Isso é muito gratificante, e continuo ganhando, se esse aqui ganhar amanhã, sou campeão de novo.

**Pesquisador:** As modalidades esportivas, as competições acontecem no CEU, dentro do CEU, e interCEUs?

**Breno:** A competição é regionalizada. Eles fazem um sábado aqui, um sábado em outro CEU, num sábado em outro, porque as quadras são ótimas.

**Pesquisador:** Mas tem um campeonato interCEU?

**Breno:** Teve um seis de setembro um aqui. Fase de classificação. Classifica dois e vai para a fase final. Amanhã fazem a final.

**Pesquisador:** Mas tem um trabalho junto com outras escolas que não são CEU?

**Breno:** Não. Tem o campeonato só do CEU e só das escolas da prefeitura.

**Pesquisador:** E você trabalha também numa escola da prefeitura?

**Breno:** Trabalhei já no estado, quarenta e cinco anos num colégio de estado. Consegui ganhar também todos os campeonatos que tem no estado de São Paulo. Nas particulares não precisa falar, porque eles dão tudo. Eu tenho uma grande coisa, uma satisfação na vida: todos os colégios que eu dei aula eu fui campeão. Todos, indistintamente, e eu dei aula em mais de 60 colégios.

**Pesquisador:** Pegando essa sua experiências, quais são as dificuldades ou maravilhas de se trabalhar numa escola particular, numa escola do estado e num CEU?

**Breno:** escola particular, a maioria hoje tem quadra coberta. Antigamente não tinha, mas as condições são muito boas, é excelente. Duas que eu dou aula o que eu peço eles compram, não tenho do que reclamar. O horário você fala quanto você quer, são tantas horas na semana e ponto. E tem uma coisa muito importante no esporte, a quantidade de horas que você trabalha. Se você trabalha uma hora por semana, você obtém um resultado, se você treina duas vezes, obtém outro, e três vezes, aí você mata a pau. O ideal é três vezes por semana. O voleibol tem seis modalidades predominantes, saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio... Você foca, no primeiro treino da semana, saque e recepção, no outro, ataque e bloqueio, no outro recepção e levantamento. No fim da semana, você usando uma hora para cada treino, dois fundamentos, e você completa o resto de tempo com os outros. Fim da semana tá tudo certinho o mesmo número de fundamentos que você treinou. Aí depois que você desenvolveu a parte de técnica individual, técnica no trabalho com a bola, aí vem a parte tática que fica mais difícil, que é onde defende, cobertura de ataque, cobertura de bloqueio. É um trabalho que em que ter mais conhecimento, senão você dança.

**Pesquisador:** E quais são as diferenças de uma escola do estado e de um céu?

**Breno:** O CEU tem uma quadra sempre boa, quadra coberta, manda o material, não é de primeira mas tem. A escola do estado não, tem o material e umas quadras, algumas com quadras cobertas excelentes, mas geralmente é mais difícil para trabalhar. Particular tem tudo. O professor tem que correr atrás, se ele não fizer isso, não rende. Tem que se dedicar e ir para cima.

**Pesquisador:** E você tinha mencionado a questão do esporte individual e do esporte coletivo. Tem diferenças?

**Breno:** O trabalho individual é feito individual, atletismo, corrida, saltos. É uma equipe, mas o trabalho é feito individualmente. Já o basquete e o vôlei é um trabalho coletivo. Você desenvolve a técnica individual, mas é um trabalho coletivo. No final é tudo igual, vai de como você faz o planejamento.

**Pesquisador:** Tem mais alguma coisa que você gostaria de comentar que eu não tenha perguntado? Sobre o esporte competitivo escolar, sobre o esporte na escola...

**Breno:** Hoje em dia o esporte tá na mídia aí, na internet, nos canais, então é a aprendizagem de observação também, esse jogo de alto nível, você vai lá e vê um monte de coisa nova,

trabalho que o cara te esconde, mas você, com a tua maior experiência você percebe e depois põe em prática. Agora o principal é dedicação. Ou em ou não vai para frente. Tem que procurar, ter conhecimento, fazer amizade com todo mundo. Tenho amizade com muita gente. O Zé Roberto quando preparou a seleção para a olimpíada de Barcelona, o ajudei lá no AABB e depois ele me falou “me ajuda aí” eu ajudei, ele me encontra na rua me abraça, o Bernardinho, o Giba, o Murilo, o Montanaro, esse pessoal me trata super bem. A Dani Lins, que está na seleção, antes da olimpíada ela ficou uma hora conversando comigo, então aonde eu vou eu sou muito bem recebido, eles colocam na tribuna de honra e isso é muito gratificante. Os árbitros todos me conhecem, lembra quando fazia a final dois times meus. Isso é muito importante para mim isso. É uma honra. E aqui é gostoso trabalhar.

**Pesquisador:** Podemos concluir que a competição na escola está a favor do aluno?

**Breno:** Lógico. Quando ele entra no treino ele já visa a competição. Se você montar uma equipe... E, por exemplo, eu tinha uma equipe que só tinha amistoso não era campeonato, e os alunos que saíram do treino falavam “eu saí porque não tinha campeonato, mas agora que tem, eu vou voltar”. Aí você ganha de acordo com o aluno, você ganha mais. Tem um direcionamento no campeonato que ele também se motiva. É o auge, o objetivo do treinamento é competição.

**Pesquisador:** e tem como um aluno se tornar um atleta profissional?

**Breno:** Não tenho nem dúvida. Você tem que levar ele para o clube e ajudar com que ele se vira. Já levei muitos. Encontrei o Xandoca, campeão lá, e ele perguntou como eu consigo até hoje, com a minha idade, vou fazer 70 anos, como manter esse trabalho meu, eu falei, não tem segredo, é só ficar em cima.

**Pesquisador:** Muito bom, professor, foi uma honra.

**Breno:** O que é isso, você está em casa. Aqui está à disposição. E você se dedicando, com um mestrado ainda, é um passo para dar aula em universidade. O primeiro professor de educação física da “Universidade X” fui eu e o primeiro da “Universidade Y” fui eu. O problema é que você, sendo técnico, não vê as crianças. Não vi minhas filhas crescerem. Trabalhar sábado e domingo, chegava domingo sete, oito horas da noite em casa. Mas faz parte, né? Mas se não fosse isso eu não teria meu carro, minha casa.

[minutos após o fim da conversa penso em uma pergunta e ligo o gravador]

**Pesquisador:** Professor, eu pensei em mais uma pergunta: o que você acha que caracteriza um mau professor? Aqui nós discutimos bastante sobre o bom professor.

**Breno:** Ele sempre tem que ter amor ao próximo, à Deus e procurar não prejudicar o concorrente, que não é nem concorrente, são todos concursados, tem procurar trabalhar em conjunto. Se ele achar que ele tá prejudicando alguém é porque ele está. Nesse tempo que eu trabalho, todo esse pessoal que prejudicou alguém está afastado de algum jeito. Você plantou, você colhe. Tem que semear, cara que não quer nada... Principalmente em esporte, se o cara não se dedicar, ele está perdido.

## ANEXO 10 – ENTREVISTA TÉCNICO FABIANO

**Pesquisador:** Professor, peço para que comece me contando um pouco como foi o seu começo no esporte, na educação física, sua formação...

**Fabiano:** Eu sempre fui esportista desde garoto, sempre pratiquei esportes, fui até atleta amador de basquete, num clube da prefeitura, que não era o clube da cidade, nem lembro mais o que era, porque o nome sempre muda, né? Aí comecei com o basquete, aí eu fui para o Palmeiras, e aí comecei a jogar nas categorias de base, joguei também nas categorias de base do esporte Ipiranga e fora isso sempre pratiquei esporte na rua, pedalava, corria, sempre fiz esporte, desde pequeno. Foi um interesse meio que por osmose a Educação Física, por ser um apaixonado pelo esporte, e eu nunca trabalhei com nada que não fosse esporte, porque eu jogava e quando entrei na educação física comecei a trabalhar, então foi essa a história, paixão.

**Pesquisador:** E nessa trajetória até aqui o CEU, como foi?

**Fabiano:** Eu entrei na faculdade de Educação física e já comecei a trabalhar com o esporte e recreação, e essa foi a única vez que eu trabalhei com criança, que são quase acantonamentos que eu ia como monitor, começando a trabalhar com a parte esportiva, fiz trabalhos voluntários com esporte, já com adultos, handebol em escola, aí a minha formação foi seguindo e eu ingressei como estagiário na OSESI, em Mogi das Cruzes, que foi onde eu me formei e do SESI Mogi das Cruzes eu ingressei na ACM de São Paulo como Estagiário e da ACM de São Paulo eu me formei, acabou meu estágio e eu comecei um curso de especialização de fisiologia do exercício, que foi quando eu comecei a me dedicar mais aos estudos, isso foi em 2002. Em 2003 foi quando eu entrei aqui no CEU, no cargo de contratado, que a prefeita Marta Suplicy ia inaugurar os CEUs e não tinha feito concurso ainda, então foi quando fez aquela contratação de urgência e foi quando eu entrei aqui na prefeitura, fiz esse um ano de contratado, aí teve o concurso, eu prestei o concurso, passei e fiquei aqui, então eu estou aqui desde quando inaugurou esse CEU.

**Pesquisador:** E o seu trabalho aqui no CEU consiste no que?

**Fabiano:** Eu trabalho praticamente com adultos, ginástica, eu trabalho basicamente com a qualidade de vida, que é corrida, ginástica, hidroginástica, treinamento funcional, essa parte de qualidade de vida, ou fitness, e tem a parte do basquete com adulto, mas o basquete é uma coisa mais recreativa, o pessoal vem, joga, eu não dou uma aula em si, eles tem mais um tempo para bater uma bola e são só pessoas acima de 18 anos, mas aqui no CEU eu trabalho principalmente com a coisa da qualidade de vida e fitness, de condicionamento físico.

**Pesquisador:** E como você acha que nós podemos pensar ou quais são as possibilidades que existem entre o esporte e a educação?

**Fabiano:** Como utilizar o esporte como um veículo de educação... No meu mestrado, quando eu fiz o mestrado, com a professora T., que estudou essa parte de treinamento a longo prazo e talento esportivo e dentro do próprio grupo de estudos que eu participava, tinha essa conotação de esporte escolar e eu tinha uma colega que estudava a fundo essa coisa de

esporte escolar, então dá para ter umas discussões. Eu acredito que o esporte, por sua origem, já é educacional. Por sua origem. O que foi acontecendo foi a forma como as pessoas entenderam o esporte dentro do contexto social. Isso, infelizmente foi mudando com o passar do tempo, principalmente se pegarmos começo da história do surgimento esportivo e infelizmente foi mudando com cada cultura. Se você pegar a visão americana, a visão canadense, a visão australiana e a visão brasileira, cada país têm uma visão completamente diferente e uma outra forma de trabalhar o esporte como forma educacional e o Brasil ainda não se definiu, nós não temos ainda isso muito claro, e isso você percebe desde a parte administrativa, do governo, até os profissionais. Aí fica complicado, mas eu acredito que o esporte é uma ferramenta muito importante para a educação. Não para chegar a ser um atleta, porque isso é uma minoria que vai ser, é um funil, e isso ninguém entende. De 30 garotos que você tem praticando esporte, você terá três que chegarão a um alto nível, estudos já mostram isso, é um funil que ocorre. O grande problema é que dos 30 chegaram três, e os outros 27? Aí é que entre a questão da educação, da formação, como cidadão, competências, a formação do corpo, o conhecimento corporal, a importância da saúde... Porque você pega agora o esporte educacional como forma de educar o garoto, mas também tem a questão da saúde.

**Pesquisador:** Pegando até o seu gancho, quais os objetivos que você acha que temos ao trabalhar o esporte na escola?

**Fabiano:** Para mim é formação de cidadão. O esporte para formar um cidadão. Se você pegar o esporte, ele tem a capacidade de trabalhar com cooperação, a competitividade, a capacidade de inserção social, a capacidade de conhecimento ambiental, a capacidade de você ter a saúde do seu corpo como forma de ter uma vivência adulta de forma saudável. O esporte vai dar todas essas direções e o grande problema é que eles não tem a inteligência de perceber isso, porque você não tem só a competitividade no esporte, você tem a cooperação. Como esse garoto vai aprender a agir em grupo? Como esse garoto vai aprender que aquela pessoa que está do lado dele é tão importante quanto ele, mas que com essa pessoa também vai haver uma competição, como ele vai lidar com isso? Ao mesmo tempo em que ele vai disputar uma vaga de emprego com aquele colega de classe, ao mesmo tempo esse colega de classe pode ajudar a fazer um crescimento. São duas coisas desse trabalho que eu vejo que não são separáveis e isso às vezes isso confunde na formação do cidadão e o garoto não tem essa concepção. Como esses dois garotos, dentro dessa formação educacional, vão saber agir dentro de uma sociedade onde tem regras? Esporte tem regras. Com o esporte você já começa a inserir "Ó, é legal basquete, é legal futebol, mas você tem que seguir certas regras". Quais são as regras? Não só do jogo, mas regras de treinamento, regras de conduta. Aí o garoto vai crescer e se formar e não vai se tornar um competidor, mas ele vai ter sempre em mente que na vida que ele tem lá fora ele tem regras no seu serviço, tem regras dentro da sua casa... e isso eu acho que se perdeu.

**Pesquisador:** E você acha que a competição ela tem a possibilidade de trazer à tona esses elementos?

**Fabiano:** Sim, eu acho que a competição, fundamentalmente dentro do processo de formação de longo prazo de um garoto, a formação esportiva em si, tem essa conotação. Porque se você não tiver a competição com esse pensamento, pra quê que serve a competição? Botar um bando de garotos para se digladiarem dentro de uma quadra, então voltamos à época romana, pior ainda, na época romana com crianças. Joga lá dentro, põe um monte de pai gritando em volta e os garotos se digladiando lá dentro e no final terão os mortos, os feridos e os vencedores e os pais vibrando. É uma Roma dentro desse processo. Eu tive muita discussão com o pessoal da universidade, eu sou muito crítico do esporte escolar da forma como ele é conduzido hoje. Acho que foi até por isso que eu dei uma afastada, porque eu vejo que a competição tem essa capacidade, porque a formação técnica, a formação de base que é o que muitos jornalistas discutem hoje no futebol, tem que trabalhar a base. Ok, mas vocês sabem como? Ah, tem que colocar os garotos para fazer toque. Isso aí tudo bem, isso é do esporte, você vai aprender a jogar um basquete, um xadrez, não tem como ele aprender a jogar sem ter a técnica, agora a competição na visão de formação, ela tem que trabalhar todas as questões, respeito à regra, respeito ao companheiro, saber ganhar, saber perder, porque nem sempre você ganha, você perde, e a decepção de uma criança que está em fase de maturação, porque você tem as fases de maturação, primeira infância, segunda infância e adolescência, como a criança vai lidar com uma situação que ele vê um pai, que não tem... Não vamos exigir desse pai, porque ele vai gritar e vai querer que o filho ganhe e diz "Pô, você não ganhou!" o garoto vai se sentir um porcaria e aí vem um professor, que existem muitos, que queria ter ganhado e diz "Você errou ali!" e a criança ali no meio. Aí vem a pergunta o que está acontecendo com a formação esportiva? Os garotos não querem mais praticar, porque chega uma hora que psicologicamente eles não suportam essa pressão. Porque não tem maturidade para suportar essa pressão. Como ele vai adquirir essa maturidade? Com essa formação. Se for para ser trabalhado, ele vai ter como desenvolver a maturidade de entender mais para frente e vai se tornar um adulto que tem condições de enfrentar essa situação. Aí o esporte teve a conotação educacional, aí você teve uma evolução junto com o processo maturacional em que o esporte não só fica na questão técnica e física, mas trabalhou o psicossocial, toda essa questão que gera o ambiente em que ele vive. Eu tenho a visão do esporte educacional principalmente com essa base.

**Pesquisador:** Dentre as dificuldades que existem no esporte educacional estão as pressões sociais e familiares, a necessidade de disciplina e da compreensão de regras, da importância do treinamento para a vitória e esse professor que tem um papel fundamental neste processo?

**Fabiano:** Nós temos um grande problema. A questão social é muito forte, porque se você pega os garotos que fazem uma formação esportiva numa escola como a Arquidiocesano é uma coisa, mas você pega um garoto que tá aqui no CEU e não come em casa, que tem desnutrição é outra. Então já existe este fator. O profissional que trabalha é a mesma coisa com qualquer setor. Você vai ao médico e se ele não tem uma condição boa de exame ele vai olhar para você e dizer "toma esse remédio e vai para casa", você está com uma doença e ele te dá remédio para outra. O professor de educação física a mesma coisa, se esse professor não tiver esse conhecimento, não tiver essa formação, essa base boa, como ele vai ensinar o garoto? Como ele vai trabalhar com o garoto se ele não tem conhecimento, por exemplo, de educação infantil, se ele não tem o conhecimento de maturação. Logicamente ele vai pegar as crianças e

não vai saber o que fazer, que é o que acontece hoje, por exemplo, vamos sair um pouco da escola e irmos para as escolinhas. Aqui no Brasil tem muita, e isso é um grande problema, a escolinha de futebol, escolinha de não sei o que. Quem trabalha com esses garotos? Ex-atletas, que não tem uma formação, que foi formado com esse pensamento competitivo, é só competição e treino, não com essa conotação de formação. Esses garotos vão cair. Aonde que tinha que estar essa abordagem mais influente? Na escola, só que hoje, a Educação Física escolar, na minha visão, tá degradada.

**Pesquisador:** E quais seriam algumas possibilidades ou forma de superação dessa problemática?

**Fabiano:** Primeiramente as formações nas universidades estão péssimas. Hoje a formação do profissional nas universidades está beirando a falência. Os professores estão saindo da universidade sem condições de trabalhar, e quando saem, saem com pouquíssimos conhecimentos sobre as áreas, porque teve que estudar diferentes setores muito por cima, muito rasos, chega ao mercado de trabalho em ter condições de trabalho, então a primeira coisa é estar na universidade. Mas é só a universidade que está com problemas? Não. A educação básica desses profissionais também está ruim, pois eles não têm uma cultura de formação de estudo nas escolas para chegar à universidade e ter condições de se formar. Para não ficar muito longe, dentro da universidade já é um grande problema. Quem está saindo e a formação que está acontecendo hoje não está boa, principalmente na formação escolar. Hoje está se formando muitos técnicos ou professores para academia e poucos professores para a escola.

**Pesquisador:** Uma das contribuições que esse trabalho planeja ter é na formação de professores, seja na graduação ou numa formação continuada, mas, a partir das limitações e possibilidades que existem, como podemos pensar esse campo a partir da competição esportiva escolar, o que poderia ter, ou o que não deveria ocorrer nessa formação, quais são elementos consideráveis a serem colocados nessa formação?

**Fabiano:** O que acontece hoje na educação física é que ela passou por uma transformação desde a época que foi introduzido o Conselho Regional, em 1996, se não me engano, a profissão foi regulamentada, só que, até então, as universidades, cada uma, trabalhavam com um currículo diferente. Eu me formei numa universidade particular, que era a Universidade de Mogi das Cruzes e o Mestrado eu fiz na Universidade de São Paulo. Eu vejo a universidade de São Paulo, faculdade de educação física e vejo o currículo de Mogi das Cruzes é completamente diferente. Aí você passa para outra universidade com outro currículo. Como vamos formar profissionais hoje, dentro de um mesmo país, com diferentes currículos sendo trabalhados nas universidades com o mesmo curso. O problema da Educação física não é se identificar como uma disciplina acadêmica, porque ela já está bem instituída, apesar da educação física englobar diferentes disciplinas de outras áreas dentro da educação física, o que faz um grande problema no pilar, a base fica muito frágil, porque você tem disciplina da física, disciplina da química, da biomecânica, que vão entrando para a educação física e que não dão uma identidade para a educação física. Então já começa o problema da identidade. Aí você tem o problema curricular, então naquela universidade eu trabalho essas disciplinas e

nessa universidade eu trabalho essas, então nessa eu vou ter a formação de um profissional e naquela vai ter outra. Ah, mas tudo é esporte. Não é. Aqui eu trabalhei seis meses de anatomia, lá é um ano, aqui a gente trabalha estrutura curricular de Educação Física escolar, aqui a gente faz uma semana de esporte escolar. Primeiramente tem que haver uma padronização curricular na Educação Física no Brasil. Aí vão falar 'Ah, Fabiano, você está com essa ideia nova', isso não é novo, isso é discutido em congressos, em livros, mas só se discute. Então a primeira coisa é sair da discussão e partir para a prática, mudar o currículo brasileiro ou no mínimo padronizar, aí você começa a pensar numa formação mais concreta do profissional. Aí com a formação mais completa do profissional você já começa a discutir o trabalho dentro das instituições escolares. Porque você já tem de onde cobrar, existe uma padronização na formação, porque isso está sendo feito de outro jeito, o que está acontecendo, onde está o erro? Porque até então você pode discutir diferentes fatores que podem estar influenciando nesse erro que está ocorrendo hoje. Eu acho que no Brasil, essa fala é complicada, agora tem a copa do mundo, é olimpíada, pronto, o esporte virou o boom mundial, vamos investir no esporte, no professor, na prefeitura... Tá, investir como? Não, tem que abrir espaço para as crianças virem, aí coloca, já vamos entrar num outro assunto, aí a gente coloca os garotos, faz uma formação esportiva e manda para onde, se aqui temos um centro olímpico que fica lá do outro lado da cidade? Então todos esses fatores se somam, você tem desde a grade curricular de Educação Física nas universidades, a formação os profissionais que estão saindo para o trabalho, a visão do esporte, dentro da escola, existe um conflito, mesmo nos PCN, nas LDBs, existe um conflito sobre o esporte escolar nessas próprias leis que regulamentam, como nós vamos trabalhar isso dentro de uma escola, se eles mesmos não sabem definir o que é o esporte escolar. Não, não pode trabalhar esporte na escola, mas tem que trabalhar as modalidades, ou não, o esporte competitivo não pode ser trabalhado na escola porque não é educacional, mas quem disse que você trabalhar com competição não é educação? Avaliar um garoto com provas é o que? Existe até uma incoerência dentro do próprio Ministério da Educação. É muita coisa que vai englobando.

**Pesquisador:** Excelente, mas pensando nesse professor que sai deste cenário, que vai se formar numa dessas universidades, que terá sua pluralidade de currículos, que estará numa instituição que talvez cobre muitas coisas de diferentes formas, com resultados ou condições ou contradições, mas quais seriam possibilidades de numa formação continuada, o que pode ser feito agora? Como ajudamos esse professor?

**Fabiano:** Cara, isso é uma coisa muito discutida hoje. O grande problema é a cultura. Você apontou a coisa de lidar com a derrota. A gente discute como fazer o garoto lidar melhor com a derrota? O próprio professor já tem essa dificuldade, tudo bem, isso aí podemos falar, porque ele tem que ter uma mentalidade que é um cunho de formação, tá, só que aí o coitado chega à escola, ele tem uma equipe e fez todo o trabalho, aí chega a diretora e fala, porque vocês perderam? Você não está trabalhando direito. Tá aí dando treino e não tá ganhando por quê? A pressão já está em cima dele. Aí vai chegar um monte de pai que diz 'meu filho vem aqui, treina, treina e só faz ser humilhado lá? Alguma coisa tá errada!'. Esse é um fator complicado. Esse para mim é o principal fator. Como lidar com isso? Capacitação? Tem pouca capacitação? Eu acredito que tenha. Eu acho que infelizmente, dentro do universo público, estadual, existe pouca capacitação para os professores, capacitação realmente de formação.

Acho que esse é um caminho, dar mais condições aos professores de uma formação mais concreta, uma extensão, ou até mesmo pós-graduações nesta área, o que eu acredito que seria um primeiro passo, uma ferramenta, mas não tem. Uma capacitação, por exemplo 'Psicologia Esportiva' que poderia trabalhar um pouco melhor essa visão, não que irá tornar o professor um psicólogo do esporte, porque não é isso, mas para que ele entenda que existe um fator psicológico que está agregado ao garoto, a derrota, a vitória, eu dentro desse universo que é a minha equipe, eu dentro desse universo que é a sociedade, os pais, isso é importante. A formação também da importância do esporte como forma de educar, como forma de trazer a formação do garoto como cidadão dentro de uma sociedade, e existem cursos, mas não tem muito acesso. O professor não tem essa condição? Financeira? Mas muitas vezes o curso é num sábado, o professor trabalha no sábado e muitas vezes eles não liberam o professor para fazer o curso. Como que querem uma capacitação do profissional, uma formação mais concreta do profissional se não dão nem a oportunidade dele se deslocar até o curso? então acho que é primeiro passo. Fora isso, acredito que falta uma ação maior dos órgãos que regem o esporte escolar, os congressos discutirem mais esse assunto, grupos de estudos, ou grupos de encontro dos profissionais discutirem mais esse assunto. Também seria uma ferramenta para ajudar esse profissional. É uma lacuna que teria que ser revista, porque estudos e pesquisas nessa área têm, tanto em Educação Física como também na área da Psicologia, você vê o pessoal estudando sobre isso, livros também não faltam sobre isso. O que eu acho que falta é a famosa lacuna entre teoria e prática, então a teoria não está chegando até o profissional, o profissional não está indo até a teoria, está havendo uma dificuldade do profissional de estar buscando essa formação maior e também, acho que é o principal, dar espaço para o profissional se desenvolver e trabalhar. Isso é um fator que não se tem. Espaço no sentido, de que a quem ele está subordinado não dá a oportunidade dele desenvolver seu trabalho, põe o profissional, a estrutura onde ele trabalha muitas vezes não oferece a oportunidade para ele ter um trabalho mais efetivo, a estrutura é restrita, você só tem aquele espaço para ser trabalhado, então ele terá que se adaptar aquele ambiente, aquele espaço e isso também já traz um stress ao profissional que irá refletir... Esses são fatores que eu observo, é complicado, a gente foi enumerar são diversos. Eu acredito, na minha concepção, o primeiro passo é acolher esse profissional que está na prática e dar oportunidade dele se desenvolver, aí você tem várias ferramentas do processo, cursos, capacitações, congressos, materiais, cultura, para que ele chegue ao fim e ele tenha a oportunidade de dar suporte para aquela criança no momento que ela precisa, e um profissional bem trabalhado, um profissional bem resolvido, um profissional bem capacitado vai saber lidar com uma criança na derrota e na vitória como vai saber lidar com o pai e como vai saber lidar com os seus superiores. Fácil não vai ser, lógico, só que eu acho que hoje esses profissionais sentem essa carência, essa carência é muito grande, então para mim esse é o processo, dar ferramentas para que esse profissional se desenvolva dentro da área profissional, mas quem dá essas ferramentas? Aí é outra discussão muito grande. Primeiro tem que haver mais parceria entre o setor público escolar com as universidades, onde está o conhecimento. Da onde que vem o conhecimento para que o profissional se desenvolva? Das universidades, onde estão sendo feitas as pesquisas. Fora isso dar oportunidade e tempo desse professor se desenvolver, senão não adianta. Eu trabalho 8h por dia, entro tal hora e saio tal hora, tem o curso, mas pode ir? Ah, não pode. Como que ele vai fazer um curso. Até

mesmo um livro. O professor não tem oportunidade nem de um maior desconto na compra de um livro. Como você vai desenvolver um profissional se você não der condições desse profissional se desenvolver? Não acho que é falta de vontade do professor, o que eu acho é que existe uma decepção do profissional dentro daquela estrutura em que ele se encontra, isso tanto na parte pública quanto na particular, então nós temos um círculo vicioso, aí entra naquilo que eu falei inicialmente. Isso é uma cultura. E como mudar uma cultura?

**Pesquisador:** E o esporte de alto rendimento, esporte competitivo, quais você acha que são as características que ele vai ter tanto de incluir como de excluir.

**Fabiano:** A parte de inclusão e exclusão. O nome já está dizendo, o esporte de alto rendimento e o esporte competitivo são os melhores, vão chegar apenas os que têm condições. Automaticamente vai haver um funil e vai haver exclusão, não tem como, e mesmo assim no Brasil isso é muito mal trabalhado, porque muita coisa ocorre por acaso, do nada o Neymar acontece, esse Neymar surge e chega lá. O que em outros países isso é trabalhado. Nós temos um grande problema de exclusão aqui, de vários talentos. E eu posso até falar com um pouco de propriedade que eu estudei isso. Há um trabalho muito mal feito, baseado em muito senso comum no qual muitos garotos, adolescentes que teriam condições de se desenvolverem serem excluídas do processo, e esse processo se chama treinamento a longo prazo, que é desde o início, no ingresso de treinamento sistemático até ele atingir o alto rendimento. Essa fase que chamam de base é treinamento a longo prazo. Porque que ocorre essa exclusão? Aí são vários fatores, profissionais mal capacitados, que se baseiam em apenas algumas variáveis ou critérios, ou só físico ou só técnico, esquecendo a questão maturacional, social, psicológica. Então esses são alguns fatores que erram nessa exclusão. O garoto que vai jogar basquete, qual a primeira coisa que eles pensam, tem que ser alto, só que você vai pegar garotos de onze anos onde um é baixo e o outro é alto. Só que eles esquecem que estão em processo de formação maturacional. Esse que é baixo vai ser grande lá na frente, esse que é baixo provavelmente é precoce e não vai mais crescer, aí o que aconteceu, ele excluiu esse inicialmente por um critério e o outro vai ser excluído lá na frente porque ele vai ser baixo. Mas ambos tinham capacidades e condições de tornarem um grande jogador, mas ele não foi avaliado.

**Pesquisador:** Podemos pensar na escola como esse lugar que inicia esse contato com o esporte?

**Fabiano:** A escola é o início de tudo, é a primeira fase de formação e promoção esportiva é na escola. Perguntam 'onde é o início da base esportiva para as crianças'? Escola. Isso pesquisas mostraram já, pega a Austrália, Canadá, vê como é o trabalho, a Alemanha, a Inglaterra, quando eles ficaram sabendo que a olimpíada seria feita lá, o trabalho que eles fizeram, olha fruto que eles colheram. A china sempre foi atrás dos Estados Unidos, até que a china começou a pensar na questão, onde ela está. Então a escola é primeiro passo, o processo inicia-se ali. Tirando a rua, que é um contato com o esporte de uma forma mais lúdica, sem regras, vou bater bola com o meu amigo, de uma forma mais sistemática a primeiro contato que eles vão ter é na escola, que é treinamento sistemático, exercícios de determinado fundamento. Essa promoção, essa palavra que ninguém põe na cabeça, a promoção desse

garoto ocorre inicialmente na escola e vai seguindo o fluxo, porque aqui nós temos uma formação esportiva onde os clubes e federações são responsáveis, então ele vai para esse clube e nesse clube ele vai continuar o processo até que ele possa atingir, ou não, o alto rendimento, mas isso não ocorre. A escola não está preparada, os profissionais não tem essa preparação, as competições escolares não estão tendo esse cunho de formação e os clubes fecharam de uma forma absurda a militância, porque é militante quem não é sócio, hoje os clubes pegam dois militantes. Como um garoto que na escola se destaca vai conseguir entrar em um clube? Não tem, então ele não vai ter condições de se formar esportivamente então chega uma hora que ele desanima.

**Pesquisador:** Como podemos pensar esse esporte na escola, mas no seu caráter inclusivo?

**Fabiano:** Inclusão na sociedade?

**Pesquisador:** Inclusão social, inclusão de pessoas com necessidades especiais...

**Fabiano:** Esporte na Inclusão? Acho que o esporte é a principal ferramenta, hoje. A Paraolimpíada, por exemplo, não tem como você dizer aquele garoto não vai fazer o esporte, ele pode até não fazer outras atividades na vida, mas o esporte vai ter um que ele consegue praticar. O esporte, por exemplo, pode tirar o garoto da rua, que estava jogando bola perto de traficante e começar um processo de treinamento dentro da escola, como a escola da família, então o esporte também tem esse cunho inclusivo, pode trazer para o garoto uma nova visão de vida. Porque ele vai começar a praticar o esporte na escola, vai começar a ter afeição pelo esporte, vôlei, futebol, vai começando a entender que toda quinta feira ele tem um compromisso, toda terça e quinta ele tem um compromisso com o treinamento, fora isso o esporte já começa a motivar ele, querer crescer na vida. Isso é muito automático. Se você consegue trazer o garoto ele vai ter vontade de se dedicar a outras coisas, e isso foi mostrado socialmente, então ele com certeza melhora na escola, melhora sua capacidade de convivência com outras pessoas. Então o esporte como inclusão é importantíssimo e, também, com um trabalho apropriado no esporte, ele vai gostar de vir à escola. Tanto aqueles garotos que tem aquelas deficiências físicas e mentais quanto para os garotos que não apresentam nenhuma deficiência, o esporte é a principal ferramenta de inclusão na escola. Não estou dizendo que as outras não sejam, senão o pessoal da cultura vai falar ah, a música, mas eu acho que o esporte é a principal ferramenta de inclusão, fora que hoje o principal fenômeno mundial que consegue colocar uma grande massa de pessoas, numa ambiente, parado, para fazer determinada coisa, é o esporte. O esporte chega a ser uma forma de disputa política porque ele consegue mobilizar uma grande massa de pessoas. O esporte é muita forte, bem trabalhado ou mal trabalhado é outra discussão, mas que você consegue uma mobilização gigantesca social, cultural, você consegue.

**Pesquisador:** Todas as questões já foram contempladas, mas deixo aberto para quaisquer comentários ou questões que eu não tenha abordado.

**Fabiano:** Eu acho que consegui discutir tudo. A minha crítica é que o esporte escolar, esporte como formação, está sendo visto de forma errada. Aí você tem todas as classes, desde o domínio público, o profissional que trabalha, das instituições, da mídia... Está sendo feito de

forma errada, continua sendo feito de forma errada, tinha uma grande chance de arrumar as coisas com esses eventos esportivos que vão ocorrer, que são de grande porte, visto de forma errada, errando novamente, mas esse ciclo vicioso só tem uma palavrinha chave: cultural. Cultural do Brasil, e não é de agora, tem muito tempo com essa visão e infelizmente... Existem muitos profissionais de altíssimo nível estudando isso, na pedagogia do esporte, escolar, mas não consegue implementar dentro da prática, infelizmente. Existem dois mundos, o que está sendo feito na universidade e o que está sendo feito fora da universidade, e isso é uma crítica que eu faço.

**Pesquisador:** Excelente. Muito obrigado pela sua participação.

**ANEXO 11 – APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/PUC/SP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE PROFESSORES TREINADORES SOBRE A COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR

Pesquisador: Vinícius Costa Fontes

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 05051612.1.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

## DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 142.186

Data da Relatoria: 24/09/2012

## Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de dissertação de mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, vinculado à Faculdade de Educação da PUC/SP.

Proposta de autoria de Vinícius Costa Fontes, sob a orientação da Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

O trabalho que visa analisar os sentidos e significados constituídos pelos professores e treinadores de um Centro Educacional Unificado (CEU) sobre o esporte competitivo escolar. A hipótese de trabalho é que a competição esportiva é percebida pelos professores e treinadores como negativa, excludente e desvinculada do processo de desenvolvimento do aluno ou exaltada pelas suas possibilidades de superação e alteridade sem um movimento crítico-reflexivo do tema. Sobre este tema, serão entrevistadas 7 professores e treinadores de um CEU de São Paulo.

## Objetivo da Pesquisa:

Analisar os sentidos e significados constituídos pelos professores que atuam num CEU (Centro Educacional Unificado) da cidade de São Paulo sobre o esporte competitivo escolar.

## Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta riscos perceptíveis aos entrevistados e entender o papel do esporte e seu caráter competitivo no âmbito educacional, compreendendo como a competição ocorre no âmbito escolar pelo viés de professores treinadores pode contribuir para auxiliar os professores a dimensionarem melhor sua atuação profissional enquanto treinadores de equipes esportivas.

## Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é adequada e interessante do ponto de vista da ética em pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão apresentados de forma satisfatória.

Recomendações:

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não identificadas pendências ou inadequações no protocolo de pesquisa ora apresentado, portanto, somos favoráveis a realização desta proposta.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do CEP-PUC/SP referenda o parecer oferecido pela relatoria.

SAO PAULO, 08 de Novembro de 2012

Assinado por:

Edgard de Assis Carvalho  
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001

UF: SP Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br